

O EMBAIXADOR FAGUNDES

ROMANCE

(Scenas da vida politica e diplomatica)

POR

UM ADDIDO DE
EMBAIXADA

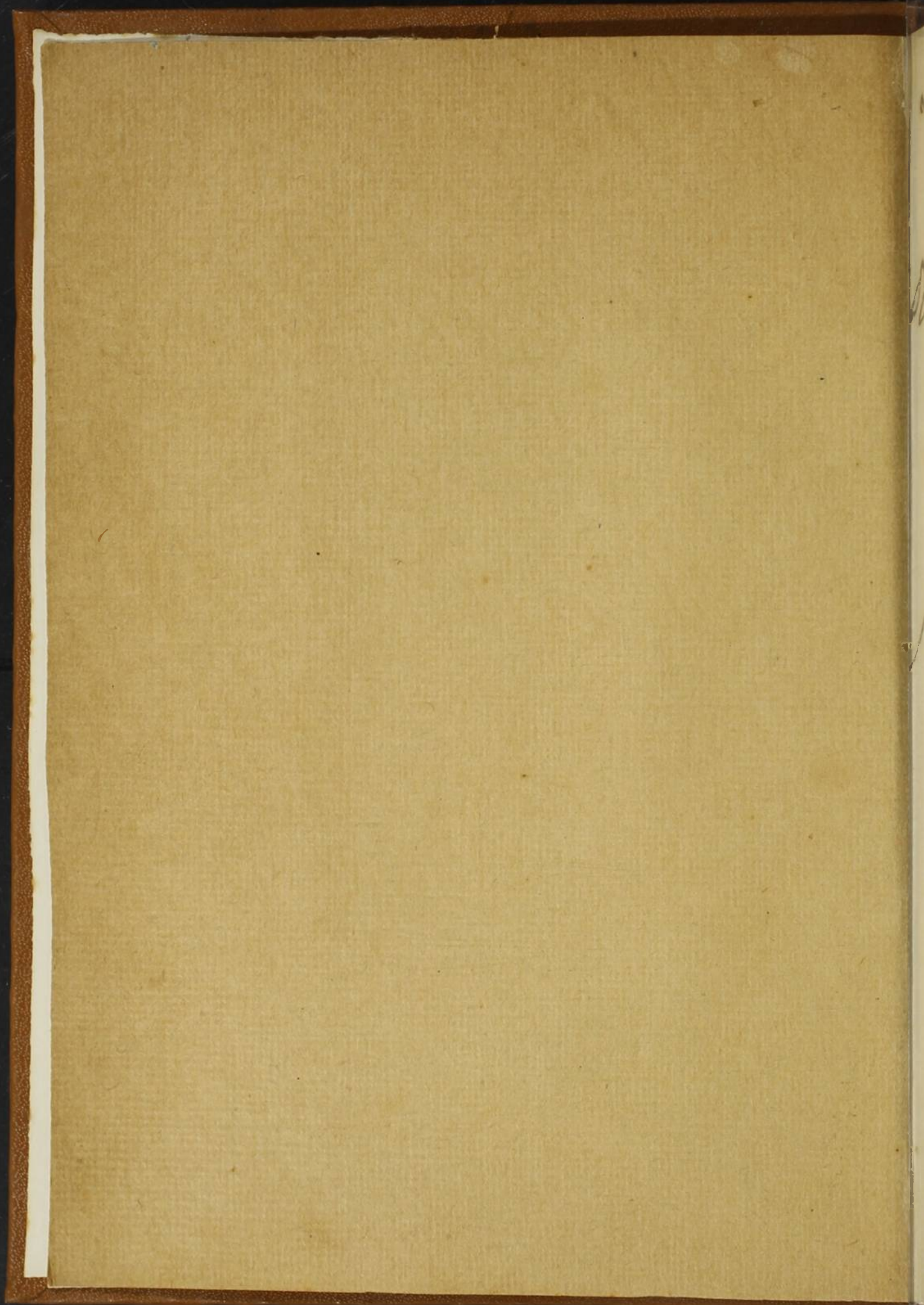
(Rubens de MELLO)



Empreza Graphica Editora - Paulo, Pongetti & Cia.

Avenida Mem de Sá - 78 - Rio - 1929





A Vargas Netto,

De a Sympetia Intellectual

Rebec de Uell

Rio, Junho de 1934.

1830
The
of
the
the
the

O EMBAIXADOR

FAGUNDES

*SCENAS DA VIDA POLITICA
E DIPLOMATICA*

POR

UM ADDIDO DE EMBAIXADA



Empreza Graphica Editora - Paulo, Pongetti & Cia.
Avenida Mem de Sá - 78 - Rio - 1929

EMBAIXADOR

FAGUNDES

SEMPRE DA VIDA POLITICA

E TRIBUTARIA

EM ABRIL DE 1813



Small, illegible text at the bottom of the page, possibly a date or reference number.

Un sot trouve toujours.....

BOILEAU.

... ..

...

A' RESPEITAVEL LEGIAO DOS
DIPLOMATAS DESCONHECIDOS,
HOMENAGEM POSTHUMA

do

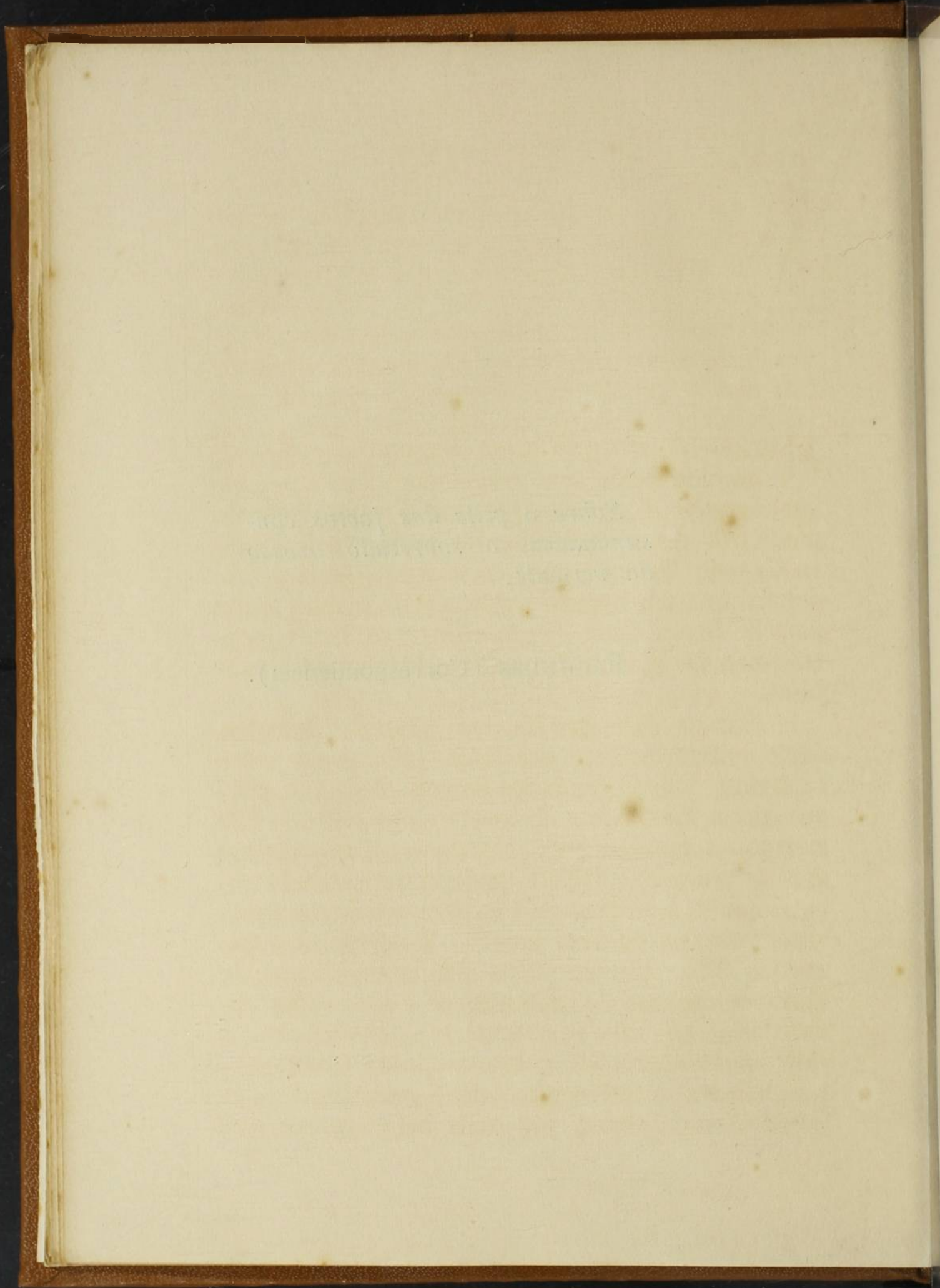
AUTOR

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

1972

Sobre a pelle dos factos consummados, o sobretudo grosso da verdade.

FAGUNDES (Correspondencia).



MANOEL Augusto Ribeiro Fagundes, mais conhecido pelos seus contemporaneos como — Embaixador Fagundes, — nasceu num logarejo ainda não identificado da então provincia de Ribeira Grande. Trouxe, pois, ao nascer a melhor credencial que um homem publico póde exhibir neste paiz de Santa Cruz — era ribeirense, isto é, conterraneo de quasi todos os Presidentes da Republica.

Não se diga, porém, que nasceu ribeirense, como outros nascem nortistas, sulistas ou montanhezes. Não! Fagundes nasceu ribeirense, porque tinha fatalmente de nascer ribeirense. Elle mesmo, já homem feito, costumava dizer nas rodas de amigos: “Como poderia ter nascido em outra parte, se vim ao mundo para occupar as mais altas posições do meu paiz!” E concluia, inspirado: “Só Ribeira, meus Senhores, dispõe de alicerces capazes de sustentar os mais solidos estadistas; só Ribeira é grande; só Ribeira é rica; só Ribeira póde governar Santa Cruz, porque Ribeira é um resumo de Santa Cruz”; e, força é reconhecê-lo, por mais heterogeneos que

fossem os grupos onde pontificava, nunca ouvi uma voz, mesmo sussurrante, que contradissem Fagundes; tal era a força da sua dialectica invencível.

Como todos os grandes homens que revolucionam a época em que vivem, Fagundes teve uma infancia obscura e descuidada. Creio até que os seus professores de primeiras letras desanimaram de inicial-o nos segredos da palavra escripta.

“E’ uma besta”! diziam, e deixavam-no com desprezo.

A humanidade foi sempre assim: passa ao pé do genio e nem sequer suspeita da sua existencia.

O Coronel Fagundes, pae do joven Manoel, pensou então empregal-o nos mistéres de sua fazendola, para os quaes o pequeno parecia demonstrar certa predilecção. Foi Dona Anninha, sua mulher, quem lhe tirou isso da cabeça. “Pois, então, nós temos um filho, um filho só, e vamos fazel-o trabalhar ao lado dos escravos? Era o que faltava!” E, num tom peremptorio, “o Manoelzinho o que tem de ser é doutor, de que não sei, nem me importa, mas doutor; se os professores dizem que elle não tem cabeça, é porque são burros; e, para lhe mostrar, quem vae ensinar Manoelzinho a lêr é esta sua creada”.

Dona Anninha, aliás, não teve grande difficuldade em convencer seu marido. Como bom coronel ribeirense, o velho Fagundes só tinha

um desejo: vêr o filho formado, e se o ameaçara com os trabalhos da roça fôra apenas para assustar o pequeno e fazel-o entrar no bom caminho.

Não quero, todavia, alongar-me no estudo dessa quadra nebulosa do meu biographado, mesmo porque o pouco que sei a respeito é completamente falho de interesse. Começarei, portanto, a historia de sua vida a partir dos bancos academicos, quando ambos, cheios de illusões e confiança no futuro, confundiamos as Institutas com as Pandectas, no estudo do secular Direito Romano.

Não me lembro bem de quando e como nos conhecemos; creio que foi numa sabbatina de Direito Penal, em que Fagundes, interrogado pelo Mestre se a pena tinha o *jus persecuendi*, isto é, se tem o direito de perseguir o autor de um crime, respondeu com um “não”, imperativo e absoluto. Ante negativa tão formal, o Lente voltou á carga, perguntando as razões em que a fundava. Foi ahi que Fagundes se impoz á turma inteira: pallido, com os labios a tremer, mas de porte erecto e voz segura, pontificou: “Não tem o *jus persecuendi* porque, sendo uma parte minima do *jus poenalis*, que por sua vez é uma ramificação do *jus publicum*, seria irrisorio attribuir-lhe qualidades de que só este ultimo póde usufruir. Do contrario, chegaríamos ao absurdo de ver a parte da parte de um todo — e tal é a pena — agindo como se fosse o proprio todo”.

Foi uma apothese. A sala inteira acclamou-o num transporte. Nunca assisti a manifestação mais ruidosa, nem mais espontanea. Furioso com o cheque recebido e impossibilitado de continuar a sabbatina, pela algazarra que se formara, o velho professor abandonou a sala, rosnando para a turma inteira: "sucia de cretinos!"

Fagundes estava consagrado. Dahi por deante não houve em toda a Faculdade estudante mais popular, nem mais considerado.

A Republica onde morava, até então relegada aos estudantes pobres e desconhecidos, passou a ser o *rendez-vous* da classe academica de São Pedro.

Está claro que não faltaram detractores para lhe macularem a gloria; houve, mesmo, um que affirmou ter visto Fagundes comprando um Dictionario Latino, para descobrir o que queria dizer *persequendi*. Calumnia! Fagundes já possuia um dictionario dessa lingua, o de Rodrigues Saraiva. Quanto ao facto de consultar esse formidavel repositorio de palavras latinas, elle proprio declarou que só o fizera para verificar se o velho Saraiva tinha dado á palavra em questão o seu verdadeiro significado. Um bicho, o Fagundes.

Depois dessa explicação, que deu por terra com os seus detractores, comprehendi que estava deante de um homem phenomenal, e dediquei-me a admirar-o; mudei-me para a sua Republica e,

como ambos fossemos filhos da gloriosa Ribeira, a nossa amizade tornou-se desde logo um facto indiscutível.

Para que se tenha uma idéa exacta do seu grande poder mental, basta dizer que Fagundes fez todo o seu curso juridico sem nunca ter aberto um livro. E' verdade que jámais conseguiu uma nota distincta, nem mesmo plenamente. Isto, aliás, se justifica facilmente: Fagundes tinha um marcado horror pelas excepções e um culto especial pela egualdade das massas. *Odiosa restringenda . . .*, dizia elle com frequencia. Uma distincção, portanto, significaria, para esse homem reaccionario, um afastamento consideravel da classe que o adorava.

“Eu prefiro ficar com a maioria”, affirmava Fagundes, em vespéras de exame. Dahi o seu curso *simpliciter*, para que os nossos collegas não vissem nelle o proposito mesquinho de achatal-os sob a força invencivel do seu formidavel talento.

Recordo-me ainda, pallido de emoção, do quináo retumbante que Fagundes atirou á sapiencia do nosso Professor de Philosophia do Direito, na banca de exames do 5º e ultimo anno.

O Conselheiro Bernardes, que leccionava essa materia, quiz leval-o á parede, arguindo-o

ferozmente sobre o ponto sorteado: o Direito e a Moral.

Como já disse anteriormente, Fagundes não abria livro. Para elle, o direito e a justiça são sentimentos innoculados no homem pelo ambiente que o cerca; logo, para estudal-os, bastava olhar a natureza e observal-a. E era o que fazia.

Muita vez encontrei-o sentado em jardins publicos, de olho pregado nas folhas que tombavam. “Que fazes ahi, Fagundes amigo?” perguntava eu cheio de interesse. “Estudo a theoria da posse”, ou então, “perco-me no labyrintho da emphyteuse”, era a resposta que me dava.

“Aquellas folhas que vês alli, cahindo”, discorria Fagundes, “ensinam melhor a theoria da posse, do que o melhor compendio de Direito Civil ou as Ordenações do Reino. A arvore é a posse mansa e pacifica; as folhas, enquanto na haste, symbolisam a cousa ou a propriedade núa; ao cahirem, porém, transformam-se em terrenos de alluvião, que vão enriquecer outras propriedades; logo, o possuidor absoluto não é aquelle que dispõe da cousa num momento dado, mas o que vier a possuil-a; em outras palavras, posse é a faculdade de dispôr hoje de uma cousa, que amanhã, talvez, pertença a outro”.

Embora a minha intelligencia não pudesse acompanhar a sua, em tão altos remigios, e o que elle dissesse fosse para mim completamente incomprehensivel, eu não podia deixar de abraçal-o, maravilhado. Fagundes era um assombro!

Mas voltemos ao quinão no professor de Philosophia do Direito. A sala dos Actos da Faculdade estava repleta de estudantes. Era a derradeira homenagem que desejavam prestar ao contemporaneo illustre, como tambem os ultimos ensinamentos que iam receber de seus labios.

Fagundes estava imponente. A sua tez bronzeada, desse bronze matte que caracteriza os verdadeiros filhos de Ribeira, não deixava transparecer o menor vislumbre de pallidez. Os seus movimentos, compassados, como de costume, tampouco reflectiam a menor emoção. Só a luz do seu olhar, perdido além das orbitas, não tinha o brilho de outros dias; era, ao contrario, mortíça e fugidia. Quem o não conhecesse, por isso, seria capaz de lhe attribuir um vago sentimento de pavor, desse pavor indefinivel que se apodera de todo estudante no momento dos actos. Puro engano. Fagundes não tinha medo, principalmente por ser cousa decidida que no quinto anno ninguem ia ao pau; quando muito, elle poderia ter uma ponta de receio, talvez justificavel, por saber quão incomprehendido era o seu talento juridico pelos mestres, fossilizados quasi todos no arduo e ininterrupto estudo da jurisprudencia.

Mas vamos ao caso. Depois de discorrer longamente sobre o direito e a moral, no tempo e no espaço, Fagundes teve a desagradavel surpresa de verificar que o examinador não comprehendera uma só palavra da sua dissertação. “O que o Senhor acaba de expôr é um amontoado de incon-

gruencias, para não dizer sandices; trate, pois, de dizer alguma coisa comprehensivel, do contrario não poderei approval-o.

Diga, por exemplo, qual é a differença entre o direito e a moral, e me darei por satisfeito”.

Outro qualquer, que não Fagundes, teria ficado desnorteado com a grosseria do Mestre. Fagundes não. Já estava acostumado.

“Como querem”, dizia elle depois dos exames, “como querem que os marrecos e outros palmipedes comprehendam os altos remigios de uma aguia real!” E sacudia os braços, como se estivesse a ensaiar um vôo ao infinito.

“Vamos”, insistiu o Mestre, “qual é a differença?”...

Fagundes ainda pensou um momento, como que a catalogar os vastos conhecimentos existentes no seu cerebro espaçoso e bem mobiliado e respondeu: “Nenhuma, illustre Mestre”.

“Que diz? Parece que não ouvi bem!”

“Ne-nhu-ma, illustre Mestre”, retrucou Fagundes, separando as syllabas.

Os collegas que se achavam na sala, e a sala estava repleta, fecharam ainda mais o circulo em torno do examinando, na certeza de quê, daquella simples negativa, sahiria provavelmente um mundo de conhecimentos novos, capaz de alterar todo o millenario edificio da sciencia juridica.

“Como é que o Senhor se atreve a proferir um dislate dessa ordem?” volveu o examinador. “Então não existe differença entre a moral e o

direito?" E sorria, escarninho, virando-se para os seus collegas de banca, como que dizendo: Vêde que grossa cavalgada me cahiu nas mãos!

"Perdão, Mestre, não foi isso o que eu disse. O que affirmei foi que entre o direito e a moral não ha differença de especie alguma, ao passo que V. Exa. acaba de dizer ter eu garantido não haver differença entre a moral e o direito. Ora, entre a moral e o direito, estou cansado de saber que ha differença; o que respeitosaamente não acceito é que se a possa encontrar entre o direito e a moral".

Não descrevo o estupor da banca de exames, nem a alegria dos nossos collegas. Basta contar que o Conselheiro Bernardes já não tinha mais o seu primitivo sorriso de debique; foi, ao contrario, com certa estupefacção que pediu ao meu amigo para "esclarecer o absurdo".

Fagundes passou a mão pela cabelleira desgrenhada e continuou: "a moral, como eu dizia, distingue-se do direito, porque é um conjuncto de faculdades que obrigam ou impedem o homem de fazer alguma cousa, ao passo que o direito é um amontoado de disposições, emanadas do homem, que garantem ao homem o exercicio das suas faculdades. A moral obriga ou impede que se faça alguma cousa; o direito garante aquillo que se faz. Ahi a differença. O homem, por exemplo, compra uma casa. Quem lhe garante o uso dessa casa? O direito, naturalmente. Mas,

se em lugar de adquirir uma casa, comprasse uma cabra, uma ovelha, ou mesmo uma leitôa, quem lhe impediria de praticar com esses animaes os actos genesicos pertinentes a todos os membros da escala zoologica? A moral, está visto. Em resumo, a moral differencia-se do direito porque compendia uma serie de actos e cousas que escapam á esphera do direito. O direito, porém, não se distingue da moral, porque, sendo muito menos lato, só comprehende os casos onde a moral reside. Tanto assim que não pode haver um direito amoral, ao passo que a moral pôde ser injusta muitas vezes”.

As ultimas palavras de Fagundes, como naquella memoravel tarde em que justificara a sua opinião sobre o *jus persequendi*, foram abafadas por um turbilhão de palmas dos collegas. Só a banca examinadora parecia não compartilhar do enthusiasmo ambiente.

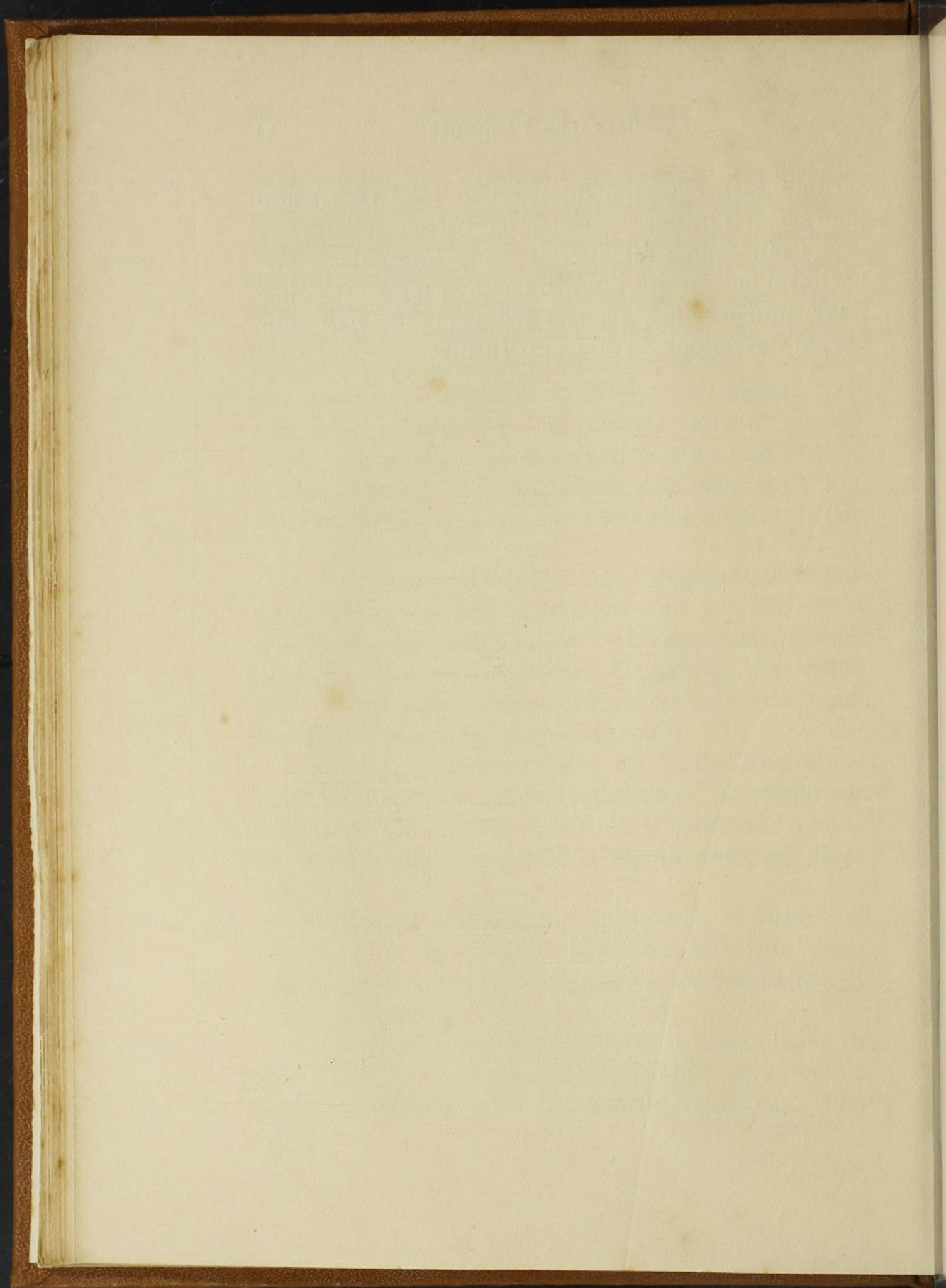
Calmos, impenetraveis, os lentes murmuraram o classico “estamos satisfeitos”, e rumaram, solemnes, para a Secretaria da Faculdade. Quanto a Fagundes, esse não chegava para os abraços.

Ulpiano, Justiniano, Papiniano, e toda essa longa serie de “anos” juridicos, tiveram nesse dia a honra de ser comparados ao incommensuravel Fagundes.

Como era de prevêr, dado o classicismo estreito dos examinadores, Fagundes foi approvado com simplesmente em todas as cadeiras. Dis-

seram nessa ocasião que só não fôra reprovado por ser o Orador Official da turma. Historias.

Com simplesmente ou não, Fagundes era bacharel em direito e tanto bastava para estigmatizar aquelles que, na sua infancia, lhe não souberam desvendar os olhos do futuro.



A solemnidade da collação de gráo desenrolou-se brilhantemente no salão de honra da Faculdade, notando-se entre os presentes o Presidente do Estado e os vultos mais eminentes da sociedade de S. Pedro.

Do primeiro ao ultimo dos assistentes, a preocupação unica era saber o que diria Fagundes no seu discurso de despedida dos bancos academicos.

Dentre os nossos collegas de turma — eramos ao todo 637 — havia alguns que receiavam da parte do orador uma série de diatribes contra os nossos professores e contra a Congregação.

Eram os que tinham feito o curso devido á exaggerada benevolencia dos mestres. A maioria, porém, não só desejava, como até esperava que Fagundes dêsse largas ao seu espirito ultra-radical e cauterizasse com a sua critica audaciosa e redemptora o ranço passadista que dominava a Academia.

Mas Fagundes não sabia guardar odios, nem a sua prudente philosophia compactuava com os ataques face a face. Aliás, só os principios e

as instituições mereciam as honras da sua critica elevada. “Os homens”, pontificava elle com frequencia, “só valem pelos principios que encarnam. Destruamos, pois, esses principios, se é que são destructiveis, e elles tombarão por terra, logo ao primeiro desmoronamento”.

Não foi, portanto, com surpresa minha que Fagundes elogiou os mestres, chamando-os de “cornucopia da jurisprudencia, graças á qual os nossos espiritos se alimentaram durante cinco annos do mais fino e substancial maná juridico”.

Mas o que importa no caso é reconhecer que o discurso de Fagundes foi a peça oratoria mais completa que até hoje se produziu sob a cupola da Faculdade. E para que não venham por ahi taxar-me de suspeição, vou reproduzir alguns topicos desse monumento byzantino, certo de que a posteridade me hypothecará o seu reconhecimento.

.....“Sim, meus Senhores, maná, e maná melhor do que o biblico, porque se este alimentou a vida material dos peregrinos no Egypto, o outro, o juridico, fertiliza o espirito, aduba as idéas e dá-lhes essa consistencia granitica que desafia todas as inclemencias do tempo e do espaço.

Quem de nós hoje se lembra do primeiro homem que, num momento de ocio, inventou os pasteis e as maravilhas? Ninguem. Nem mesmo Brillat-Savarin, esse estomago pensante, seria capaz de nol-o dizer.

Quem, no entanto, ignora o nome e as obras de um Justiniano, de um Gayus, ou mesmo de um Tiberio Coruncanio, que a historia regista como sendo o primeiro homem que exerceu publicamente o direito?

Com que prazer, ainda hoje, nos deleitamos ao compulsar as paginas já millenarias das Institutas, do Digesto, e das Novellas! Dir-se-ia, pela actualidade de suas doutrinas, que estamos deante das Ordenações do Reino ou do Codigo de Napoleão. Foi certamente a esse poder formidavel, de manter intactos os seus principios basicos, que o famoso Von Ihering chamou com muita propriedade de “força do Direito”.

Todavia, não é só por isso que o direito é grande e merece a nossa veneração. O direito é maior ainda porque preserva o fraco dos desmandos e da prepotencia dos fortes; porque ampara o povo contra as perseguições do poder e por sua vez escuda o governo contra o arbitrio das massas.

Sem o direito, meus Senhores, não haveria justiça e, sem esta, que seriamos nós? — Um amontoado inconsciente e ecclético, sem consistencia nem coesão, onde cada um trataria de arrancar do outro aquillo que não possuísse ou desejasse possuir, sem que esse outro pudesse fazer algo em defeza da sua propriedade.

Sem o direito não haveria lar, esse ninho bemdito, de que falla o poeta, onde á tarde, cansados

do trabalho, repousamos a fronte no collo de cysne de nossas esposas, ou nos braços de arminho de nossas filhas ou irmãs; sem o direito não haveria Patria, essa concepção admiravel dos tempos modernos, onde todos pagam para que os governantes gastem em bem da communitade. Sem Patria, não haveria deputados, nem senadores, nem ministro~~s~~ nem presidentes, porque não haveria parlamento, nem governo. Sem essas coisas todas, não haveria escolas, não haveria, por consequente, esta Faculdade, nem professores, nem estudantes, nem bachareis em direito. Que caimidade, meus Senhores!

Para que haja tudo isso, portanto, faz-se mistér que trabalhemos sem desfallecimentos, afim de sustentar as columnas medievaes sobre as quaes repousam a cimalha da jurisprudencia e a tranquillidade universal.

Entretanto, seria aconselhavel que fossemos armados daqui com a picareta das idéas novas, para destruímos alguns preconceitos remanescentes do passado, que entravam a marcha da civilização juridica. Como justificar por exemplo, a existencia da venda que cobre os puros olhos da virginal Justiça? E' um anachronismo, meus Senhores. Comprehende-se que a Justiça fosse cega em outros tempos, para se não rebellar contra o que della faziam os senhores feudaes. Hoje, porém, sob a luz da egualdade perante a lei, tal venda é um escarneo aos sentimentos da propria

Justiça. Desvendemol-a, pois, e deixemol-a, de olhos abertos, decidir-se pelos sagrados ditames da sympathia humana.

.....

Mestres e Amigos,

E' chegado o momento atroz das despedidas. Sôa na cathedral do tempo a hora da separação. Foi o direito que nos juntou e é o mesmo direito que nos desune agora. Paciencia. Conformemom-nos com os seus designios, que são sempre sabios e justos. Partamos, Levemos, porém, comnosco o gladio da jurisprudencia, porque sem elle não poderemos enfrentar a hydra que engendra os crimes e as revoluções. E se, por acaso, na lucta, a sua lamina se quebrar de encontro ás asperezas desse monstro, não nos deixemos abater. Joguemol-o para o lado e reconheçamos á hydra fóros de direito. Não vae nisso desrespeito algum aos principios que defendemos, porque o direito é a força que destróe a propria força; logo, toda força que destróe o direito, transforma-se em direito, assim como a serpente que devora outra serpente se transforma em dragão.

Serpens nisi serpentem comederit non fide draco".

11 / T

De posse dos nossos respectivos diplomas e do rubi symbolico, regressámos a Ribeira, cheios de esperança e de saudade da passada vida academica. Fagundes dirigia-se a Covanca, séde da Promotoria que lhe arranajara o Pae, já então chefe politico de regular prestigio nessa localidade. Eu, a Tres Lagôas, onde minha familia me acenava com um futuro brilhante na advocacia. Não tocarei nos ultimos adeuses de Fagundes na estação, nem commetterei a levianidade de mencionar o que se passou durante o seu embarque. Quando muito, citarei alguns versos que Fagundes, com os olhos vermelhos de pranto, improvisou ao despedir-se:

Adeus, Suzanna querida,
Tu ficas e eu vou-me embora,
Por isso minh'alma chora
O pranto da despedida.

Basta esta quadrinha, que o doce Casimiro assignaria com prazer, para demonstrar que Fagundes teria sido tambem um grande lyrico, se os affazeres da politica e da diplomacia lhe tivessem deixado vagar.

A estréa de Fagundes no Jury foi um verdadeiro acontecimento. O crime que ia ser levado á luz do Tribunal era desses que a penna difficilmente póde relatar.

Tratava-se de um marido que estrangulara sua legitima companheira de dez longos annos de convivencia, sob o futil pretexto de tel-a surpreendido no banheiro, em trajas visivelmente menores, palestrando com um desconhecido.

Praticado o crime, o seu autor, o bombeiro da localidade, de nome José Venancio, atirou o corpo da pobre victima numa cisterna que havia nos fundos da casa, certamente com o intuito de fugir ao castigo inexoravel da justiça.

Os urubús, no emtanto, encarregaram-se, dias depois, de descobrir o corpo de delicto, como dizem os tratadistas, e, á vista dos restos inanimados daquella que em vida fôra sua esposa amantissima, Venancio não teve outro remedio senão confessar tudo, allegando que agira daquella forma cruel, por suspeitar da fidelidade de sua consorte.

Excusado é dizer que na Covanca não se falou de outra cousa durante varios mezes.

No dia do julgamento, portanto, a comarca inteira expremia-se na apertada sala do Tribunal local. Não era propriamente o crime em si que levava a gente da Covanca a abandonar os seus affazeres diuturnos. Um mediano psychologo atinaria logo que a causa daquelle reboliço era a curiosidade de assistir ao primeiro combate verbal entre o novo promotor e o velho advogado, o Dr. José Gonzaga, celebre pela unica defeza que fizera vinte annos antes.

Não preciso dizer que me achava tambem entre os assistentes; Fagundes convidara-me dias antes, por telegramma, para “testemunhar e compartilhar do seu primeiro triumpho como Promotor”.

“Tem a palavra o Sr. Representante do Ministerio Publico”, gritou o Presidente do Tribunal, após a leitura do volumoso processo. Fagundes estava pallido e nervoso. Não obstante, levantou-se com certa solemnidade, endireitou o collarinho e começou a fallar.

As suas primeiras palavras foram ditas em voz quasi imperceptivel. O proprio Presidente, que se achava ao lado, levou a mão em concha á orelha e nem por isso parecia estar ouvindo. Pouco a pouco, porém, a emoção foi desapparecendo e a sua voz, clara e sonóra, dominou o auditorio.

Recordo-me ainda, com arrepios de gozo, das palavras formidáveis e convincentes com que abordou a peroração:

—“ Senhores jurados, esse homem que aqui está no banco dos réos, com a cabeça apoiada na mão assassina, não é uma figura humana, é um desses individuos que só encontram classificação na escala zoologica onde se acham os leões, os tigres e as pantheras. Não é um homem, é um monstro apocalypticó.

Pois bem, esse monstro que está deante de vós, em simulada attitude de quem descansa das fadigas de um dia de trabalho, praticou o crime mais hediondo de que ha noticia nos annaes da historia.

Esse monstro, Senhores jurados, esganou a esposa inerme, loira e formosa moça de 28 annos apenas, com o mesmo sangue frio, com a mesma crueldade, com a mesma inconsciencia com que as cosinheiras de antanho degollavam as gallinhas e os perús para saciar a fome dos convivas de Balthasar.

E por que, meus Senhores? — Porque encontrou a esposa, a delicada companheira dos dias de bonança, em trajés menores, no banheiro. Que trajés deveria ,então, usar a pobresinha num logar dessa natureza? O manto rendado das Rainhas? O vestido de seda das castellãs do Imperio?”

“Perdão!” interrompeu o advogado da defesa, “V. Ex. esqueceu-se de dizer que no banheiro

havia tambem um homem, um desconhecido, que foi o causador da tragedia”.

“Não foi tai”! replicou Fagundes, inspirado, “estivesse a pobre victima vestida no momento do delicto e a estas horas nenhum de nós estaria aqui, contemplando um assassino. Logo, foram os tra-
jes menores, e não a presença de um estranho, que provocaram a catastrophe”.

Um zum-zum de aprovação percorreu a sala inteira.

Fagundes continuou: “Esse bandido, não contente de estrangular a mãe de seus futuros filhos, ainda villipendiou o seu delicado cadaver atirando-o a uma cisterna immunda, trauteando talvez alguma canção de amôr...

Vós que tendes filhas, Senhores jurados, vós que tendes mães e que tambem tendes esposas amantissimas, não permittaes que esse typo clas-
sico de criminoso nato passeie a sua impunidade pelas estradas virtuosas e castas da nossa castissi-
ma Covanca. Condemnae-o, Senhores jurados, condemnae-o ás penas ultimas do nosso Codigo, mesmo que a defeza, meliflua como sempre, venha balsamificada nas theorias vetustas dos Ictos Romanos”.

A eloquencia de Fagundes empolgara a asistencia. O proprio réo, commovido, chorava copiosamente.

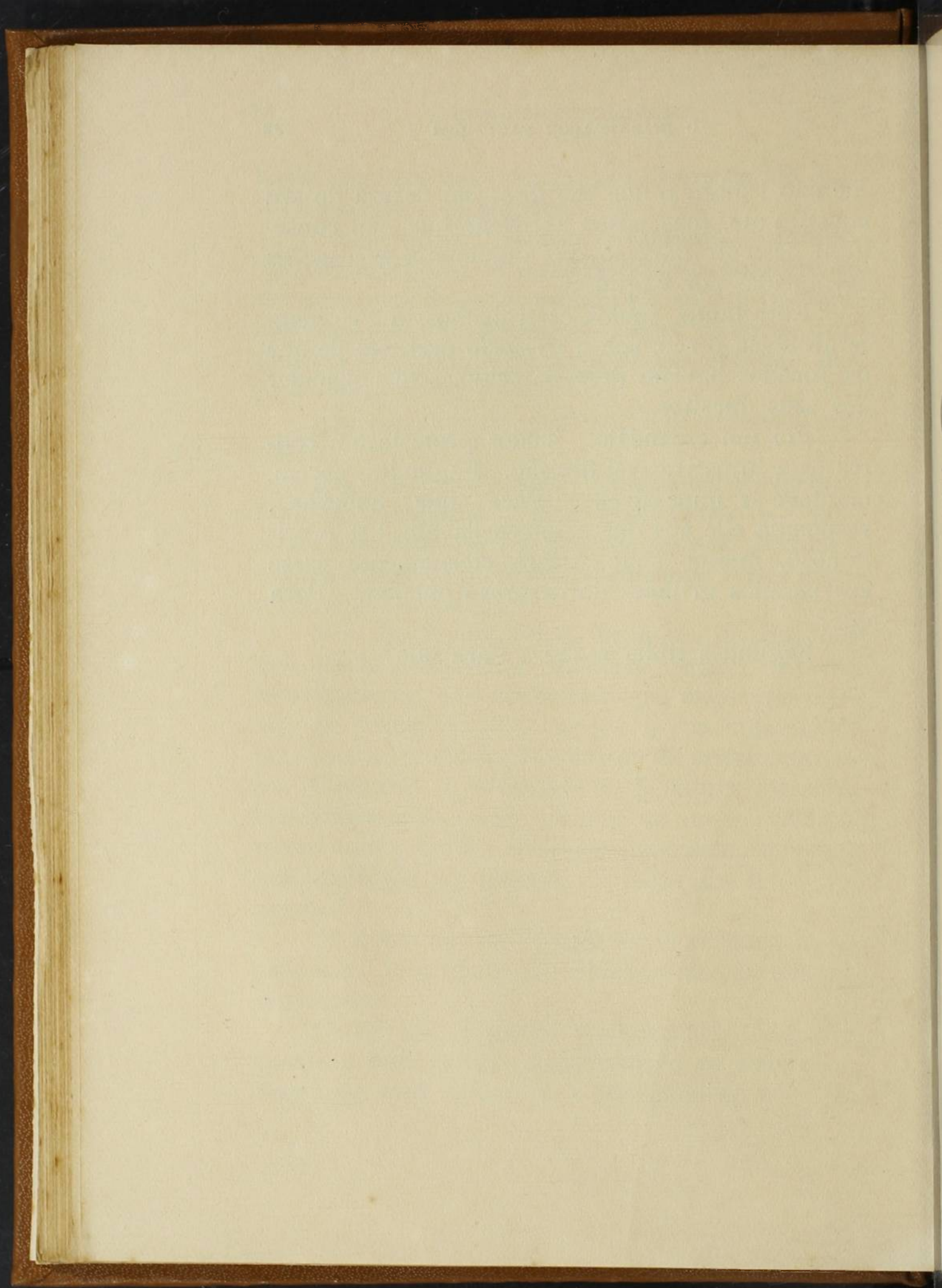
Depois do descanso regulamentar, que deu ensejo a uma grande manifestação ao Promotor, seguiu-se com a palavra o advogado do réo. Já

me não lembra o que elle disse em defeza do seu constituinte, mas posso affirmar que não conseguiu destruir uma só das innumeradas accusações formuladas por Fagundes.

Entretanto, findos os trabalhos, o Presidente absolveu o réo, sob o irrisorio pretexto de que os Jurados haviam desaparecido, sem responder aos seus quesitos.

Foi um escandalo. Todos protestaram contra essa injustificavel decisão. Fagundes, porém, manteve-se impassivel. “Para que appellar”, respondia elle aos que o interpellavam, “se o criminoso, mesmo solto, ficará eternamente preso aos pesados grilhões do desprezo publico? Para que?”

Fagundes tinha razão. Para que?



O governo de Ribeira Grande tem entre outras muitas virtudes a de saber dar aos seus correligionarios o logar que lhes compete na escala hierarchica do talento. Tanto assim que, vinte e quatro horas depois das eleições para renovar o legislativo estadual, Fagundes teve a grata surpresa de se vêr promovido a Juiz de Direito em Poço Fundo, um dos mais altos cargos da magistratura de Ribeira. Nada mais justo, aliás. Covanca era reconhecida até então como o principal reducto das forças opposicionistas do Estado. Havia mesmo varios annos que os candidatos do governo eram alli vergonhosamente derrotados.

Pois bem, Fagundes chegou ao logar, assumiu a Promotoria e pôz o seu verbo a serviço do Governo. Tres mezes depois realizaram-se as eleições. Que fez o meu grande amigo? Fechouse no collegio eleitoral e deu ordens á policia para que não deixasse entrar pessoa alguma. A's seis horas da tarde desse mesmo dia, Fagundes, esfalfado mas satisfeito, enviava ao governo o seguinte telegramma:

“Chapa governista victoriosa cinco mil votos, isto é, unanimidade absoluta. Forças opposição prevendo derrota abstiveram-se comparecer urnas pretextando coacção minha parte. Posso assegurar palavra honra pleito correu maior liberdade tendo eu proprio fiscalizado serviço policiamento. Covanca festiva, radiante, congratula-se illustre abnegado chefe governo estadual”.

Não é intuito meu deter-me em todos os postos occupados por Fagundes no decorrer da sua brilhante carreira publica, nem mencionar os thesouros de sabedoria por elle distribuidos no exercicio desses cargos; para tal, seriam precisos varios volumes de grosso formato e a penna de um historiador a Nabuco, que infelizmente não possuiu. Sim, porque a vida de Fagundes é a historia mesma da Republica nas suas phases mais brilhantes. Foram as luzes desse inegualavel espirito que illuminaram todos os acontecimentos que então se passaram, desde os mais insignificantes, como a votação em massa dos orçamentos, aos mais complicados e perigosos, como, por exemplo, a jugulação da revolta dos marinheiros. Mas já que não possuiu os predicados de perfeito historiador, necessarios a tal prebenda, contento-me com agrupar os factos mais importantes da vida do meu biographado, na persuasão de que os historiadores futuros saberão, como Virgilio, aproveitar o material fornecido pela perseverança de Ennio.

Deixemos, pois, Fagundes Juiz de Direito, para enconral-o deputado estadual, dois annos mais tarde.

Disseram nessa época os eternos caçadores da honra alheia, que Fagundes se tinha prestado aos papeis mais indignos para conseguir a inclusão do seu nome na lista dos candidatos governistas. Creio dispensavel fazer a sua defeza nesse particular. Quem dentre nós já conseguiu chegar ao Capitolio, sem trazer nas sandalias o pó da maledicencia humana?

O certo é que o antigo Promotor da Covanca se tornou em pouco a maior autoridade do Parlamento de Ribeira.

Fagundes nessa época já não era mais o orador inflammado e rhetorico que empolgara a Faculdade de S. Pedro. O exercicio da magistratura tornara-o solemne, respeitavel e commedido. Não se conclua dahi que emmudecera. Fallava menos, é certo, mas tudo o que lhe sahia dos labios tinha o cunho das cousas definitivas. Tanto assim que, quando o governo desejava fazer passar um projecto de lei combatido pela opposição, era sempre ás suas luzes que recorria. E Fagundes não se dava ao trabalho de argumentar. Levantava-se e com voz sonora e forte commandava: “Senhor Presidente, o projecto em discussão deve ser approved immediatamente. Assim o exigem Ribeira e o Governo. Submettamol-o, pois, á approvação, e aquelles dos senhores deputados que não estiverem pelos

autos tenham a bondade de se levantar". Era tal a eloquencia que Fagundes punha nessas palavras que jamais houve um deputado que se levantasse.

Não, agora me lembro, houve um e por signal do partido governista. Fagundes, porém, fispou-lhe o olhar e no tom mais brando sussurrou-lhe: "Perdão, Collega, os Senhores deputados que approvam devem conservar-se sentados". O homem só teve alento para tartamudear — "queira desculpar, pensei que fosse o contrario", e sentou-se, enfiado...

A' força de relatar o orçamento da receita do Estado, Fagundes conceituou-se o nosso maior especialista em questões economicas.

Ahi estão, em quatrocentas e trinta e quatro paginas, as "Memorias de um economista ribeirense", para demonstrar o seu valôr na materia.

"O mal incoercivel de Santa Cruz", escreveu elle no prefacio da primeira e unica edição das memorias citadas, "não é como se diz por ahi a sua formidavel extensão territorial; não. O mal é outro; tivessemos tres, quatro, cinco ou mesmo dez vezes mais a extensão territorial que possuímos e isso não constituiria obstaculo ao progresso vertiginoso do paiz, se uma população densa, multiforme e trabalhadora enchesse os quatro cantos desta terra feracissima, que, no

dizer de certo prelado, daria tudo e mesmo mais se a tratássemos com o amôr e o carinho que merece, isto é, se lhe rasgássemos periodicamente o ventre com os dedos de aço das charruas e lhe depôitássemos no lanho assim aberto a pepita de ouro das sementeiras. Mas não é com palavras que se resolvem problemas de tal magnitude, e sim com a acção constante e paciente dos governantes.

Atalhemos, portanto, o mal pela base. De que soffre o paiz? De falta de população? Pois bem, a exemplo da Hollanda, que só permittia a entrada nos seus portos de navios que lhe levassem terra para enfrentar os arreganhos do Mar do Norte, obriguemos os vapores que aqui aportam a trazerem braços, braços e mais braços.

Mandemos, além disso, o Lloyd de Santa Cruz, cuja unica utilidade consiste em pezar no orçamento da despeza, mandemos o Lloyd, ou, por outra, os seus navios á Europa, á Asia e mesmo á Oceania, e que de lá nos tragam gente, muita gente. Só da China poderíamos importar mais de dez milhões de chinezes.

E que fazer com toda essa gente? perguntarão os eternos vencidos da vida, os que julgam que governar é decidir apenas para os dias que correm. Nada mais facil do que responder a esses ennuchos da iniciativa. Os chinezes, por exemplo, iriam para Ribeira cultivar arroz. Quer dizer que Ribeira se transformaria num grande e viçoso arrozal, capaz de fornecer esse precioso

grão ao mundo inteiro. Os malaios seriam despachados para a bacia central, como seringueiros. Quanto aos outros emigrantes, o mais indicado seria consagral-os de norte a sul nos demais mistéres da lavoura. O Riachão continuaria entregue ao gado e S. Pedro aos peninsulares, cuja actividade se bifurcaria por entre a cultura do café e a fabricação de massas alimenticias. Estabelecido dessa forma o labor de cada Estado, ao cabo de vinte annos, no máximo, cada um de per si estaria em condições de supprir os mercados mundiaes, com os artigos de suas respectivas especialidades. Resultado: não se tornaria mais preciso valorisar o café, pela razão muito simples de que S. Pedro, quando não ganhasse dinheiro com a preciosa rubiacea, ganharia-o certamente com as massas, e vice-versa. Em resumo, S. Pedro ganharia sempre. E, S. Pedro, contente, tudo o mais correria ás mil maravilhas”.

Mal esse livro sahiu do prélo, Fagundes foi convidado para dirigir os serviços de immigração e povoamento do Estado, sem prejuizo das suas funcções legislativas.

De como se desobrigou dessa importante commissão, basta citar um facto: quando Fagundes assumiu a superintendencia desses serviços, não havia um só dispositivo regulando o assumpto. Pois bem, cinco annos depois, ao findar a sua ad-

ministração, contavam-se por duzias os regulamentos baixados pelo meu egregio conterraneo. Uma bibliotheca, emfim.

Entretanto, não foram poucas as criticas que teve de enfrentar por haver desempenhado essa difficilima commissão com o brilho e o patriotismo que lhe eram peculiares.

Até certa imprensa entendeu de atacar esse illustre varão.

“Onde estão os chinezes? Onde estão os arrozaes do Dr. Fagundes?” — perguntaram os jornaes da terra, em longos e espalhafatosos editoriaes.

Fagundes não se conteve: pegou da penna e respondeu desta forma lapidar, pelas columnas da Gazeta Official: “Os chinezes continuam no seu paiz de origem, por motivos que o governo não deseja explicar. Quanto aos arrozaes, esses estão ahi, não propriamente arrozaes, porque os fazendeiros não quizeram, mas cafezaes viçosos, que, economicamente falando, vêm a ser a mesma cousa. Aquelles, pois, que tiveram a audacia de me atirar pedras, que as venham apanhar quanto antes, afim de que a memoria do povo não tenha que se envergonhar mais tarde da injustiça e má fé dos nossos contemporaneos; recolham-nas, e se tal não fizerem eu mesmo o farei, para com ellas elevar um templo aos martyres da administração”.

Não obstante essa resposta pulverisante, os jornaes continuaram na tarefa ingloria de atacal-o.

Fagundes agastou-se e, como já não tivesse parentes que o escorassem nessa conjuntura — seu pae e sua mãe não eram mais deste mundo, — resolveu convolar justas nupcias, escolhendo para tal fim a filha unica do Coronel Botelho, Secretario da Fazenda de Ribeira e viuvo de alguns recursos pecuniarios.

Sylvia, — era esse o nome da esposa do meu amigo, — contava nessa época dezoito primaveras, isto é, vinte annos menos do que o seu augusto esposo.

Mezes mais tarde, Fagundes era eleito deputado federal pelo 5º districto de Ribeira.

Fui visital-o nesse dia. Fagundes estava radiante. Abraçou-me demoradamente e sussurrou-me ao ouvido: “agora é que elles vão engulir as pedras que me atiraram”. De facto, na manhã seguinte todos os jornaes de Ribeira publicaram longas e expressivas biographias do novo deputado, congratulando-se com o povo por ter escolhido para represental-o na Camara Federal uma das mais perfectas organizações de estadista, que Ribeira até então houvera produzido.

Dahi para cá, Fagundes tornou-se membro de todas as Associações de Imprensa de Santa Cruz e nunca mais se voltou a fallar em chinezes e arrozaes.

Amigo incondicional do novo representante da nação e não tendo mais parentes que me prendessem ao solo natal — meus Paes, como o car-

valho da floresta, haviam cedido á acção do tempo — converti as minhas propriedades em apolices nominativas e rumei para Politicopolis, disposto a seguir de perto a vida do mais illustre dos meus contemporaneos.

Fagundes, deputado federal, não era mais o mesmo Fagundes deputado estadual, nem Fagundes promotor da Covanca; era inteiramente outro. Elle mesmo reconhecia isso, quando dizia aos mais intimos: “Agora é que eu sou verdadeiramente Fagundes”.

O meu biographado, nessa época, era o typo perfeito do homem publico de estylo inglez: sobriedade, discreção, silencio, elle usava desses predicados como o mais britannico dos estadistas inglezes. Não se pense, no emtanto, que essa transformação obedecesse a um calculo ou a uma vil imitação. Fagundes transformara-se porque o seu talento evoluira, e de analytico que era passou a ser o mais synthetico de todos os talentos. E como não conviessem os gestos largos, á Castellar, a um espirito sobrio, á Pitt, Fagundes, sem o saber, abandonou Castellar e ficou-se com Pitt.

No seu primeiro anno de legislador federal, Fagundes pouco fallou. “Estou tomando pé”, dizia elle aos da sua bancada. Entretanto, seria injustiça pensar que o meu illustre biographado

tivesse permanecido silencioso durante esse longo periodo.

Absolutamente; Fagundes tornou-se logo respeitado pelos seus estrondosos apartes. *O Correio do Povo*, que é celebre entre nós pela maneira impiedosa com que trata os nossos politicos governistas, foi dos primeiros a fazerem justiça ao seu temperamento combativo, chrismando-o de “Dr. Não apoiado”.

Effectivamente, não havia em toda a Camara Federal deputado que uzasse dessa vigorosa expressão com tanta propriedade e insistencia. Não era um “não apoiado” secco e fastidioso, como sóem ser os apartes dessa indole. Os de Fagundes, ao contrario, eram sonoros e profundos, como os órgãos das cathedraes. O proprio Cicero, se os ouvisse, perderia momentaneamente o fio da sua eloquencia, tal o mundo de idéas que essas duas palavras encerravam, quando pronunciadas pelo meu amigo.

Certo deputado da opposição, desses que passam a vida fallando, sem ter nada que dizer, recebeu um dia pelas trombas esse retumbante aparte de Fagundes e, como não tivesse espirito bastante para reconhecer que estava errado, virou-se para o meu amigo e retrucou-lhe malcreadamente: “V. Exa. não sabe o que está dizendo. Não apoiado por que? Vamos, tenha a bondade de dizer”. E, pensando que Fagundes fingisse não ter ouvido, continuou: “Pois, quem não sabe defender os seus apartes, nem mesmo um simples e ridiculo não apoiado, faria muito melhor permane-

cendo calado. Assim, ao menos, não teríamos o dissabor de ouvir constantemente a sua voz de barytono de feira”.

Fagundes não respondeu. Estava absorto. No dia seguinte, porém, pediu a palavra pela ordem e pronunciou estas palavras, dignas de serem proferidas sob a Acropole, no periodo da decadencia grega.

“Senhor Presidente.

Um dos nossos illustres collegas que occuparam hontem esta tribuna pareceu estomagar-se com um simples “não apoiado” com que interrompi o seu discurso. Esta conclusão, Sr. Presidente, eu só tirei esta manhã, depois da leitura do Diario Official, pois hontem, embebido como estava na contemplação dos altos problemas da nossa terra, não me foi dado ter a honra de ouvir que S. Ex. se dignara de responder ao meu aparte. Mas nunca é tarde, Sr. Presidente, para defendermos as nossas idéas. E aqui me tem o nobre antagonista de hontem, disposto a explicar-lhe o motivo pelo qual me animei a encaixar no ouro do seu discurso a turmalina singela da minha modesta opinião.

Eu disse “não apoiado”, Sr. Presidente, porque o nobre collega, na sua oração, atacou a respeitabilidade do Sr. Presidente da Republica; e, no meu fraco entender, o mais alto magistrado da

nação deve ser invulneravel, porque symboliza a Patria. Quem o ataca, portanto, offende indirectamente o sagrado torrão onde nascemos. E não é tudo; quem o ataca, offende a Republica, de que elle é o supremo dignitario. Quem o ataca, villipendia o proprio povo, que o escolheu. E é por isso que eu digo como hontem: “não apoiado!”

Quanto á critica aleivosa e tola com que o meu nobre collega pretendeu macular a minha dignidade de representante da nação, chamando-me de barytono de feira, eu tenho a dizer, Sr. Presidente, que repillo o insulto com a mesma energia, com a mesma altivez, com a mesma hombridade de Apelles ao rebater a critica trefega e injusta de um dos seus contemporaneos: *Ne suttor ultra credam*.

‘Tenho dito!’”

O leitor curioso, que desejar maiores detalhes sobre essa momentosa polemica, que leia o “Jornal dos Mercantes” da época, cujas primeiras paginas, durante varios dias, foram consagradas á enumeração das pessôas que felicitaram Fagundes.

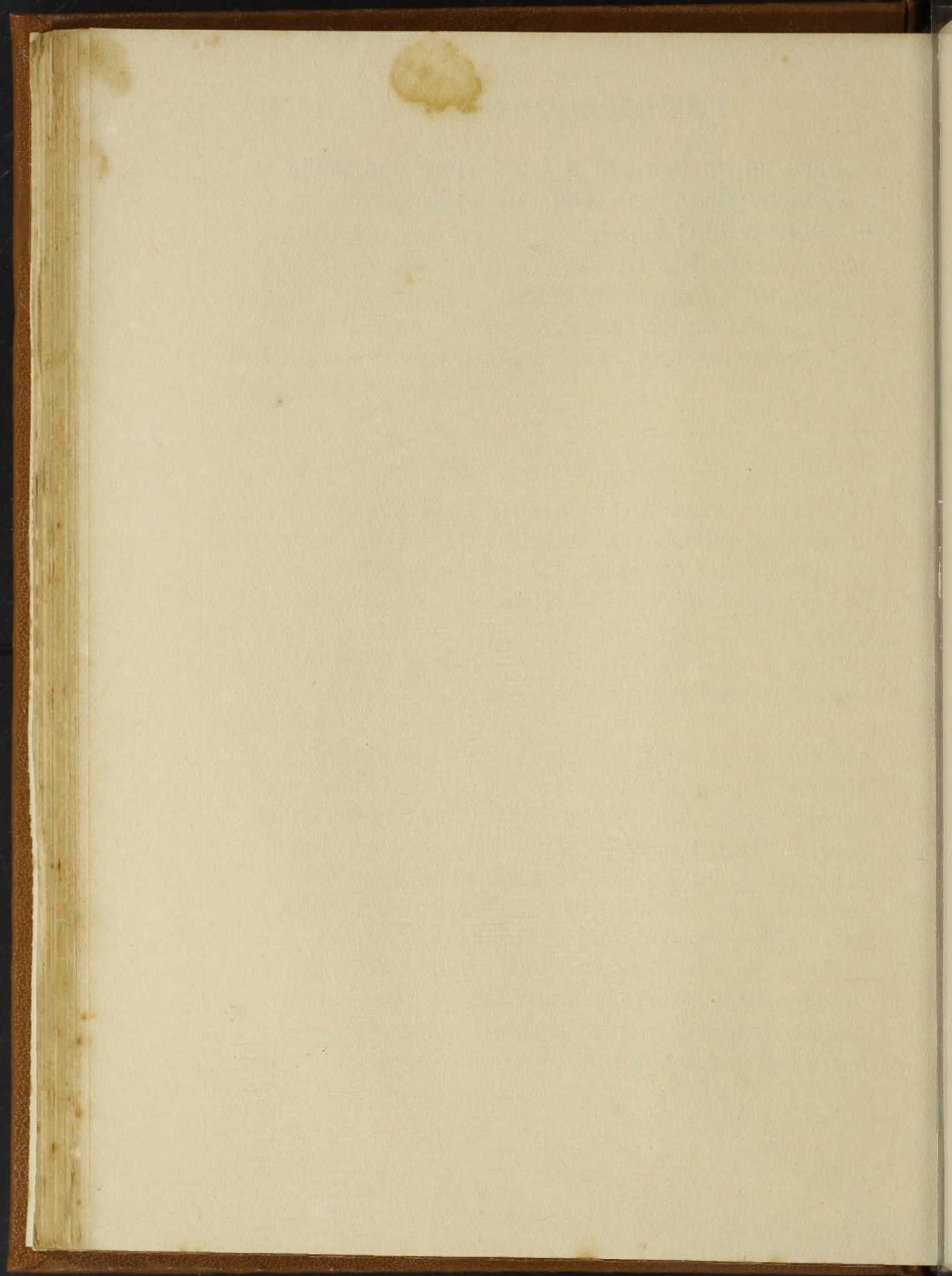
Quanto a mim, que não tenho lazer para me occupar dessas nonadas, tão communs na vida do meu biographado, direi apenas que a lista referida era encabeçada pelo seguinte telegramma do Presidente da Republica:

“Digne-se V. Exa. receber meus sinceros parabens cordeaes agradecimentos patriotico discurso defeza respeito autoridades constituídas, sem o qual sagrados principios Patria Republica pereceriam engolfados turbilhão demagogia. Oração lapidar V. Exa. merece incluída paginas educação civica uso nossas escolas. Saúde e Fraternidade. (a) Manuel Constancio”.

Depois desse memoravel discurso, ninguem mais se atreveu a enfrentar a dialectica de Fagundes. Ribeira, agradecida, elegeu-o seu “leader” e o proprio governo federal acenou-lhe com a pasta da Agricultura, que Fagundes pediu venia para recusar, allegando que era mais util ao governo, na Camara, do que o seria á testa de um Ministerio.

Fagundes tinha razão: o governo terminaria dahi a quatro mezes, ao passo que o seu mandato de deputado era valido ainda por dois annos. Além disso, as suas idéas sobre o futuro do paiz já não eram as mesmas de outróra. A agricultura, a seu ver, deixara de corresponder á confiança da nação. As industrias sim, essas é que poderiam arcar com as responsabilidades de implantar o labaro nacional nos mercados estrangeiros. O seu lemma mudara assim de: “rumo aos campos”, para este outro, incontestavelmente superior: “ás fabricas, juventude”.

Ora, quem pensava dessa forma, não podia ser Ministro de um governo, cujas idéas eram exclusivamente agrícolas.



O anno da graça de 19.. começara sombrio para a laboriosa população da nossa formosa capital. Os inferiores da Armada, mal despontou a aurora do dia 15 de janeiro, proclamaram-se em estado de revolta contra o governo, arvorando nos mastaréos das nossas possantes naves a bandeira sangrenta da revolução. Ninguém podia atinar com a causa desse inesperado desatino e os boatos ferviam desencontradamente.

Diziam uns que o movimento era chefiado por antigo Ministro da Marinha, despeitado por não ter sido incluído na constituição do novo Ministerio. Outros, mais ingenuos, asseguravam que era um sobrinho do Imperador, chegado não sei de onde, que conseguira induzir a esquadra a restaurar a monarchia. “E’ isto mesmo”, diziam, “a Republica foi feita pelo exercito e agora a marinha é que refará o Imperio. A marinha sempre foi imperialista . . .”

Emquanto isso, os navios revolucionarios singravam as aguas da bahia, atirando de vez em quando uma bala para o forte de S. José, que ar-

rebentava invariavelmente no costado do Pão de Lot.

A população, apavorada, agglomerava-se nas estações da Estrada de Ferro, em busca de abrigo seguro nos remotos suburbios. Um pandemio.

Só ás 10 horas da manhã foi que o governo se inteirou dos motivos da rebelião. Dizia assim o radiogramma dos revoltosos:

“Ou V. Exa. dá ordens terminantes para que as nossas etapas atrasadas de quatro mezes sejam pagas até ás 3 horas da tarde de hoje e nesse caso entregaremos os navios aos seus respectivos commandantes, sob promessa de não sermos castigados, ou então ás 4 horas iniciaremos o bombardeio da capital, a começar pelo Palacio de V. Exa. (a) João Gregorio, Commandante em Chefe dos Revoltosos”.

Nesse dia, ao chegar a Palacio, onde ia com frequencia, Fagundes notou nas cercanias um movimento desusado de tropas, que se estendiam em linha até á praia. Suppoz que fosse dia feriado e apressou o passo para levar quanto antes as suas felicitações ao Primeiro Magistrado.

“Ahi temos novamente a Bernarda”, resmungou o Porteiro ao receber-lhe o chapéo. Fagundes comprehendeu então o motivo da presença das tropas. A Bernarda era certamente alguma estran-

geira illustre, que o Presidente se dignara receber naquella manhã com as honrãs da pragmática. E deixou-se ficar na sala de espera, até que lhe foi possível fallar ao Chefe da Nação.

“Então, Excellencia, que tal a Bernarda?” perguntou Fagundes amavelmente.

“Muito séria”, retrucou o Presidente, de sobreceño carregado. “Tão séria que, se dentro de uma hora não tomarmos uma decisão energica, a cidade, ao anoitecer, será apenas um campo fumegante”. Disse isto e afastou-se para receber outras visitas que chegavam.

O salão de despachos estava repleto de pessoas gradas, cujas physionomias denotavam graves preocupações. Os officiaes das casas civil e militar passavam e repassavam sem descanso, transmittindo ordens ou empunhando telegramas. Fagundes aproveitou-se da azafama para sentar-se a um canto, disposto a tirar a limpo a relação que podia haver entre a seriedade da Bernarda e um campo fumegante. Ficou nisso um bom momento; e já desesperava de encontrar a solução do enigma presidencial, quando lhe cahiu ás mãos um exemplar do “Correio do Povo”.

Só então percebeu o equivoco em que laborara durante tanto tempo. Veio-lhe subitamente uma colera surda contra o Porteiro: Que imbecil, chamar uma revolta de Bernarda! Bernarda é nome de gente, ou de cachorro, se quizerem, mas de revolta é que não. Revolta é revolta, ou rebellião, nunca foi Bernarda. E assim pensando, não deu

com o Presidente que se encaminhava para o seu retiro.

“Aposto que está imaginando um meio de salvar a situação!”

Fagundes levantou-se de um salto, ligeiramente perturbado.

“Justamente, Excellencia, era isto mesmo que eu fazia”.

E logo, recobrando-se: “V. Exa. não acha que seria prudente acabarmos com isto de uma vez?”

“Perfeitamente, mas como, Dr. Fagundes?”

Fagundes relanceou um olhar pela sala e propoz com eloquencia:

“Pagando-se as etapas...”

O Presidente não sympathisou com a idéa. Cravou os seus pequeninos olhos nos olhos grandes de Fagundes e destemperou com energia: “O que o Sr. aconselha é uma ignominia, Dr. Fagundes, uma baixeza, uma covardia tão grande, que não sei como se atreveu a murmurar-a na minha presença. Que diria a opposição, que diria o mundo, se eu, Chefe Supremo da Nação, compactuasse com essa corja, reconhecendo-lhe o direito de reclamar com armas na mão? Aonde iria parar o sagrado principio da disciplina? — Não, senhor, enquanto eu fôr Presidente jamais permittirei que os poderes constituidos se curvem ante a ameaça dos canhões! Jamais!”

“Muito bem! Muito bem!” gritaram todos.

O Presidente continuou: “Querem receber os atrazados? Pois, que venham. Eu os receberei como Salustiano, a bala, ouviu? a bala”. E, visivelmente transtornado, avançou para Fagundes, repetindo sempre a mesma phrase celebre.

Fagundes, para não praticar um crime de lésa magestade, foi recuando discretamente em direcção á porta. Não sei até onde chegaria o furor Presidencial se, no momento mais critico para o meu amigo, não irrompesse na sala a figura imponente e marcial do General Gouveia, Ministro da Defeza.

“Senhor Presidente”, foi elle declarando em altos brados, “está tudo perdido. As poucas forças de que dispomos são solidarias com os revoltosos. Só vejo portanto uma solução”...

“Qual?” perguntaram todos ao mesmo tempo.

“Transferir immediatamente a séde do governo e a sua pessoa para o planalto de Goytacaz, ou para mais perto, se quizer. O planalto é melhor, pois até lá não chegam as balas dos revoltosos. Eu, por minha vez, vou para S. Pedro e dentro de uma semana estarei de volta á frente da briosa milicia desse Estado. Se os revoltosos ainda estiverem em armas, prometto a V. Exa. que saberei dominal-os”.

Houve um silencio geral. Todos os olhos convergiram para o Presidente, na mais anciosa das espectativas.

“Não é possível”, respondeu finalmente o Chefe de Estado, pallido e nervoso, “o seu projecto é impraticavel”.

“Bravissimo”! gritou uma voz inflammada.

“E’ impraticavel porque não ha estradas de ferro para o planalto. O melhor é ficarmos mesmo por aqui”. E, dirigindo-se aos presentes: “que acham os Senhores, por exemplo, da luminosa proposta feita ha pouco pelo illustre representante de Ribeira, o Dr. Manoel Fagundes?”

“Magnifica”! responderam todos, sem saber do que se tratava. Fagundes a essa voz não poude mais conter o seu entusiasmo patriotico. Sahiu de entre as dobras do reposteiro que cobria a porta de entrada e proferiu esta bella phrase, digna de um varão de Plutarcho: “Já que a Patria corre perigo, eu peço venia para ir pessoalmente a bordo dos navios conflagrados, impor-lhes a paz ou morrer”. O Presidente cahiu-lhe nos braços, soluçando: “O’ meu amigo, meu grande amigo!”

Uma hora depois do que acabo de relatar, Fagundes era visto nas immediações do Thezouro chefiando numeroso grupo de funcionarios, carregados de malas, em direcção ao Arsenal de Marinha. Nesse mesmo dia, ao pôr do sol, a Ilha dos Lagartos abrigava nas suas masmorras a totalidade dos revoltosos.

Fagundes tinha salvo a Patria.

Mezes depois, com o producto das suas economias de um anno de deputado federal, construia o seu primeiro palacio na Praia de Fóra.

Tudo parecia indicar nessa occasião que Fagundes marchava a passos gigantescos para a cadeira de ouro da Presidencia da Republica. Os proprios politicos assim o prophetisavam. Mas como lhe não ficasse bem chegar á magistratura suprema, sem ter passado pelas altas espheras governamentaes do paiz, Fagundes deixou-se eleger Presidente de Ribeira, não sem oppôr a isso uma delicada resistencia, muito propria da sua reconhecida modestia.

O primeiro acto que caracterizou a sua benemerita administração, foi, como devem estar lembrados os leitores, o fechamento de quasi todas as escolas primarias do Estado.

Eis a maneira brilhante por que o inegualavel Presidente justificou essa medida:

“As escolas primarias são as chocadeiras inconscientes dos crimes e das revoluções porque, ensinando o povo a lêr, lhes facilita o contacto com os jornaes da opposição, cujos artigos inflammados e calumniosos exercem perniciosa influencia no animo dos leitores menos avisados. Convem, portanto, fechal-as quanto antes.

Administrador educado no altar do liberalismo, não posso deixar de reconhecer que a solução proposta aberra um pouco dos canones seguidos até agora. Mas que fazer, se a tranquillidade da Patria assim o exige? *Salus populi suprema lex est.*

O que eu poderia propôr, em logar de fechar as escolas, seria prohibir a venda dos jornaes da opposição. Fraca medida. Os inimigos do poder achariam sempre meios e modos de ludibriar essa disposição legislativa.

Demais, como sabeis, essa medida iria prejudicar muitos dos nossos mais eminentes correigionarios, que, por justificaveis questões de economia privada, se vêm na dura contingencia de possuir a totalidade dos jornaes opposicionistas da nossa terra. As folhas governistas circulam tão pouco!

Afastada essa hypothese por impraticavel, só me resta pedir que se fechem noventa por cento dos nossos estabelecimentos de instrucção primaria, por desnecessarios e perniciosos á tranquillidade publica. Os dez por cento restantes são mais do que sufficientes para educar os filhos das altas classes sociaes, os unicos que, mesmo sabendo lêr, jamais se deixarão levar pelos enredos fallaciosos da opposição.

Quanto ás massas, essas deverão permanecer na mais pura das ignorancias, porque só assim serão uteis á communidade.

Para que se não creia, porém, que sou inimigo do povo, proponho que, em cada escola fechada, se inaugure uma fabrica, onde esse mesmo povo possa trabalhar para o bem commum — a prosperidade da Patria”.

Não é preciso relembrar a situação de verdadeiro descalabro em que se achava o estado de Ribeira, quando Fagundes assumiu as rédeas do Governo. Basta recordar que o thesouro não tinha de que pagar os vencimentos do functionalismo publico, nem a lavoura grãos bastantes para mitigar a fome do laborioso povo ribeirense.

Que fez o genial Fagundes, nessa dolorosa emergencia?

Nada menos do que isto: decretou immediatamente um imposto de mil ducados sobre todas as pessoas que andassem descalças em Ribeira.

Uma semana depois, as arcas do Theouro estadual gemiam sob o peso de seis mil historias. Outro qualquer, menos versado em assumptos administrativos, teria usado dessa quantia para pagar o functionalismo. Fagundes, não. Chamou ao seu gabinete o representante da Agencia Carvalho e redigiu com elle os termos de um telegramma circular aos principaes mercados monetarios do estrangeiro, dando conta, um pouco exageradamente, dos resultados obtidos com o imposto mencionado. Graças a esse admiravel expedien-

te, Ribeira levantou, em seguida, um vultoso emprestimo, dando como garantia, já se vê, o “imposto do pé no chão”, como o chrisinou certa imprensa da localidade.

Pouco importa a chocarrice dessa expressão. O facto é que em menos de cinco mezes de administração Fagundes, Ribeira nadava num oceano de prosperidade.

O Estado, de pessoa abstracta que era, passou a ser industrial, fazendeiro, agricultor, banqueiro, e todos viviam felizes, no mais feliz dos Estados da Federação.

Desgraçadamente, a felicidade eterna não é bem que se desfructe neste mundo, onde as proprias jandayas, nas frondes da carnaúba, se esquecem de repetir o primoroso nome de Iracema. E' uma desgraça!

Acosado pelo imperio das circumstancias e levado pelo seu incorrigivel idealismo, que não podia comprehender paz com opposição, Fagundes viu-se em pouco na dolorosa contingencia de expulsar de Ribeira os seus ultimos oppositores. E como estes, por singular coincidencia, fossem os derradeiros habitantes de Ribeira, Fagundes, apesar da sua extraordinaria visão, não conseguiu debellar a crise de braços que se fez sentir immediatamente, dando por terra com a lavoura, com as industrias, emfim, com o proprio Estado.

Mas Fagundes não era homem para desanimar por tão pouco e já estava elaborando um novo meio de reconstrucção do Estado, infinitamente

superior ao primitivo, quando o governo federal, influenciado naturalmente pelos inimigos do progresso, o intimou a deixar incontinente o governo de Ribeira.

Na minha qualidade de Chefe de Policia — não sei se já disse que era esse o meu cargo na administração Fagundes — aconselhei-o a ceder á vontade suprema, pois, a milicia do Estado, — cincoenta homens apenas — não estava em condições de sustentar um possivel combate contra as forças federaes.

Fagundes resistiu e teve esta phrase de alta sensação politica: “antes cair em Ribeira, do que cair com Ribeira”. Era a guerra civil. Vendo as cousas mal paradas, o governo federal mandou um emissario a Ribeira, entender-se com o Presidente.

Ignoro o que se passou nessa occasião, mas no dia seguinte, ao acompanhal-o ao Banco do Commercio, onde ia depositar parte de suas economias, cerca de quinhentas historias de reis, Fagundes contou-me que resolvera renunciar á Presidencia do Estado, afim de attender aos sagrados appellos da Patria, que desejava illuminar os salões de uma das nossas principaes Embaixadas, com as luzes do seu clarissimo talento.

Fagundes foi sempre assim, patriota e desinteressado.

Desligado do governo de Ribeira, o meu saudoso amigo vendeu por bom preço as duas fazendas que lhe tinham sido offerecidas por subscrip-

ção popular e bateu-se para a capital da Republica, á espera da assignatura do decreto, que o faria Embaixador.

O corpo diplomatico nessa época não tinha uma só vaga disponivel, mas era tal o interesse do governo em aproveitar os inestimaveis serviços de Fagundes que, em menos de 48 horas, aposentou o nosso Ministro na Fiolandia, elevou esse posto á categoria de Embaixada e nomeou para preencher-o o meu eminente biographado.

“ONDE é a Fiolandia?” — perguntou-me Fagundes ao conhecer a bôa nova. Confesso que tambem não sabia e por isso propuz que fossemos á Sociedade de Geographia, consultar um mappa. Fagundes excusou-se, por falta de tempo. Fui, portanto, sozinho.

“Sinto muito, “seu Dr.,” mas a Sociedade não tem mappas”, respondeu-me o Porteiro da benemerita instituição.

Perguntei-lhe então se sabia onde era a Fiolandia. Não, não sabia. Mas, se eu quizesse voltar dahi a dois mezes, por occasião da posse de um novo membro, certamente encontraria o seu Presidente, que talvez soubesse... Sahi desconsolado.

Ao descer as escadas desse templo de sabedoria geographica, deparei com velho amigo meu, funcionario do Ministerio do Exterior.

“Por aqui? Aposto que veio colher dados para escrever a chorographia de Ribeira!”

“Não”! retorqui, “vim consultar uns velhos mappas, afim de localizar uma determinada região, sobre a qual pesam as mais contradictorias opiniões”.

“A proposito, onde fica a Fiolandia?”

Não tive resposta. O meu amigo, pretextando grandes affazeres, abalou furiosamente atraz de um omnibus.

Decididamente, eu estava sem sorte.

Depois de muito divagar, dirigi-me finalmente ao Consulado da Fiolandia. Em caminho, assaltou-me o receio de que o Consul não comprehendesse uma só palavra da nossa lingua e nesse caso, qualquer entendimento entre nós seria impossivel. Receio vão: o Consul não só comprehendia, como fallava e escrevia correctamente o doce idioma de Simões.

Era, como eu, filho das alterosas montanhas de Ribeira.

Contei-lhe então os temores que me haviam assaltado, ao procural-o. O Consul riu-se muito e expandiu-se logo, amavelmente: “O Senhor tem toda a razão. Realmente, com os demais paizes é assim mesmo. Só quem possúe varios idiomas póde tratar com os seus representantes. E’ um grande erro. Foi por isso que a Fiolandia, paiz eminentemente pratico e progressista, adoptou o admiravel systema de só escolher os seus Consules dentre os naturaes do paiz onde devem exercer as suas funcções. E tem toda a razão. Os Consules de carreira, isto é, os que não são honorarios, como eu, estão sempre á espera de uma remoção, que lhes propine gordas ajudas de custo, de maneira que não se preocupam com estudar a lingua do paiz onde se encontram. Resultado: são completamente inuteis porque, ignorando a lingua,

nada podem fazer pela expansão commercial do seu paiz.

Com os Consules honorarios dá-se justamente o contrario...”

Receiando perder a hora de jantar na casa de Fagundes, achei prudente interrompel-o.

“Senhor Consul, onde é a Fiolandia?”

O meu interlocutor, até então amabilissimo, contestou aborrecido:

“Pois, então, o Sr. não sabe onde é a Fiolandia?”

“Eu sabia”, respondi um tanto enfiado. “Mas já lá vae tanto tempo que estudei essas coisas...”

O Consul levantou-se formalisado.

“Pois, lamento muito o seu esquecimento. Ninguem tem o direito de ignorar um paiz como a Fiolandia, que marcha na vanguarda do progresso e da civilização.

Que diria o Sr., por exemplo, se estivesse na Fiolandia, ou em outro logar qualquer, e lhe perguntassem onde fica o nosso paiz?

Ficaria furioso, não é? Ficaria furioso e certamente não se rebaixaria a dar explicações. E’ isto mesmo, meu caro Senhor, quem não sabe que aprenda. E para o futuro tenha a bondade de usar de um pouco mais de urbanidade, quando se dirigir ao representante de um paiz estrangeiro. Passe bem”.

Eu procurei ainda murmurar umas desculpas. Impossivel, a garganta estava fechada.

Sahi envergonhado, tão envergonhado que só dei por mim quando a creada de Fagundes, ao abrir-me a porta, murmurou espantada:

“Uééé! o *seu doutô* sem chapéo...”

Era verdade. Tinha-o esquecido no Consulado.

Fagundes, ao saber do que me ocorrera, tornou-se furibundo. Queria a todo o transe passar um telegramma ao governo da Fiolandia pedindo a destituição desse mameluco. Mameluco, para o meu brilhante amigo, era a maior injuria que se podia despejar sobre a cabeça de um homem.

“Desaforo! Onde se viu isso! Um Consul nacional, fantasiado de estrangeiro, a querer bancar o offendido, só porque um pacato cidadão teve duvidas sobre a localisação do seu paiz! Não. Isto não fica assim. Vou demittil-o. O que elle fez é uma offensa aos sagrados principios da cordialidade internacional. E’ uma bofetada em plena cara do *Jus gentium*. Mameluco!”

Sylvia e eu levámos duas horas para acalmal-o e só o conseguimos totalmente quando o jornalista nos trouxe a ultima edição do “Crepusculo”, cuja primeira pagina estampava o retrato de Fagundes e estas linhas elucidativas:

“No despacho collectivo de hoje foi assignado o decreto de nomeação do Exmo. Sr. Dr. Ma-

noel Augusto Ribeiro Fagundes para Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario do nosso paiz no Reino da Fiolandia.

A escolha do nome aureolado do Dr. Manoel Fagundes, para occupar esse elevado posto da nossa diplomacia, foi um dos actos mais acertados da actual administração. Era praxe corrente até agora que esses cargos constituíssem privilegio de certa classe de funcionarios, muito bem vestidos, é verdade, mas completamente *in albis* quanto aos interesses do nosso paiz no estrangeiro. Os nomeados eram personalidades completamente desconhecidas, que só chegavam aos altos postos da carreira amparados nas muletas da antiguidade. O talento nada tinha que vêr com isso; o tempo é que se incumbia de promover-os a chefes de missão. Dest'arte, não era de estranhar que nada fizessem, porque nada sabiam.

A nomeação do Dr. Fagundes tem, portanto, não só o merito incontestavel de romper com essa vetusta e injustificavel tradição, como tambem de injectar sangue novo e do bom num organismo que se estiolava por falta de nomes que o fizessem vibrar.

Homem de vasto saber e illustração, o novo Embaixador distinguu-se entre nós pela maneira desinteressada com que poz o seu talento a serviço do progresso e do bem estar da nossa patria. E' um estadista, na verdadeira accepção do vocabulo. A Fiolandia, para onde S. Exa. partirá brevemente-

te, é um dos paizes mais interessantes da Europa septentrional.

Situada na zona banhada pelo mar do Norte, de aguas profundas e piscosas, a Fiolandia, graças a essa feliz circumstancia, é hoje o principal celeiro de peixe secco e salgado que o mundo inteiro conhece e aprecia.

E' desse florescente paiz que nos vem o delicioso bacalháo sem espinha, tão apreciado em nossas mezas, a saborosa enguia, de carne delicada e fina, o famoso haddock, que, frito na manteiga, lembra os poemas de Brillat-Savarin, o roseo salmão, e uma série de conservas, das quaes a mais conhecida é a sublime sardinha, em molho de azeite.

Mas não é só do mar que vive esse povo laborioso. A industria de lacticinios representa igualmente um grande papel na sua economia domestica. Quem dentre nós ainda não provou esses deliciosos poemas de leite, que são os queijos da Fiolandia, ou a sua magnifica manteiga, de um loiro appetecedor?

Pois bem, esse povo admiravel, que nos proporciona tantos prazeres culinarios, é tambem um bom freguez do nosso café, das nossas bananas, dos nossos côcos oleaginosos, etc. E tudo leva a crêr que nos comprará muito mais, por isso que o Dr. Fagundes, cujas idéas conhecemos, certamente applicará toda a sua actividade, todos os seus vastissimos conhecimentos em fazer a propaganda dos nossos artigos, tornando assim mais

vultoso o nosso intercambio commercial com esse interessante paiz”.

“Até que enfim”! suspirou Sylvia, ao terminar a leitura dessa nota, “eu começava a pensar que a Fiolandia era uma brincadeira do Governo, para caçoar com o Manéco”.

“Para caçoar commigo”! retrucou Fagundes, formalizado. “Então V. acha que o governo seria capaz de fazer isso com um Fagundes?” E batia no peito, compenetrado, “com um Fagundes?!”

Sylvia enfiou, e temendo o genio do marido, tratou de mudar de assumpto. “Quando é que partimos? Ainda não sei; depende das instrucções que receber do governo. Em todo caso, nunca antes de dois mezes. Por fallar nisso, por que não vem connosco?” — perguntou-me Fagundes. “V.. é independente e livre. Não tem parentes nem affectos que o prendam á nossa terra. Dispõe além disso de uma bôa renda, que lhe permittirá viver na Europa com maior conforto do que vive aqui”.

“Que idéa!” respondi. E os meus negocios, com quem deixal-os? Demais, que iria fazer na Fiolandia, sem conhecer a lingua do paiz, nem ter occupação com que entreter a minha ociosidade? Não, muito obrigado. Sinto immenso deixal-os, não ha duvida, mas não posso agir de outra forma”.

Fagundes ficou pensativo. Viu que eu tinha razão e calou-se. Sylvia, porém, não se deu por

convencida e foi com um fiosinho de voz encantador e meigo, que tentou demover-me:

“Por isso não, Dr. Procopio. Estou certa de que Fagundes, querendo, póde conseguir do governo um logar qualquer na Embaixada, de maneira que o Sr. terá sempre alguma cousa que fazer. Quanto aos seus negocios, poderá entregal-os a um banco. Só não virá comnosco, portanto, se não quizer; e, com uma pontinha de malicia na voz, ou se tiver alguma cousa que o prenda por aqui...”

“Lá isso não! A Senhora bem sabe que a unica cousa que me prende aqui é a sua casa, é a Senhora, é o Fagundes”, contestei, fitando-lhe o olhar, demoradamente.

Era a primeira vez que me atrevia a olhal-a assim, com insistencia. “Pois, se assim é”, revidou Sylvia, corando, “dê-nos uma prova. Venha comnosco”.

Esse “venha comnosco” foi acompanhado de um olhar tão longo, tão mysterioso, que me arrependi amargamente de não ter accedido ao convite de Fagundes.

Sylvia floria então pelos seus trinta janeiros, embora parecesse andar ahi pela casa dos vinte e cinco, tal a juventude que lhe sorria nas faces.

Era uma linda mulher, uma primavera de carne, como diria o poeta.

Cuido que nunca vi mulher mais interessante. O proprio Fagundes, na época do noivado, descreveu-a nestes versos lapidares:

“E’s a morena mais linda e provocante,
Que olhos humanos na terra contemplaram”.

Fagundes tinha razão. E o mais curioso é que só dei por isso nessa noite. Coisas dos sentidos. Supponho que foi em Ibsen que encontrei a explicação desse phenomeno. “Nós só apreciamos verdadeiramente aquillo que vamos perder ou já perdemos”. Bonita phrase. Bonita e verdadeira. Não me lembro bem se é de Ibsen ou de qualquer outro escriptor escandinavo, Bjornson ou Garborg, por exemplo. Não. E’ mesmo de Ibsen. Li-a num almanack de lembranças.

Mas, voltemos ao caso.

Depois daquelle “venha comnosco”, proferido com voz tão maviosa e dôce, Sylvia baixou os olhos timidamente, arrependida talvez de ter sahido da sua habitual discreção. E dedicou-se ao *crochet*. Fagundes, atracado a um volumoso havana, fazia distrahidamente o chylo, passeando de um lado para outro.

Para entreter o silencio, accendi um cigarro e puz-me a olhar para dentro de mim mesmo. Confesso que a principio nada vi, tal a escuridão que pairava sobre as minhas entranhas. Pouco a pouco, no emtanto, fui me habituando ao nevoeiro ambiente e afinal consegui vêr, distinctamente, uma figura de mulher, envolta em gazes, deitada no meu coração. Quem era? — Espera um pouco, leitor; espera e escuta! Não me foi possivel identifiqual-a desde logo, por isso que es-

tava de costas para mim. O corpo era esculptural e roseo, realçando assim a brancura da gaze que o envolvia. Cansada da posição em que se achava, a figurinha virou-se e deu com os meus olhos, brilhantes de curiosidade. Sem perturbar-se, desvencilhou-se airosamente das gazes e, toda nua, convidou-me num sorriso, cheio de promessas tentadoras: “venha, venha connosco”! Recuei emocionado. Era a mulher de Fagundes.

Não te posso explicar, leitor curioso e amavel, se fui victima de um sonho ou de uma allucinação. Contenta-te com saberes que o meu coração nesse momento batia apressadamente, parecendo dizer em cada rythmo: Sylvia, Sylvia, Sylvia Fagundes, Sylvia, Sylvia, Sylvia Fagundes...

Levantei-me confuso.

“Já vae tão cedo? Não espera o chá?” perguntou-me Sylvia, com os olhos no *crochet*.

Pretextei que um amigo me esperava, para irmos ao theatro. Ella não insistiu, mas apertou-me a mão de forma tão especial, que me atrevi a murmurar baixinho: “Irei”.

“Obrigada”, respondeu Sylvia, demorando nos meus os seus olhos divinos. Fagundes já não passeava; dormia num *maple* confortavel o somno reparador dos sabios e dos justos.

Sahi atordoado.

Aquella historia de Sylvia esparramada no meu coração, perturbava-me o raciocinio.

Estaria eu por acaso em vespervas de trahir o meu melhor amigo, de manchar para sempre o seu leito nupcial? Não, não era possível; e, para afugentar as idéas que me perseguiam, lembrei, um por um, todos os detalhes da minha longa amizade por Fagundes; pensei no seu talento, no seu prodigioso talento; chamei-o de augusto, de nobre, de character sem jaça. Mostrei a mim mesmo o papel degradante que me reservaria a historia se eu conspurcasse o thalamo de Fagundes, e confesso que a idéa de me atirar ao mar, que alli perto cantava sobre a areia o poema das vagas, não me foi de todo estranha.

Tudo em vão. Mal eu terminava de dizer ou pensar essas coisas todas, a imagem de Sylvia voltava a preoccupar-me.

Não era mais no coração que eu a via, mas alli mesmo, deante de mim, a dansar, toda núa, um tango especial, cheio de movimentos lubricos e ferinos. Era de enlouquecer.

Nisto, uma rajada de vento chamou-me á realidade. Eu estava transido de frio. Olhei para o relógio: quatro horas da manhã. Só então notei que a praia estava inteiramente deserta. Chamei um taxi que passava e mandei tocar para casa.

Em caminho ainda pensei vagamente nos acontecimentos dessa noite, mas já não tinha os mesmos escrupulos, nem as mesmas idéas tragicas sobre o assumpto. Pelo contrario, achei até natural que a mulher de Fagundes estivesse no

meu coração. Não era ella, por acaso, a legitima esposa do meu melhor amigo? Pois, então, onde devia estar senão no orgão do affecto? Sim, porque, afinal de contas, o coração não é somente o musculo do amôr mas tambem o da amizade e da sympathia. E, nesse caso, Sylvia estava no logar que lhe competia, como esposa do meu melhor amigo.

Assim pensando, dormi pesadamente até ás duas horas da tarde. Quando me levantei, um fraco sol de julho beijava discretamente o linho da minha cama.

Por uma reacção natural do espirito, os receios da vespera converteram-se na mais franca das alegrias. Sylvia continuava a bailar nos meus sentidos; eu, porém, longe de afugental-a, comprazia-me em analyzar-lhe as formas, demoradamente, tal como um critico deante de uma obra de arte.

“E’s a morena mais linda e provocante,
Que olhos humanos na terra contemplaram”.

A perspectiva de uma viagem á Fiolandia, na agradavel companhia dos Fagundes, enchia-me de sonhos capitosos.

Como devia ser bom conhecer outras civilizações, ver outras caras, ouvir linguas estranhas, e tudo isso ao lado de Fagundes, respirando o perfume da sua intelligencia e aspirando frateralmente o aroma subtil da encantadora Sylvia!

Felicidade, como és facil de ser attingida !

Basta que uma mulher nos olhe demoradamente e um marido ronque num *maple* confortavel, e eis-nos logo sorridentes e confiados, sara-coteando momices nas palmas de tuas mãos.

E' desnecessario dizer que nesse mesmo dia os meus negocios ficaram completamente em ordem. Custou-me pouco, aliás. Um curto passeio ao tabellião, uma procuração ao banco para receber os juros das minhas apolices, e estava tudo concluido.

Era o momento de levar a bôa nova ao conhecimento de Fagundes. Receiando que elle visse nessa minha repentina decisão, tão contraria ás desculpas que lhe dera na vespera, um intuito qualquer menos justificavel, achei mais prudente e amavel mandar umas flores á Senhora, acompanhadas de um cartão explicativo.

Foi o que fiz. Escolhi o mais lindo ramo que havia no mercado e, depois de muito ruminar, mandei-lh'o com umas linhas amaveis e discretas.

Cumprido esse dever de incondicional amizade, fui jantar com uma senhora franceza de minhas relações, descendente, se me não engano, de uma das mais puras nobrezas de Montmartre.

Fagundes ficou satisfeitissimo com a minha decisão e não tardou por isso em me arranjar um posto de addido honorario á sua Embaixada.

“Penetraste hoje no solar da lisonja e da mentira”, disse elle embarafustando certa manhã pelo meu quarto. “Aqui tens o decreto: E’s diplomata; a verdade, portanto, deverá ficar para sempre occulta nos refolhos da tua alma, pois, só a mentira e a lisonja agradam aos Deuses e aos poderosos”.

Agradei-lhe emocionado o decreto, e prometti seguir á risca os sabios conselhos que me dera.

Nessa mesma tarde, tratei de me iniciar nos mysterios da diplomacia e preguei a minha primeira mentira official.

Não sei mais o que foi; lembro-me apenas de que o meu interlocutor sorriu incredulamente e disse-me adeus de uma maneira especial e ridicula.

Emquanto isso, Fagundes recebia a ajuda de custo que lhe competia, na importancia de duzentas historias, das quaes teve o bom senso de applicar cento e oitenta na Caixa do Ministerio, ao juro de 12 °|° ao anno.

Afinal, digeridos os varios banquetes de despedida, offerecidos ao novo Embaixador, a cem mil ducados por cabeça, partimos para a Fio-landia.

Os prélos nesse dia gemeram os mais retumbantes adeuses a Fagundes; nenhum, porém, com

a mesma elegancia e atticismo do veterano “Jornal dos Mercantes”, cujas filigranas reproduzo:

“Parte hoje para a Fiolandia o celebre estadista Dr. Manoel Augusto Ribeiro Fagundes, que vae assumir as elevadas e delicadissimas funcções de nosso Embaixador junto á refinada cõrte de S. Magestade o Rei Frederico XXX.

O illustre diplomata parte acompanhado de sua Exma. Senhora e do novo Addido áquella Embaixada, o Dr. Procopio da Graça, figura das mais conceituadas nos altos circulos da nossa sociedade.

A escolha de uma tão alta personalidade para exercer essa importante missão, significa da parte do nosso governo o nobre desejo de tornar a diplomacia nacional um respeitavel centro de individualidades de destaque, em logar de um simples agrupamento de inuteis “viveurs”, como soia acontecer até agora. O novo Embaixador não é sómente um dos vultos mais acatados da nossa politica interna, mas tambem o unico dos nossos patricios cujo nome é pronunciado com a maior admiração por todos os chefes das chancellarias mundiaes.

Por conseguinte, facil lhe será estreitar ainda mais os laços de bõa amizade e maior entendimento commercial, que felizmente nos unem ao glorioso reino fiolandez. Sua dedicadissima esposa, que reúne em si os maiores attributos que aureolam as nossas mulheres, não terá, certamente, a

menor difficuldade em conquistar a nobre admiração e o culto affecto da cõrte e da sociedade fiolandezas.

Aos illustres viajantes, cujo embarque será muito concorrido, por isso que é infinito o numero de seus amigos e admiradores, formulamos os nossos respeitosos votos de bõa viagem, lamentando, porém, que a nossa alta sociedade se veja privada por tão largo tempo das suas mais brilhantes e illustres personalidades”.

Mal termino a leitura dessa noticia, a campainha de bordo começa a tilintar furiosamente. Forma-se a barafunda. Fagundes e a esposa distribuem abraços á direita e á esquerda. Ha lagrimas e flôres. O monstro de aço apita demoradamente, lugubrememente.

A multidão precipita-se para a escada.

“Escreve, sim”? “Não te esqueças de mim”! choram vozes estranhas a meu lado.

Ha um ruido secco de correntes que se desprendem. Retiram-se as escadas e o navio se afasta lentamente, ao som do hymno nacional tocado pela orchestra de bordo.

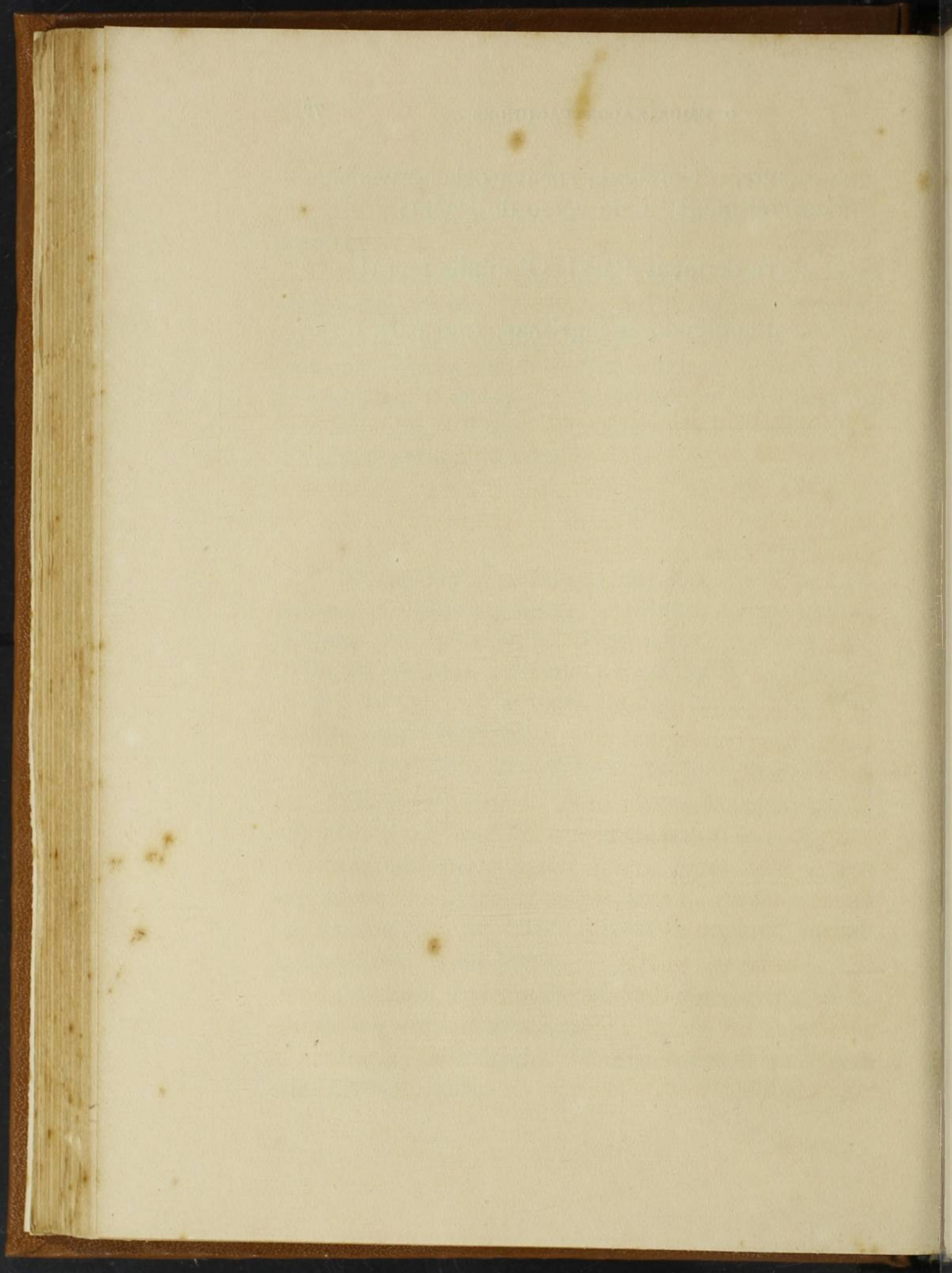
No caes, em pouco, só se viam lenços, sacudindo adeuses, tristemente.

Fiquei atordoado. Nunca pensei que fosse tão difficil partir...

Lá longe, o Corcunda roçava pelas nuvens.
Lembrei-me do lindo verso do Poéta:

O' terra de meus Paes! O' minha terra!

E, mal contendo as lagrimas, fugi para o camarote.



A capital da Fiolandia acolheu-nos toda envolta numa espessa camada de neve.

Na estação, nem viva alma para receber-nos. Fagundes esquecera-se de communicar o dia de nossa chegada.

Não fôra a ajuda providencial de um companheiro de viagem, Mr. Petersen, velho commerciante fiolandez estabelecido em S. Pedro, não sei precisamente o que teria sido de todos nós naquela fria manhã de dezembro, sem podermos articular uma unica palavra do barbaro idioma que escutavamos.

Ainda assim, ficamos perto de tres horas na estação, até que o amavel Mr. Petersen conseguisse do Ministerio de Estrangeiros o indispensavel *laissez passer*, para retirarmos livremente as nossas bagagens.

Sahimos, emfim.

A conselho do nosso amavel *cicerone*, aboletamo-nos no Hotel Terminus, a poucos passos da estação. Eram dez horas da manhã. Estavamos congelados e famintos.

Fagundes alvitrou logo um cafésinho quente e reparador. Aceitamos com prazer, excepto Mr. Petersen, que, ancioso por vêr a familia, se excusou polidamente.

“Traga-nos tres cafés com leite, pão e manteiga”, ordenou Fagundes em lingua de Santa Cruz.

O *garçon* olhou-o espantado e indagou: — “Papáá?”

“Sim, sou o pápá”, respondeu Fagundes, divertido com a curiosidade do empregado; “traga-nos tres cafés com leite, pão e manteiga”.

O empregado fitou-nos algum tempo, admirado talvez de que Fagundes fosse o nosso pae, e lá se foi, cumprir, as ordens recebidas.

“Curioso pais”! disse Fagundes ao ver o homem pelas costas. “Pelos modos, parece que só os paes teem o direito de encommendar alimentos para a familia”.

“Deve ser alguma reminiscencia do patriarchado”, aventurei.

“E’ isso mesmo, do patriarchado”, confirmou o nosso Embaixador.

Estavamos nessa, quando um cavalheiro encasacado se dirige a Fagundes, acompanhado do *garçon*, e murmura uma serie de cousas, num idioma extranho, que me pareceu francez.

Fagundes não comprehendeu uma só palavra, mesmo porque, em materia de linguas, o nosso Embaixador fallava apenas a nossa, ignorando patrioticamente todas as outras. Tal como eu.

A sua extraordinaria intuição, porém, suppria vantajosamente essa lacuna. E, tanto assim, que mal o homem terminou a sua arenga, Fagundes abraçou-o sorridente: “meu caro collega, como folgo em conhecê-lo”!

— “Quem é?” perguntou Sylvia, logo que nos vimos sós.

— “E’ o meu collega, o Embaixador de França, retrucou Fagundes, imperturbavel.

“Eu logo vi”, disse a Embaixatriz, “só mesmo um diplomata francez seria capaz de tanta elegancia, envergando a casaca para tomar o café da manhã”.

“Lá isso não”! protestou Fagundes, “eu tambem, sem ser francez, costume vestil-a ás vezes durante o dia. A quinze de novembro, por exemplo”.

“Sim, mas o Embaixador de França faz isso habitualmente, como vês”.

Quem sabe?” fez o nosso rival de Metternich. “Talvez se encasacasse por ter de almoçar com o Rei. Tudo é possivel, minha filha”!

A’ vista de exposição tão clara e evidente, Sylvia baixou os olhos, vencida, e ficamos á espera do café com leite.

Mas qual, o desalmado do *garçon* não apparecia.

“Olhe, Manéco, o melhor é Você dizer a verdade”, propoz Sylvia. “Aposto como o *garçon* ainda não trouxe o café, porque não acreditou nessa historia de que V. é o nosso pae”.

“Vá, filhinho, vá! Eu estou com uma fome...”

Na realidade, não era só a debil Sylvia que sentia o vacuo estomacal, eramos todos nós, obrigados que estavamos a digerir naquelle saguão de hotel o mais voraz dos appetites.

Fagundes recusou, allegando que um Embaixador não se desmente e só reclama por nota.

“Tem razão”, exclamei. “Quem vae sou eu”. E fui. Infelizmente, aquelles palermas fiolandezes não comprehendiam uma só palavra do formoso idioma de Simões. Recorri, portanto, á linguagem internacional por excellencia, a mimica, e em poucos minutos, levando a mão direita á bocca, como se nella tivesse uma chicara da preciosa rubiacea e dando de vez em quando furiosas dentadas num pão imaginario, preso á mão esquerda, consegui que me comprehendessem.

Effectivamente, momentos após, ante os nossos olhos esbugalhados, o tal embaixador de França servia-nos uma bandeja repleta de uns sandwiches especiaes e tres copos massiços, transbordantes de authentica cerveja.

Não era precisamente o que eu havia encomendado, mas a fome exercia-nos tal imperio que nenhum de nós pensou em reclamar. Devorámos tudo. Satisfeito o estomago, a Embaixatriz, repleta de curiosidade, não se poude conter: “Que historia é essa, Manéco? Você não disse que aquelle homem de casaca era o Embaixador de França?”

Fagundes não perdeu a calma. “Disse, minha filha, disse. Vejo, porém, que me enganei. *Erra-*

rum humanum est. Não é o Embaixador de França: deve ser algum Príncipe das Steppes, que certamente assim procede para demonstrar o seu profundo desdem pelo regimen anarchico da sua terra. Supponho que é um grande homem. A sua physionomia não me é estranha”. E, dizendo isto, propoz que fossemos comprar abrigos de pelle, porque os finos impermeaveis que trouxeramos da patria longinqua, de nada serviam contra os rigores do frio fiolandez. Sylvia oppoz-se, allegando que a ignorancia do idioma do paiz nos impedia de fazer uma bôa compra.

Fagundes concordou sem difficuldade, e como não pudesse sahir, devido ao frio intenso, nem telephonar ao nosso Encarregado de Negocios, pela razão já exposta, recolhemo-nos aos nossos aposentos, um tanto humilhados e macambuzios.

Felizmente, por volta das quatro da tarde, Fagundes entrou radiante pelo meu quarto a dentro: “Está ahi o homem, está ahi o homem!”

“Que homem?”

“O nosso Encarregado de Negocios. Olhe aqui o cartão.”

De facto, lá estava, escripto em relevo e dois traços de união:

Mario de Souza -e- Castro
Secrétaire d’Ambassade
Chargé d’Affaires a. i. de Santa Cruz.

Não havia duvida, era o homem. Sahimos logo ao seu encontro. Foi-nos facilimo descobril-o no meio das pessôas que enchiam o pequeno "hall" do Terminus. Era o unico moreno de toda aquella multidão de cabellos aloirados.

"Meu presado collega, quanto prazer em conhecê-lo pessoalmente", disse Fagundes, cahindo-lhe nos braços.

"Eu é que tenho essa honra, Sr. Embaixador, e peço desculpas a V. Exa. por não ter comparecido ao seu desembarque. Só ha pouco, indo ao Ministerio tratar de um assumpto, é que fui informado da chegada de V. Exa."

Fagundes desculpou-o, sem demora.

"O que lá vae, lá vae", sentenciou. "O essencial agora é que trabalhemos com a maior energia em pról da grandeza da Patria distante".

De Souza -e- Castro, como elle gostava que o chamassem, era um guapo moço dos seus vinte e nove annos, alto, sympathico e profundamente elegante. Dir-se-ia Apollo vestido nos melhores alfaiates de Londres.

Em resumo, um "gentleman," na verdadeira accepção desse vocabulo.

"E quaes foram as suas impressões deste paiz?" indagou respeitoso o amavel Secretario.

Fagundes, na realidade, não tinha impressão alguma, pois da capital da Fiolandia conhecia apenas o curto trajecto que vae da estação ao hotel Terminus.

Sem embargo, satisfez logo a curiosidade do nosso gentil interlocutor :

“Admiravel, meu amigo; simplesmente admiravel! Ha duas cousas, sobretudo, que denotam a superioridade deste povo millenario: o carinho pelos animaes e o prestigio singular do *pater familias*, isto é, do pae de familia.

Do carinho pelos animaes, eu tive uma idéa nitida ao ver os cavallos dos caminhões devidamente resguardados contra o frio por meio de pesadas mantas de lã. Ora, um povo que desce assim dos seus cuidados para evitar que os seus animaes soffram de frio, é realmente um grande povo.

Quanto ao prestigio do *pater familias*, tive ainda esta manhã a prova mais concludente”. Fagundes relatou então, com luxo de detalhes, a historia do *garçon* do hotel, que lhe perguntara, ao receber uma ordem de comestiveis, se elle era realmente o Papá, o Chefe da Familia.

De Souza-e-Castro pareceu não entender o conto, entretanto acompanhou-nos discretamente nas estrepitosas gargalhadas que soltámos.

Nesse momento, o homem de casaca, que Fagundes reconhecera finalmente ser um principe das Steppes, acercou-se respeitosamente do Secretario e com elle entreteve-se durante alguns segundos.

“Que foi?” perguntámos curiosos, logo que o homem se retirou. E’ o *maitre d’hotel* que

me pede para apresentar-lhe desculpas por não ter compreendido o que V. Exa. disse esta manhã.

Fagundes lembrou-se naturalmente do formidável abraço que lhe dera e ficou passado.

“Como se explica então a curiosidade do *garçon* em saber se eu era o pae de todos?”

“Muito simples”. “O pápá, que V. Exa. interpretou á maneira da nossa terra, é uma corruptela da expressão fiolandeza *hvadbhager*, que quer dizer, na nossa lingua: Como? Que deseja? E’ uma formula corrente, quando não se entende o que diz o interlocutor”.

“Curioso idioma”, disse Fagundes, limpando o suor que lhe inundava o rosto, “como se parece ao sanscrito!”

A palestra entrava em coma. Vendo isto, de Souza -e- Castro propoz-nos uma volta pela cidade, com escalas numa casa de chá. Fagundes acceitou pressuroso, desculpando-se por não levar a Embaixatriz, que se sentia um pouco fatigada. Eu, que tambem me achava extenuado, pedi licença para recusar o convite. Fagundes disse-me então para communicar a sua senhora que ia dar um gyro e só voltaria dentro de duas horas.

Despedimo-nos. Segundos depois eu golpeava delicadamente a porta da Embaixatriz.

“Oh! gritou Sylvia, escandalizada. Pensei que era o Manéco, e deitou a correr para o quar-

to visinho. Sylvia estava nua, completamente nua.

Fiquei estarecido na porta, tremulo de emoção.

Assim que voltei a mim, articulei medrosamente uma desculpa e dispunha-me a partir, quando Sylvia, tão linda como ha pouco, reapareceu sorridente, vestindo um lindo kimono de seda japoneza.

“Perdôe-me D. Sylvia”! “Creia que me sinto profundamente confuso...”

“Ora essa! não tem de quê! Eu é que lhe peço desculpas, por tel-o recebido em tcajes tão frescos”. Sorrimos.

Expliquei-lhe então o motivo da minha inesperada visita.

“Pois nesse caso, fique um instantinho comigo. Sinto-me tão só, tão triste! E para confirmar o que dizia, enxugou discretamente os olhos num lençinho de rendas, pouco maior do que um cartão de visitas.

Não esperei segundo convite. Entrei e fui sentar-me numa poltrona de couro, perto da janella.

Sylvia, *coquette*, sentou-se justamente no vão dessa janella, de maneira que a luz que vinha de fóra, coando-se pelo seu delicado kimono côr de rosa, a expunha novamente toda nua ante a voracidade dos meus olhares.

Decididamente era uma provocação. Não me contive. Agarrei-a com violencia e....

“Procopio, eu te adoro”, murmurou Sylvia, cerrando voluptuosamente os olhos.

Não preciso fallar no profundo remorso que de mim se apossou ao deixar os perfumados braços da inegalavel Sylvia.

E deixo de o fazer por duas razões: primeiro, porque não é de mim, nem das minhas sensações que este livro se occupa, e sim do genio fulgurante e complexo do meu particular amigo e mestre, o Embaixador Fagundes; segundo, porque tenho a certeza de que tu, leitor amigo e perspicaz, também já passaste por transe igual na vida.

Para que, pois, reavivar a chaga de passados soffrimentos?

Basta dizer que soffri muito e a tal ponto que só conciliei o somno por volta da madrugada. E que somno, Santo Deus, todo entrecortado de pesadellos! Tive um, sobretudo, que ainda hoje recordo horrorisado. Um veado preto, de monstruosas proporções, acercou-se do leito em que eu dormia e sem mais aquella rasgou-me o ventre, furiosamente, com os seus possantes galhos. Que digo, não eram galhos, mais pareciam duas arvores gigantescas e ramalhudas.

“Miseravel, eu sou o Fagundes, ouviste? eu sou o Fagundes!” rugia a féra revolvendo-me as entranhas.

Acordei sobresaltado e dei com Sylvia ao pé de mim.

“Então, seu dorminhoco, não quer almoçar? Olha que já é uma hora!” Sylvia tinha entrado furtivamente pela porta que ligava a sua sala de banhos ao meu quarto de dormir.

“E Fagundes, onde está?” indaguei assustado, lembrando-me do pesadello.

“No *hall*, á tua espera”.

Meu caro leitor, deixa-me a sós com Sylvia. Eu já vou. E' só o tempo de me vestir.

Encontrei Fagundes conversando com de Souza -e- Castro. Parecia animado e satisfeito.

Eu é que me sentia um pouco indisposto, fa-rejando em cada palavra sua uma allusão á mi-nha indignidade.

“Miseravel, eu sou o Fagundes, ouviste? eu sou o Fagundes!” trovejava nos meus ouvidos a voz da féra irritada. “Eu sou o Fagundes!”

Ao almoço, comi pouco e mal. Receiando fitar o Embaixador, passei todo o tempo a fazer as mais asnaticas perguntas ao Secretario. Supponho até que lhe perguntei se havia ursos nas ruas da Fiolandia. Riram-se muito. Sylvia acudiu pressurosa em minha defeza. Contou que, quando estava no collegio, uma pequena, collega sua, filha de um engenheiro francez, teve o des-plante de lhe dizer que ficara muito desaponta-

da, ao desembarcar em Santa Cruz, por ver todo o mundo vestido á européa e não de tanga, como esperava.

Concordámos todos que, apesar dos pezares, nós eramos o unico povo que estudava realmente geographia.

Olhei agradecido para Sylvia, emquanto Fagundes, meticoloso como sempre, pedia a de Souza-e-Castro que lhe traduzisse o *menu* em linguagem christã.

Terminada a refeição, Fagundes e Sylvia subiram para os seus aposentos.

De Souza -e- Castro, a sós commigo, propoz-me um passeio pela cidade. Acceitei jubiloso, na esperança de que o tumulto das ruas afugentasse um pouco a sombra do remorso que me perseguia. E aßsim foi de facto, graças principalmente á gentileza do joven Secretario.

“Este monumento que o collega está vendo”, dizia elle, amavelmente, “representa uma das lendas mais interessantes da mythologia fiolandeza”. O Deus mór destas paragens prometeu, certa vez, a uma fada amiga, que lhe daria de presente toda a terra, que conseguisse arar numa só noite. Na manhã seguinte, com aquelles tres touros que alli estão, eternisados no bronze e que representam os mares que banham este paiz, a encantadora fada tinha percorrido e cultivado toda esta admiravel região que é hoje a Fiolandia”.

“Interessante lenda”, concordei, cravando os olhos nos bronzineos seios da diligente fada. Muitissimo interessante!

Fomos andando e parando deante dos mais famosos monumentos.

Finalmente, entramos numa rua tortuosa e estreita, que de Souza informou ser a arteria mais movimentada da cidade. Tinha razão o meu informante. Nunca levei tantos encontrões, nem vi tanta mulher na minha vida.

“Pelo que vejo, as mulheres aqui constituem a maioria”, disse eu a de Souza -e- Castro.

“Justamente”. “As ultimas estatisticas affirmam que ha trinta e cinco mulheres para cada homem”.

“Não é possivel”!

“E’ o que lhe digo! Trinta e cinco e ás vezes mais”.

“Como assim?”

“Simplesmente porque ha homens que, por uma razão ou por outra, não têm uma só mulher. Nesse caso, as que lhe deviam tocar augmentam naturalmente a proporção dos outros”.

“Admiravel!” retruquei embevecido. “E pensar que passei a melhor parte da minha juventude num paiz justamente opposto a este!”

Fazia-se tarde. Dispunha-me a voltar para o hotel, quando o meu corpo enregelado lembrou-

me que era preciso comprar um sobretudo de pelle.

“Estamos precisamente defronte da melhor casa de pelles de toda a Fiolandia”, informou de Souza.

Entrámos. Escolhi com demora e volupia o que me pareceu mais de accordo com o frio e a minha situação — um sobretudo preto, forrado de astrakan da Patagonia. Uma obra de arte. Troquei-o logo pelo meu ridiculo impermeavel e mirei-me no espelho, vaidosamente. Achei-me imponente. “Vamos ás trinta e cinco”! gritei satisfeito para de Souza -e- Castro.

“Perdão, ás setenta; olhe que somos dois”! contestou o meu companheiro.

Sahimos. A neve começava a cair em volteios graciosos.

Estugámos o passo. Em caminho, porém, lembrei-me de que seria de bôa politica comprar um presente para Sylvia e outro para Fagundes. E tinha as minhas razões: primo, reconciliava-me com a minha consciencia. Explico-me.

Presenteando Fagundes, eu me despojava de alguma cousa em seu proveito. Ora, despôjo vale despôjo, quer seja de honra alheia ou de alheio dinheiro, logo, Fagundes e eu ficavamos quites, porque, se eu o despojei clandestinamente de sua honra marital, em compensação, presenteando-o, eu me despojaría em seu beneficio de uma determinada somma, que para mim era tão util e sagrada quanto a sua dignidade.

E como tudo nesta vida é susceptível de avaliação, eu devolvia em especie um bem imaginario, que o seu proprio possuidor ignorava ter perdido. Logo, x é igual a zero, como ensinava o Padre Coelho, meu antigo professor de mathematicas e cathecismo. Secundo — dava á Sylvia uma prova palpavel do meu amôr por ella e destruiu a impressão agradavel que lhe fizera a cesta de rosas, que lhe mandara o meu collega e *cicerone*.

Raciocinando dessa forma, embarafustei pela primeira joalheria que encontrei, arrastando comigo o incansavel Secretario da Embaixada.

Depois de muito escolher, comprei para Fagundes uma linda perola para gravata, em forma de pera da California. Para Sylvia, escolhi um admiravel anel de platina, artisticamente cinzelado, com um magnifico brilhante de dois quilates e meio.

Custou-me a brincadeira oito historias de réis.

Fiquei estupefacto de mim mesmo. Jamais havia gasto tanto dinheiro em tão pouco tempo. Chamei-me de perdulario, de cretino, de imbecil, e, pela primeira vez, proferi interiormente a palavra “cabrão”, pensando em Fagundes.

Sim, era isto mesmo. Eu é que não tinha a menor culpa. Quando muito, servi de vehiculo ás circumstancias. A ellas, pois, toda a responsabilidade moral do acto.

A's circumstancias, Senhor, ás circumstancias!

E não a mim, que segui os seus ditames.

Durou pouco, felizmente, essa reviravolta do meu espirito.

Cheguei ao hotel completamente reconciliado commigo e com os acontecimentos. A idéa de traição não mais me apoquentava; pelo contrario, achei-a até natural e razoavel.

Elle e eu gostavamos della; ella, por sua vez, gostava de nós. Eramos, pois, tres pessoas distinctas e um só gôsto verdadeiro. Estava certo. Os proprios puritanos achariam isto perfeitamente cabivel.

Traição seria se ella e eu detestassemos Fagundes. Ahi, sim, seria traição e da negra. Mas como não era esse o nosso caso, nada mais humano do que Sylvia fosse minha e de Fagundes e ambos fossemos de Sylvia. Pura identidade de gostos.

Para festejar a clareza deste raciocinio, convidi de Souza -e- Castro para um aperitivo.

Emquanto o meu amigo foi ao *bar*, encomendar as drogas, aproveitei o ensejo para mandar os presentes, acompanhados de duas palavrinhas amaveis.

Nessa mesma noite, Sylvia e Fagundes confirmaram com effusão a veracidade do proloquio: os bons presentes lubrificam a amizade e fortalecem o amôr.

ACABAVAMOS de jantar, quando o porteiro do hotel annunciou a visita do nosso Consul na Fiolandia.

Dizia o cartão:

Baron J. P. de Ramalho
Consul Général de la Sainte-Croix

“Que tal esse homem?” perguntou Fagundes a de Souza.

“Um grande *rasta*”, contestou o Secretario, sorvendo devagarinho um calice de anisette.

Sahimos ao seu encontro.

Era um cavalheiro de meia idade, gestos largos, palavra facil e um monoculo quadrado no olho direito.

“Excellencia”, foi elle dizendo, “acabo de chegar neste instante da inspecção que faço periodicamente aos Consulados sob a minha jurisdicção. Um trabalho formidavel. Não obstante a fadiga da viagem e a série de noites passadas em claro na consecução desse “desideratum”, aqui

me tem V. Exa. para desejar-lhe os meus respeitosos votos de boas vindas”.

“Que sujeito pernóstico!” segredou Sylvia ao meu ouvido. “Pernóstico e ridiculo”.

Fagundes, no entanto, sympathizou-se com elle e na forma do costume atirou-se-lhe nos braços: “Meu carissimo collega...”

Trocados os cumprimentos de estylo, o Consul retomou a palavra:

“Isto aqui é um admiravel centro de civilização e democracia, para usar da phrase de um collega de V. Exa.

Basta mencionar que não ha um só analphabeto, um só ladrão, um só mendigo nesta terra privilegiada.

O Rei é o mais democratico dos soberanos. Não tem prosapias. Falla com todo o mundo, como se fosse o mais commum dos mortaes. Ainda ha pouco, quando vinha para aqui, encontrei-o cavalgando o seu lindo puro sangue”.

“E sabe V. Exa. o que elle me disse? Simplesmente isto:

Bôa tarde, Barão. Admiravel, não acha?”

“E’ verdade que nos conhecemos ha muito tempo, pois ambos frequentamos os salões da Condessa Nielsen”.

“Vossa Excellencia conhece a Condessa Nielsen?”

“Não, senhor”.

“Pois, precisa conhecê-la. É uma Senhora encantadora. Além disso, dá os melhores jantares de toda a Fiolandia”.

E virando-se para nós, em voz baixa, de forma a não ser ouvido por Sylvia:

“A Condessa é minha amante. Minha e do Rei. Boa mulher. Um pouco passada, não nego, mas profundamente boa”.

“O Senhor é dos meus”, declarou Fagundes esfregando as mãos, logo que Sylvia se foi deitar.

“E dos meus também”, arrisquei.

“Eu sou de todos”, contestou o Barão, lisonjeado.

E como a palestra descambasse para o terreno do serviço público, o Consul pontificou:

“Graças a mim, perdoe-me a franqueza, o nosso intercâmbio com este paiz é um facto consummado. É, digo bem, porque, quando cheguei aqui, a Fiolandia sabia tanto do nosso paiz, como eu de Venus e Mercurio”.

“Fui eu que a troco de muita perseverança consegui pôr cobro a essa humilhação”.

“Como?” indagou Fagundes.

“Em primeiro lugar, fundei uma sociedade de propaganda do nosso paiz, sob o nome de “Centro Familiar dos Camaradas de Santa Cruz”.

“Como o nome indica, essa sociedade tem por fim congregar os esforços que andam por ahí disseminados em pról de um maior acerçamento commercial com a nossa terra”.

“Não contente com isto, fundei também um periodico, “O Santa Cruz”, em que procuro disseminar pelos quatro cantos da Fiolandia tudo o que possa interessar á propaganda do nosso paiz. O ultimo numero, por exemplo, trata exclusivamente dos nossos homens de Estado, desde o Presidente da Republica aos mais brilhantes parlamentares governistas”.

“Estupendo”, gritou Fagundes, “simplesmente estupendo!”

“E quantos membros tem a sociedade?” perguntei curioso.

De Souza -e- Castro, que acompanhava essa descripção com um sorriso malicioso a brincar-lhe nos labios, adeantou pressuroso:

“Dois, o Consul e a dactylographa do Consulado”.

O Barão explodiu. “E’ mentira, Excellencia, é mentira! Esse homem é um invejoso; é o meu eterno oppositor”. E, levantando-se com estardalhaço: “eu vou-me embora, Excellencia; eu vou-me embora”!

“Não, meu caro Barão, quem parte sou eu”, atalhou o Secretario.

“Vou ao baile da Embaixada ingleza. Boa noite”.

Vendo-se livre do mordaz patricio, o Barão retomou a eloquencia inicial e enveredou pelo escabroso atalho das suas aventuras.

“A Fiolandia não é um paiz, Sr. Embaixador, é um paraizo”.

“E’ verdade que ha trinta e cinco mulheres para cada homem?” perguntou Fagundes.

“Trinta e cinco?” fez o Consul com desprezo. “Só eu tenho cincoenta e quatro, sem contar outros tantos “casos”, que já estão inscriptos na minha lista”.

Ficámos boquiabertos.

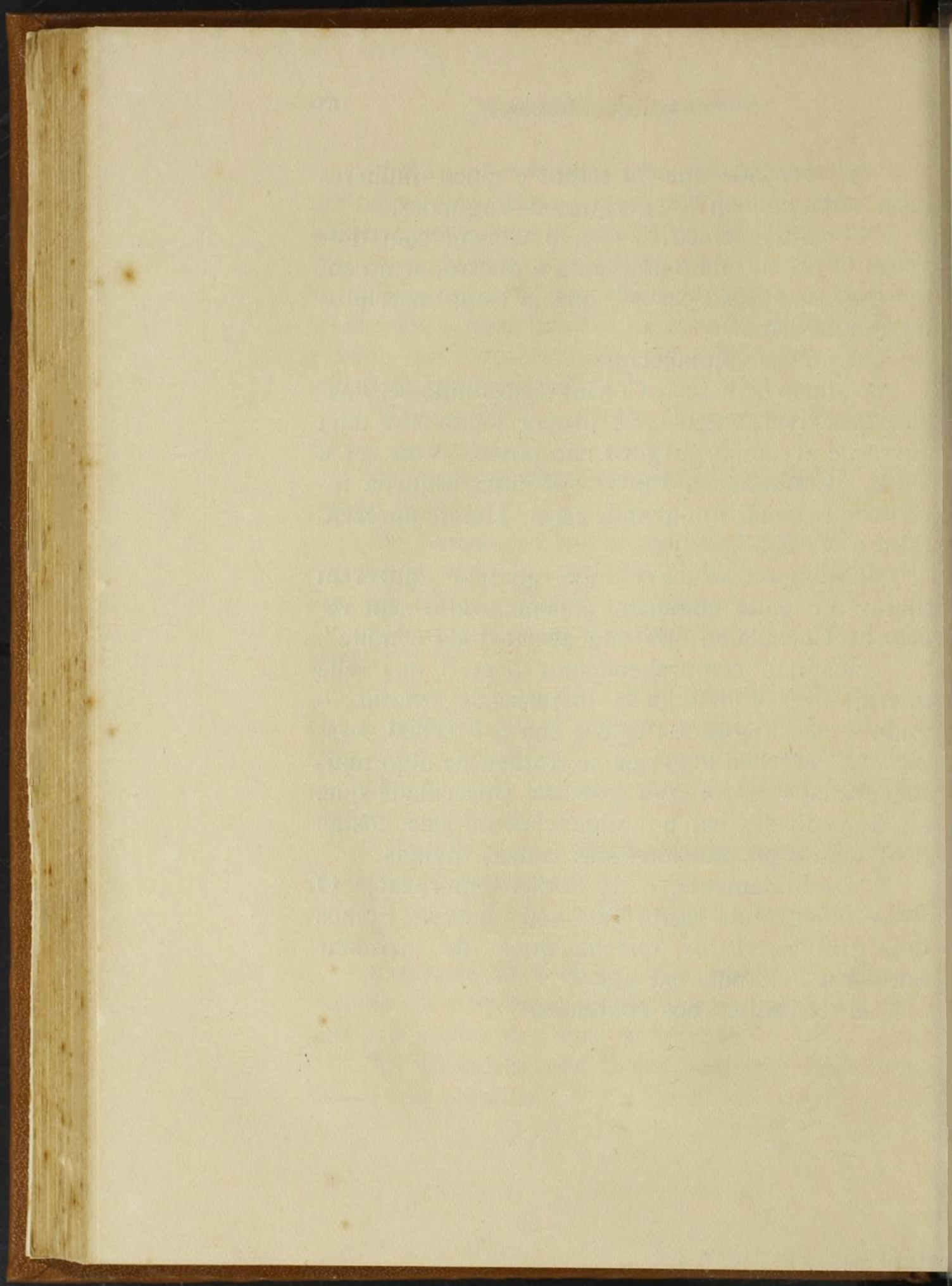
“Olhem”, disse o Consul despedindo-se, “assim que tiver vagar vou proporcionar-lhes uma farrá de arromba. Agora não posso. Vou ver a Putti. Conhecem a Putti? E’ uma pequena interessantissima; um grande caso. Hei de apresental-a a V. Ex.”

“Não preciso dizer que, quando quizerem matar um gado qualquer, podem leval-o sem receio ao Consulado, que está aberto toda a noite”.

Nós não comprehendemos bem o que elle queria dizer com aquella historia de “matar o gado”, mas Fagundes, com a sua proverbial perspicacia, percebeu logo que se tratava de algo muito agradavel e foi com a maior sinceridade que, ao despedir-se, bateu amigavelmente nas costas do Barão e pronunciou estas cousas divinas:

“Decididamente, o de Souza tem razão. O Sr. é um grande *rasta*. Eu sou outro. Somos dois grandes *rastas*, que havemos de arrastar um dia a Fiolandia em peso”.

E despedimo-nos contentes.



A cerimonia da entrega das credenciaes realizou-se com grande solemnidade.

Fagundes envergou nesse dia, pela primeira vez, o seu bordadissimo uniforme de Embaixador. Como unica condecoração, trazia a tiracollo a faixa encarnada de Presidente honorario do Centro Familiar dos Camaradas de Santa Cruz, offerecida pelo Consul, que Sylvia collocou com singular elegancia e distincção.

Fagundes estava emocionado e contrafeito. As luvas e a espada incommodavam-no sobremodo.

“Isto é uma espiga”, dizia passeando nervosamente ao longo do “hall”.

De Souza tambem estava de uniforme, ostentando no peito largo um mundo de fitinhas e medalhas. Parecia um collegial applicado em dia de distribuição de premios.

Eu, fiel ás tradições de minha familia, que abominava a farda, vestia nessa occasião a minha elegante casaca, feita varios lustros antes, para a solemnidade da collação de gráo.

A's dez horas em ponto, partimos todos, rumo ao Palacio de S. Majestade, acompanhados do Camarista Bulow, Introdutor de Embaixadores.

O carro que nos conduzia, tirado por oito parelhas de cavallos puro sangue, era um coche real de avantajadas proporções, estylo Luiz XV.

Ao chegarmos a Palacio, o Marechal da Côrte, um velho centenario, fez uma pergunta ao nosso Embaixador, que foi logo respondendo: "*Oui, Excellence, oui, oui...*"

"O Marechal da Côrte deseja saber em que lingua V. Ex. prefere fallar ao Soberano", murmurou de Souza ao ouvido de Fagundes.

— "Na nossa", foi a resposta.

De Souza traduziu, e o velho dignitario, esboçando um fino sorriso, sumiu-se por entre as dobras de um reposteiro escarlata. Minutos depois eramos introduzidos num grande salão, onde ao fundo se achava um cavalheiro desmedidamente alto, fardado de general.

"E' o Rei", disse de Souza, dando uma cotovellada em Fagundes. Este não se deixou intimidar. Fez uma elegante reverencia e avançou em passos largos na direcção do Soberano.

"Majestade", disse elle na sua lingua habitual, "este papel aqui é a carta que me acredita na qualidade de Embaixador de Santa Cruz junto ao governo de Vossa Majestade. Queira ter a bondade de recebê-la e de considerar-me de hoje em diante o mais humilde obreiro da paz e da concordia, que felizmente existem entre os nossos paizes".

O Rei estendeu-lhe a mão elegantemente, recebeu o papel e iniciou a palestra num idioma que

eu, retirado como estava, não pude distinguir bem se era francez ou inglez.

Fagundes, no emtanto, percebeu logo que não era a lingua que havia aprendido ao nascer. Não se affligiu o nosso Embaixador. Juntou os calcanhares com estrondo, á maneira da terra, curvou o busto numa venia graciosa e despediu-se á franceza:

“Au revoir, Sire!”

O Rei a principio pareceu agastado, mas recobrou-se logo e riu gostosamente, em companhia de varios dignitarios da Côrte.

“E por que saiu V. Exa. tão depressa?” perguntou de Souza -e- Castro, ao transpormos a porta giratoria do Hotel Terminus.

“Para não humilhar o Rei, fallando uma lingua que parece desconhecer”, replicou Fagundes superiormente.

Os jornaes da terra, na manhã seguinte, occuparam-se largamente do assumpto, dizendo ser a primeira vez que um diplomata meteco se dirigia ao Rei num idioma exotico. Em compensação, foram innumeradas, e altamente significativas, as homenagens tributadas pela destemida Vascolandia ao nosso eminente Embaixador, pelo facto de ter fallado a um Soberano estrangeiro na mesma lingua em que a mãe do Poeta murmurou: “meu filho!”

A nossa Embaixada na Fiolandia occupava duas salas pequenas no quarto andar de uma casa de apartamentos.

O mobiliario era escasso e pobre: duas mesas de pinho, quatro cadeiras passavelmente desconjuntadas, uma velha machina de escrever, um lavatorio de ferro, com os respectivos jarro, bacia e balde e um cesto de papeis inuteis. Era tudo.

“Onde estão os salões?” indagou Fagundes, na primeira vez que appareceu por lá.

“Que salões, Excellencia?”

“Os salões da Embaixada, naturalmente. O Sr. já viu por acaso uma Embaixada sem salões, sem grandes salões?”

“Já, a nossa”, replicou imperturbavel o Secretario de Souza.

“Mas isto é uma vergonha, uma indecencia”, verberou Fagundes, indignado. “E o Sr. ainda tem a coragem de chamar isto de Embaixada! Tenda, é que isto é”!

“Agora percebo porque o Rei desconhece a nossa lingua; naturalmente. Por que motivo iria elle dar-se ao incommodo de aprender o idioma de um paiz, que nem sequer tem uma Embaixada condigna para recebê-lo? — Tem absoluta razão. Eu faria o mesmo.

Mas este vexame vae acabar. Hoje mesmo nós vamos procurar o mais lindo palacio da cidade e nelle installaremos a nossa Embaixada”.

“Estou de pleno accordo”, replicou de Souza, “apenas V. Ex. terá de pagar do seu bolso a diferença...”

“Que diferença?”

“A que houver entre o preço do Palacio que V. Ex. alugar e a verba que o governo nos dá para esse fim”.

“E de quanto é essa verba?”

“De quinze libras mensaes”, retorquiu sorrindo o Secretario. “Isto é, duas libras menos do que pagamos por estes dois quartos”.

Fagundes ficou passado. “E que me aconselha a fazer?” indagou depois de um curto silencio.

“Justamente o que V. Ex. decidiu a principio: procurar o mais lindo palacio da cidade e nelle installar condignamente a séde da nossa Embaixada”.

Fagundes pulou! “O Sr. está muito enganado. Pensa que sou algum idiota? O governo que pague, si quizer. Eu é que não. Ou paga, ou a Embaixada fica onde está. Era só o que faltava”!

E, sem mais dizer, sentou-se a uma das mesas de pinho e em menos de hora e meia redigiu o seguinte telegramma:

“Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores.

Politicopolis. Santa Cruz.

Cumpro doloroso dever informar V. Ex. encontrei nossa Embaixada aqui installada duas saletas quarto andar velho immundo pardieiro. Devido isso prestigio nosso amado paiz diminuido a ponto Sua Majestade Frederico XXX ignorar nosso bellissimo idioma. Urge elevar verba destinada aluguel Embaixada cem libras mensaes sob pena naufragio irreparavel nosso intercambio politico commercial este paiz. Confio elevado patriotismo V. Exa. não permittirá nosso augusto pavilhão tremule envergonhado sacada detestavel taperica mansão. (a) *Fagundes*".

"Que tal?" indagou o Embaixador, mostrando o telegramma ao Secretario.

"Uma inutilidade. O governo não lhe dará a menor resposta. Uma vez, porém, que V. Ex. pretende expedil-o, peço licença para observar que o endereço telegraphico do nosso Ministerio é simplesmente — Exteriores — e não tudo isto que V. Ex. escreveu. Peço igualmente permissão para discordar da expressão taperica, que os nossos dictionarios não registam".

"Pois, se os dictionarios não a registam, registro-a eu", declarou Fagundes. "Como Embaixador Extraordinario de Santa Cruz, assumo integralmente a responsabilidade da nossa lingua".

E, sem mais discutir, ordenou ao Porteiro da Embaixada que expedisse o telegramma.

Feito isto, passou a distribuir os varios serviços da chancellaria.

“O Sr.”, disse elle a de Souza, “ficará encarregado do expediente. Virá, por conseguinte, pela manhã, ouvir as partes e receber a correspondencia, de maneira que, ás duas horas, esteja tudo em ordem para eu lavrar os meus despachos”.

De Souza, com o seu inextinguível sorriso a brincar-lhe nos labios, explicou a Fagundes em que consistia o expediente de uma Embaixada e terminou dizendo que na Fiolandia não havia partes que ouvir.

Fagundes enalistrrou, não propriamente pela licção recebida, mas pelo tom dogmatico em que lhe fôra propinada. Estou que se elle quizesse teria confundido o seu contradictor com uma de suas phrases fulminantes.

Elle mesmo me confessou mais tarde que teve impetos de arrazar o Secretario, demonstrando com a historia na mão que as partes, sendo uma instituição internacional, com raizes no feudalismo, tinham forçosamente que existir na Fiolandia, como alhures. Não o fez porque abominava humilhar os seus subordinados.

E era isto mesmo. Fagundes tinha um coração aurifero e sensível.

“Pois nesse caso”, retrucou o meu eminente amigo, “o Sr. fará o que fazia até agora, reservando-me apenas os officios que disserem respeito ao commercio nas suas multiplas modalidades. Quanto a Procopio, se não vir nisso inconveniente, ficará encarregado do serviço telegraphico da parte social da Embaixada”.

E assim foi feito.

Dahi por deante, a minha occupação matinal e unica consistia em perguntar a Fagundes quaes os telegrammas que devia expedir á famosa Agencia Carvalhosa, cuja séde em Paris se encarregava de irradiar-os pelo mundo afóra.

A meticulosidade assombrosa de Fagundes não deixava no olvido um só detalhe.

“Telegraphe dizendo que almocei com o Rei e que vou jantar com a Rainha mãe no castello de Perlotenlund”; ou, então, “mande dizer que offereci um jantar de duzentos talheres ao principe herdeiro”; ou, ainda, “communique que inaugurei na Embaixada os retratos do Presidente da Republica e do Ministro do Exterior”. E assim por deante.

Certa vez, eu me rebellei contra esses processos e perguntei-lhe se não tinha medo de incorrer num solemne e publico desmentido por parte das autoridades da Fiolandia; foi no dia em que me pediu para communicar á Carvalhos a que o Rei lhe havia offerecido o seu retrato com estã dedicatoria: “Ao immortal Embaixador Fagundes, a real admiração e o nobre affecto de seu amigo Frederico XXX”. Fagundes sorriu superiormente. Não. Não tinha mêdo. E deu logo as razões em que se entrincheirava.

“Não tenho medo, porque desconheço inteiramente o que seja ter medo. Ademais, posso provar, de accordo com a physiologia dos sentimentos, que os actos humanos valem somente pela in-

tenção que encerram. Quer isto dizer que os actos em si não teem a menor significação”.

“Quando eu digo que fiz isto ou aquillo, pouco importa que o acto material se tenha ou não realizado. O essencial é que a intenção que os ditou seja sincera, isto é, que o individuo ao imaginal-os pensasse realmente effectual-os, e que só a superveniencia de factores contradictorios o impedisse de agir conforme o deliberado”.

“E’ este justamente o meu caso. Quando eu digo que offereci um jantar, garanto-lhe que pensava offerecel-o. Só não o fiz porque isto de comidas custa um dinheirão, que seria loucura despende. Trata-se, por conseguinte, de um motivo absolutamente alheio á minha vontade. Mas como não é justo que a intenção, acto moral, seja sacrificada pela execução, acto material, segue-se que quem imagina uma cousa, que não prejudica a terceiros, póde dal-a como concluida, desde que a seu favor militem as considerações que acabo de fazer”.

“E o retrato do Rei”, perguntei obumbrado por tanta sabedoria, “que tem elle a ver com tudo isto”?

Fagundes sorriu de novo, bateu-me nas costas paternalmente e continuou:

“Você tem razão: o retrato do Rei é um caso a parte. Entretanto, as circumstancias que o envolvem são ainda mais faceis de explicar do que a historia dos jantares, ou a enthronização, na

Embaixada, da effigie dos magnatas da nossa politica”.

O Rei não me offereceu, de facto, retrato algum; por conseguinte não podia escrever a dedicatoria que ha pouco lhe dei para expedir. Isto, porém, é falho de importancia. O principal é saber por que razão o Rei não me deu o seu retrato. Nesta simples omissão é que repousa a chave do meu raciocinio. Vejamos. O Rei não me deu o seu retrato naturalmente porque nunca pensou em semelhante cousa. Raciocinando desta forma, chegaremos á conclusão de que se S. Majestade houvesse pensado nisto, ha muito que o seu retrato brilharia solemnemente em cima de minha meza. Sim, meu amigo, porque os Reis, quando pensam uma cousa, o que não é raro, executam-na immediatamente”.

“Ora, pergunto, devo eu ser sacrificado no meu prestigio pessoal pela negligencia de um certo e determinado soberano?”

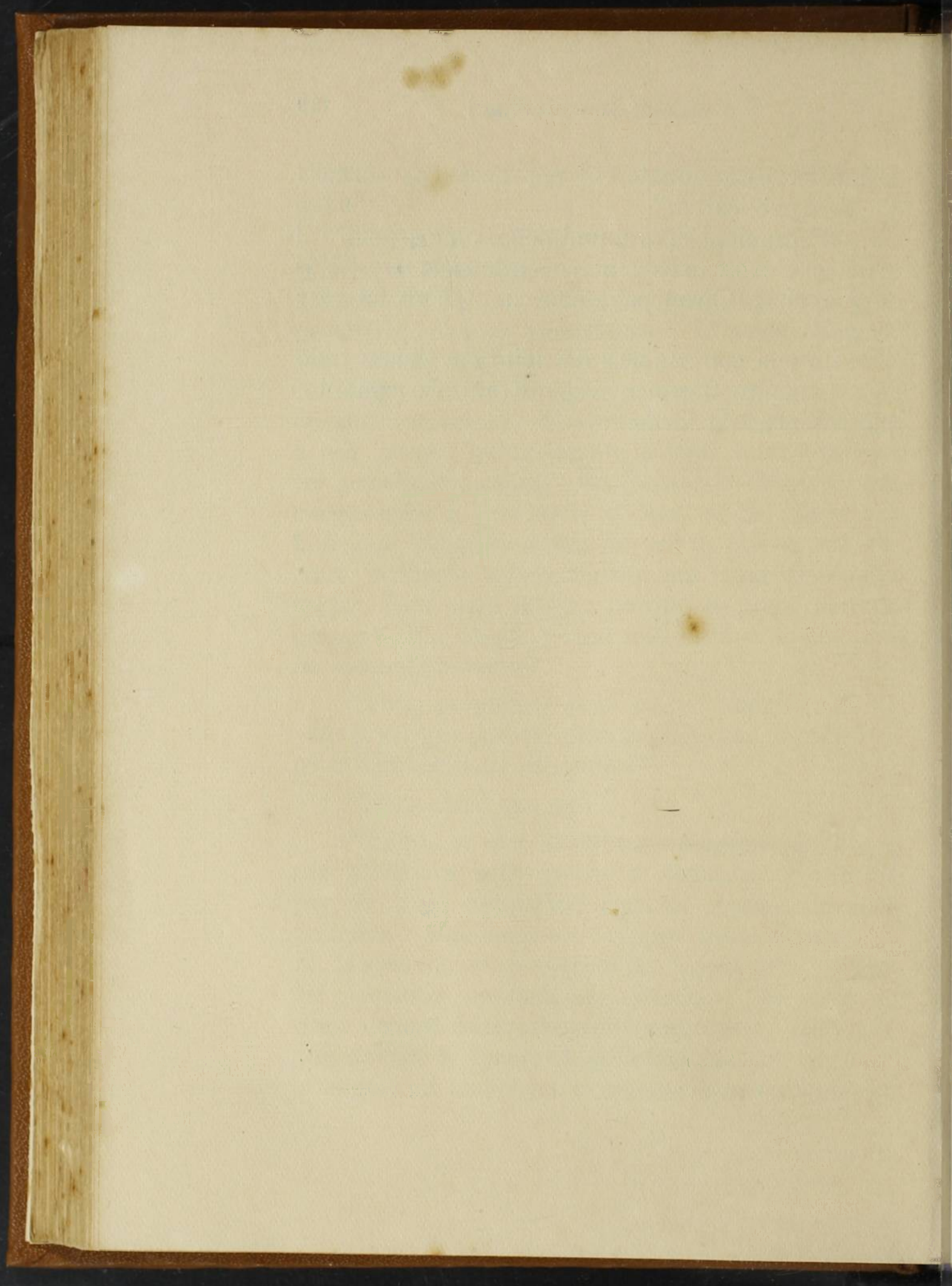
“Está claro que não”.

“Logo, eu me offereço imaginariamente o seu retrato e nelle ponho a dedicatoria que me parecer mais compativel com as nossas elevadas posições. Em resumo: suppro uma lacuna que S. Majestade se esqueceu de preencher. Faço-lhe portanto um delicado obsequio. E como se trata de um offerecimento imaginario, destinado unicamente a fazer os prélos gemerem em meu proveito, eu não terei o menor inconveniente em

desmentir essa noticia, se por acaso os jornaes daqui a publicarem”.

“Fagundes. Você é um bicho, um assombro”! gritei cheio do mais sincero entusiasmo. “Vamos ao chá. Quem paga sou eu. Quero ter esse prazer”.

Na rua, as sombras da noite envolviam tudo no seu manto impenetravel. Eram, no entanto, quatro horas da tarde.



PASSARAM-SE mezes. Não tendo havido resposta alguma ao telegramma relativo á installação da Embaixada num palacio condigno, Fagundes deliberou tomar uma casa, pequena, embora, onde ao menos lhe fosse dado desfructar calmamente da vida, ao lado de sua encantadora esposa, sem outras testemunhas que os famulos ás suas ordens. Livrava-se, além disso, das contas exageradas do hotel, que lhe consumiam mensalmente quasi metade dos seus vencimentos diplomaticos.

“Você vem morar connosco”, disse-me elle, nas vespas de mudar-se para o pequeno, mas elegante “bungalow”, que tomara lá para as bandas de Perlotenlund. “Não posso permittir que V., funcionario honorario, esteja enterrando nesta arapuca (arapuca era o hotel) grande parte das suas rendas. Não, senhor. Em nossa casa, ao menos, V. não precisará despender um unico centavo, a menos que isso repugne ao seu bem formado character”.

“Repugna”, respondi emphatico, “e sem embargo de me sentir honrado com o seu gentilissimo convite, peço licença para só acceital-o se V.

me permittir que concorra pelo menos com um terço das despesas. “Os alferes são os alferes, como dizem os francezes”.

Fagundes abraçou-me commovido. Estavamos de accordo.

Assim que Fagundes sahio, rumo á chancellaria, bati-me para o quarto de Sylvia, afim de agradecer-lhe, pois estava certo de que fôra ella que conseguira do marido essa inegualavel mercê. Encontrei-a de pyjama, arrumando as malas.

Sylvia contou-me então, com deliciosa volubildade, que me arranjara um quarto esplendido, com janella para o jardim e porta para o banheiro...

“Tal como aqui?”

“Exactamente”.

“E Fagundes?”

“Escolheu um quarto no sotão, por ser mais quente no inverno”.

“De maneira que”.....???

Sylvia enrubesceu e occultou a sua cabecinha mimosa no meu peito robusto. —

Era a sua maneira de dizer que sim.

Depois que nos mudámos para Perlotenlund, Fagundes pouco parava em casa. Sahia geralmente ás duas da tarde para a chancellaria, que continuava no centro, e só voltava dentro da noite, para jantar, completamente esfalfado.

“E ainda ha quem pense que a diplomacia é uma sinecura”, dizia elle, enchendo a bocca de tálharim á napolitana. “Uma séca, é o que é”! Findo o jantar, passava uma vista d’olhos nos telegrammas que eu forgicara durante o dia e sahia novamente, dessa vez para o Consulado, onde ia verificar “de visu” se as facturas tinham sido devidamente legalizadas. Só voltava então lá pelas tantas da madrugada, mais extenuado ainda do que ao jantar. Era realmente exhaustivo o trabalho do nosso Embaixador na Fiolandia.

A minha vida, ao contrario, era serena e calma como um oceano em tardes de bonança.

Levantava-me tarde, desenvolvia descansadamente os resumos de telegrammas que Fagundes me entregava no almoço e o resto do tempo eu empregava na leitura de versos de amôr, para Sylvia escutar, ou sahia com ella, devidamente autorizado por Fagundes, e embrenhavamo-nos alegremente, infantilmente, no umbroso e tranquillo bosque de Perlotenlund.

Um vidão!

A parte social da nossa Embaixada na Fiolandia era absolutamente nulla.

Fagundes allegava que não era diplomata de banquetes e chás dansantes, e recusava invariavelmente todo e qualquer convite nesse sentido.

Os seus collegas do Corpo Diplomatico e a sociedade fiolandeza, logo que souberam dessa estranha disposição (*cette étrange disposition*, como dizia o Embaixador da França) não mais o convidaram, nem tampouco a mim, que, por dever do officio, era inteiramente solidario com o meu eminente Chefe e Amigo.

Cahimos assim no mais completo isolamento. Não foram os almoços dominicaes que Fagundes offerecia regularmente á colonia, duas pessoas apenas, e aos membros da nossa representação na Fiolandia, e de Souza teria inteira razão de criticar acerbamente o que elle chamava “o silencio culinario de Fagundes”.

Comtudo, eramos felizes, pelo menos tanto quanto se póde ser em terra estranha.

O proprio Embaixador, que a principio sentira tanta falta da roda de amigos a que se habituara desde os tempos de deputado estadual, encontrou facil consolo no trabalho diario da Embaixada, gentilmente auxiliado pela encantadora Karen, joven de invulgar belleza, por elle contractada como interprete da sua missão.

Essa moça era a unica fiolandeza que falava a nossa lingua. Explica-se: nascera em Santa Cruz, de emigrantes fiolandezes, e entre nós ficara até os 18 annos.

Os dois unicos membros da nossa colonia, a que alludi ha pouco, eram o Dr. Polycarpo Cezar, commissionado pelo Ministerio da Agricultura para fazer a propaganda do matte e o Dr.

Gomensoro Cunha, premio de viagem da Faculdade de Direito de S. Pedro, que fôra á Fiolanda aperfeiçoar as suas letras juridicas.

Ambos eram amaveis e diligentes, embora oppostos de indole e temperamento.

O Dr. Cezar, por exemplo, era dynamico e fallador; o Dr. Gomensoro, contemplativo e silencioso. Um, era a acção em movimento, o outro, a calma perseverante e muda.

O primeiro passava os dias nas ruas, nos *bars* e nos *cabarets*; e, se formos dar credito ao que delle dizia o nosso Consul, o Barão de Ramalho, nem uma só vez abriu a bocca para pronunciar o nome da saborosa *illex paraguayensis*.

Exagêro, naturalmente.

Eu, pelo menos, ouvi-o dizer certa vez que se considerava o homem mais infeliz do mundo, só porque não podia tomar essa "infusão paradisiaca" (sic). Fazia-lhe mal ao estomago.

De outra feita, recordo-me ainda como se fosse agora, o Dr. Cezar mandou por intermedio da nossa Embaixada duas grandes barricas da preciosa herva ao Ministerio da Defeza da Fiolandia, para que tivesse a bondade de distribuir pelos regimentos aquartelados na cidade.

Essa gentileza, aliás, quasi deu com Fagundes por terra. Ou porque a infusão não fosse convenientemente preparada, ou porque a herva estivesse realmente deteriorada, o facto é que, vinte e quatro horas depois da sua ingestão pela

tropa, não havia um unico soldado em condições de valimento. Estava tudo no hospital, atacado de violentas dores abdominaes.

Aberto o inquerito, Fagundes, na qualidade de intermediario do presente, foi convidado a prestar depoimento. Salvou-o felizmente a sua extraordinaria presença de espirito.

“Meus Senhores”, disse elle á commissão encarregada de interrogal-o, “tanto não é verdade que o matte seja uma bebida nociva ao systema gastrico abdominal, que eu vou tomar aqui, deante dos senhores, não uma chicara, mas um litro desse gostoso hydromel”. De Souza, a seu lado, traduzia-lhe as palavras no cacarejar dissonante da terra.

“Prompto!” disse Fagundes sorvendo a ultima gotta do litro promettido. E deu uns tres ou quatro estalos com a lingua, para demonstrar que a bebida era realmente saborosa.

As autoridades, convencidas, encerraram immediatamente o inquerito, attribuindo o mal da tropa a outros factores menos internacionaes do que o matte.

O heroismo civico de Fagundes salvara o nosso prestigio.

Sahiu-lhe cara essa demonstração. Durante quinze dias o nosso Embaixador não poude arredar o pé de casa, atacado do mesmo mal prosaico que inutilizara a tropa fiolandeza.

Do inquerito mandado abrir em Santa Cruz, a pedido do meu amigo, parece ficou apurado,

varios annos depois, que as taes famosas barricadas tinham sido remettidas por engano ao nosso propagandista de matte. Destinavam-se a uma grande fabrica de cigarros. Não continham matte, mas folhas de fumo, miudamente picadas.

Quanto ao Gomensoro, esse passava os dias encerrado no seu apartamento, de onde sahia apenas aos domingos, para almoçar na Embaixada. “E’ um estudioso”, murmuravam todos com respeito. “Está escrevendo uma obra maestra, que abalará a sciencia juridica nos seus mais solidos alicerces”, asseguravam os mais intimos.

Gomensoro, porém, nada dizia. Passaram-se mezes. Um dia, quando menos esperavamos, vimol-o chegar á Embaixada, gritando furiosamente: “Acabei, Excellencia, acabei! Está tudo acabado”! Fagundes e eu olhamol-o assustados, suppondo-o victima de um repentino ataque de loucura. Não nos sendo possivel fugir, pois Gomensoro permanecia na unica porta existente, a sacudir nervosamente um respeitavel calhamaço, Fagundes adeantou-se cautelosamente e indagou amavel: “que foi o que o Sr. acabou, meu illustrissimo patricio?”

“O meu livro, Sr. Embaixador, o meu livro, fructo de tres longos annos de exhaustivo trabalho”!

Respiramos profundamente e cahimos-lhe nos braços.

A obra de Gomensoro constituia realmente um caso inédito na literatura jurídica da Fiolândia. Era nada mais, nada menos do que a tradução fiolandeza da nossa Egregia Constituição Federal.

“Ave Gomensoro”, gritou Fagundes, osculando-lhe a fronte, “*posteritatem te salutant*”!

A Associação Commercial da Fiolandia tinha por habito offerecer annualmente um lauto banquete em honra de dois Embaixadores estrangeiros. Naquelle anno, os escolhidos para essa homenagem foram o Embaixador de Santa Cruz e o seu collega da Grecia, isto é, Fagundes e Papparigopulos.

O brodio teve logar nos faustosos salões do Hotel da Inglaterra, admiravelmente ornamentados. Eramos ao todo 120 convivas.

Na hora da sobremesa, ou do *dessert*, como dizem os francezes, o Embaixador da Grecia, o estusiante Papparigopulos, pediu a palavra e fez com eloquencia e distincção o elogio diplomatico das passas de Corintho. Foi isto, pelo menos, o que nos affirmaram no momento, por entre palmas e vivas ao conterraneo de Platão.

“Agora é a vez de V. Ex.”, sussurrou do outro lado da mesa a voz um tanto ironica do Secretario de Souza.

“Minha vez de que?” interrogou Fagundes.

“De fallar ás massas”!

“Não fallo nada! Não vim preparado”!

“V. Ex. faz mal; todo o mundo está ancioso por ouvir a eloquencia do seu verbo”.

Fagundes relanceou um olhar pelos demais convivas e, talvez impressionado pelo que affirmara de Souza, notou que de facto era alvo de todos os olhares.

“Mas que é que eu vou dizer?” perguntou elle, nervoso.

“Qualquer cousa, Excellencia. Falle, por exemplo, do café. E’ um thema elegante e patriótico”.

Fagundes não se deixou rogar por mais tempo. Levantou-se, pigarreou com estrepito e pronunciou com admiravel dicção este admiravel discurso:

“Meus senhores, eu faço minhas as palavras inspiradas do meu illustre collega, o Embaixador da Grecia e applico ao café o que elle disse das passas”.

E sentou-se com espalhafato.

Ante o pasmo visivel da assistencia, que nada comprehendera, porque Fagundes fallara no sonoro idioma que ninguém entende, de Souza e Castro, a instancias do Presidente da Associação Commercial, traduziu em poucas palavras o que Fagundes dissera com tão marcada eloquencia.

Os applausos reboaram ininterruptamente durante um quarto de hora.

Fagundes nessa noite foi coroado o Principe dos Humoristas contemporaneos.

“Que tal o meu improviso?” perguntou o Embaixador.

“V. Ex. quer a minha opinião sincera?” indagou o Secretario.

“Naturalmente”.

“Achei-o fraco, Excellencia, muito fraco e laconico”.

“Mas que é que o Sr. queria que eu dissesse, assim de repente?”

“Oh! Muita cousa. V. Ex. deveria ter feito o elogio do café, chamando-o de bebida dos deuses; de alimento do espirito; de excitante da intelligencia e depois, entrando na parte pratica, fallar nas vantagens que ha em só beber café de Santa Cruz, o mais puro, o mais delicioso, o mais barato de todos os cafés”.

“Tome nota”, disse Fagundes tocando-me no braço, “tome nota desse meu discurso e forneça amanhã o competente resumo á imprensa universal”.

Findo o nosso primeiro semestre de residencia na Fiolandia, Fagundes passou pelo dissabôr de receber este desagradavel officio da Repartição Fiscal em Londres:

N. 234

Senhor Embaixador,

De accordo com a legislação em vigor, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que um terço da representação dos Chefes de Missão, bem como a verba destinada ao aluguel e expediente da Embaixada, estão sujeitos á prestação de contas semestraes a esta Repartição Fiscal.

2. Nessas condições, peço a V. Ex. a fineza de me enviar, com a possivel urgencia, todos os documentos comprobatorios das despesas feitas com esse dinheiro, sob pena desta Repartição se vêr na desagradavel contingencia de recusar os seus futuros saques.

3. Esperando que V. Exa. não levará a mal os termos deste officio, por estarem escudados no texto marmoreo e frio da lei de meios, aproveito o ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos da minha elevada estima e distincta consideração. —
(a) *Creso Pindahyba.*

Fagundes ficou uma féra. “Desafôro! Então é assim que se trata um Embaixador extraordinario”!? (Fagundes dava ao adjectivo extraordinario a sua verdadeira significação) “um representante directo do Presidente da Republica!?”

“Sucia de mamelucos! Que esperem pelas contas. Era só o que faltava!” E rugiu outras expressões ainda mais fortes, acompanhadas de grandes murros na escrevaninha.

De Souza e Castro procurou acalmal-o, explicando que se tratava de uma disposição regulamentar, de character geral, e que, portanto, não havia nem podia haver motivo para melindres pessoas.

“Não, senhor; não, senhor”, berrava o Embaixador, “se os meus collegas se deixam tratar desta maneira, melhor para elles, eu é que não admitto. Ou bem sou um Embaixador extraordinario ou bem não sou. Bolas”!

De Souza viu que era inutil insistir e despediu-se com o mesmo inextinguivel sorriso a brincar-lhe no canto da bocca.

“Isto é uma tragedia”! disse Fagundes, logo que o Secretario desapareceu. “Como é possivel arranjar recibos de quantias que não gastei? Não é nada, não é nada, são mil libras; quarenta historias, meu caro, já convertidas em apolices nominativas. E ter que devolver tudo isso! E’ doloroso, profundamente doloroso”! soluçou o meu eminente amigo, deixando-se cair anniquillado sobre uma cadeira.

“Que é que ha? perguntou o Barão de Ramalho, entrando subitamente na chancellaria.

“Uma grande desgraça”, contestou Fagundes, “mais do que isso, uma verdadeira calamidade”!

“Mas que? Então a D. Sylvia?” fez o Barão, cravando-me energicamente o seu olho monocular.

Tive impetos de estrangular esse imbecil.

Felizmente, Fagundes não percebeu a mesquinha allusão e foi com voz entrecortada de suspiros que explicou ao recém-chegado a real extensão da sua desgraça.

“Não caia nessa, Excellencia”, replicou o Barão, ao inteirar-se das intenções de Fagundes. “Dinheiro é cousa que se não devolve, sobretudo á Repartição Fiscal. Deixe o caso commigo. Eu vou ao Consulado e dentro de meia hora V. Ex. terá todos os documentos de que necessita”.

Com effeito, antes mesmo de expirado o prazo promettido, o Barão de Ramalho, rebolando os olhos, voltava sobraçando uma pasta de couro, recheiada de papeis.

“Aqui estão, Excellencia. Agora é só encher...”

Fagundes atirou-se aos papeis com a ancia de um naufrago.

“E como foi que o Sr. arranjou tudo isto em tão pouco tempo?” perguntou o marido de Sylvia, depois de agradecer o favor que lhe prestara o Consul.

O Barão sorriu desvanecido e acabou por confessar que o Consulado dispunha de milhares de facturas com o cabeçalho das principaes casas de negocio da Fiolandia.

“Que quer V. Ex.”, accrescentou modesto, “a Repartição Fiscal é tão exigente!”.....

Horas depois do que ahi fica relatado, o genial Fagundes, repleto de satisfação, expedia

este officio de peso á implicante Repartição Fiscal das Rendas Federaes em Londres:

N. 1

Senhor Director,

Escravo das leis e dos regulamentos do meu paiz, cujas disposições constituem a propria essencia do regimen que represento como Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario, eu não poderia deixar de remetter a essa Repartição as contas de que trata a sua carta de ante-hontem.

Aliás, quando me foi dado recebel-a, os recibos que hoje lhe envio já estavam devidamente catalogados e promptos para serem expedidos. Devido, porém, ao excessivo trabalho desta Embaixada, só agora lhas remetto, certo de que V. Ex. não levará a mal essa pequena demora.

Quanto aos recibos do aluguel da chancellaria, já dei ordem ao Sr. Secretario desta Embaixada para lh'os mandar com a maior brevidade.

Esperando que V. Ex. achará as minhas contas em bôa e devida ordem e que mandará creditar a meu favor, no proximo semestre, a quantia de 284 libras que gastei a mais, aproveito a oportunidade para renovar a V. Ex. os protestos da minha perfeita estima e distincta consideração.

Documento anexo ao officio n.º 1.

Prestação de contas da verba de expediente e de um terço da representação do Embaixador, no primeiro semestre do corrente anno.

Receita:

Expediente da Embaixada, á razão de 50 libras mensaes	300 libras
---	------------

Despeza:

1 Cosinheiro — doc. n. 1	60 libras
1 Copeiro — doc. n. 2	70
1 Porteiro — doc. n. 3	60
1 Lavadeira — doc. n. 4	50
1 Dactylographa — doc. n. 5	90
Luz electrica — doc. n. 6	10
Aquecimento (carvão, etc.) — doc. n. 7	40
Telephone — doc. n. 8	10
Gaz para cosinha e outras applica- ções — doc. n. 9	10
Expediente propriamente dito, papel, pennas, tinta, mata-borrão, sel- los, colla-tudo, etc. (sem doc.)	1

 401

Saldo a meu favor: 101 libras.

Receita:

Um terço da verba de representação,
 á razão de setecentas libras por
 semestre 700 libras

Despeza:

Agasalhos sociaes -- presentes de flores e bonbons á Familia Real, ás senhoras dos collegas e a prendadas damas da sociedade fiolandeza, docs. n. 1 e 2	250 libras
Charutos e cigarros egypcios para os meus jantares (não fumo) doc. n. 3	40 "
Vinhos finos para os meus jantares (não bebo) — doc. nº 4	60 "
Baralhos de cartas para as minhas reuniões (não jogo) doc. n. 5	10 "
Banquetes na Embaixada (sou dyspeptico) doc. ns. 6 a 10	450 "
Novos agasalhos sociaes — bilhetes para theatros e cinemas, distribuidos a familias da sociedade (os theatros e cinemas não dão recibos)	20 "
Conta da garage (doc. nº 11)	40 "
Um vestido novo para minha mulher ir ao baile da Côrte (doc. n. 12	10 "
Um par de sapatos para o mesmo fim	3 "
Total	883 libras

4. Nessas condições, o saldo de V. Exa. para o semestre que vem de iniciar-se é apenas de 271 libras e não de 284.

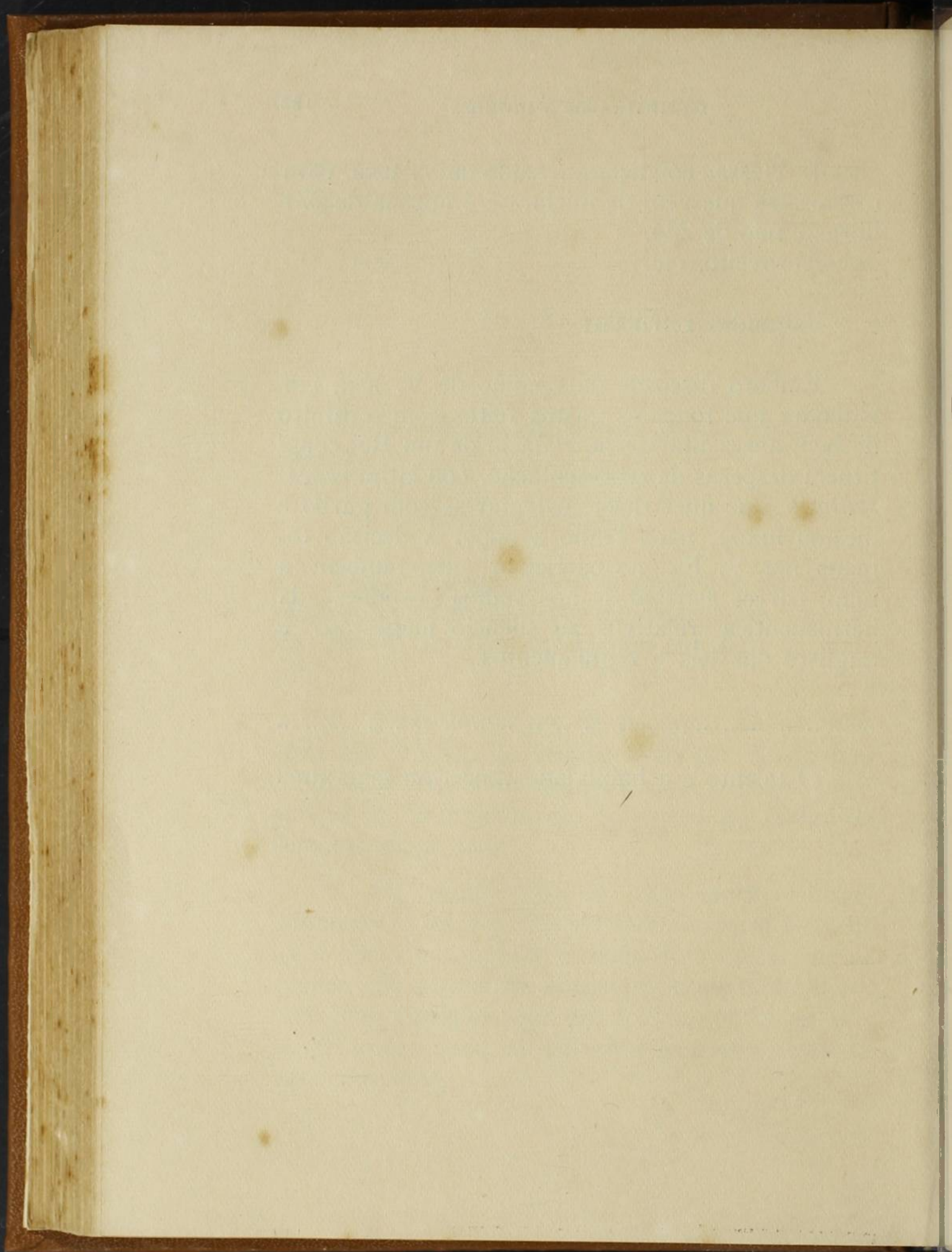
Aproveito, etc.

Fagundes retrucou:

Embora discorde da opinião de V. Ex., por entender que todos os gastos feitos com o intuito de bem apresentar-se no Palacio de um Rei constituem despesas de representação, (do latim *representatio*, que quer dizer, ostentar-se com garbo e mesmo luxo), nada tenho a oppôr á decisão tomada por V. Ex. no particular, que, tambem a mim, parece estribar-se nos velhos canones da hermeneutica, relativos ao silencio magestoso e augusto das leis e regulamentos.

.. .. .

O talento e a habilidade venceram mais uma vez...



COM a entrada da primavera, a capital da Fiolandia transformou-se como por encanto, de cidade nebulosa e fria, num precioso rincão de luz, alcatifado de flores.

O parque de Longa Linha então, com os seus lagos de aguas scismarentas a reflectiram os lilazes em flôr que lhes ficavam pela beira, era tudo o que de mais pittoresco e lindo se podia imaginar. Mais adeante, no caminho que leva á ponte de oeste, as elegantes accacias atopetavam o passeio com as manchas de ouro dos seus cachos floridos.

Nos canteiros visinhos, uma multidão garbada de creanças rosadas divertia-se, sob os olhos vigilantes das amas, a correr de um lado para outro, no jogo da cabra céga, ou atirando migalhas de pão á voracidade alacre dos pardaes.

“Que linda é a primavera”! murmurou Sylvia, embevecida, caminhando mollemente entre mim e o marido.

E, bregeira, fitando as creanças que brincavam:

“Eu quero um filhinho. Tu me dás um filhinho?”

“Dou”! respondemos os dois ao mesmo tempo.

Sylvia beliscou-me o braço, como a repreender-me pela inconveniencia da resposta. Fiquei encalistrado. Felizmente, Fagundes nada ouviu, preocupado que estava em desvendar os segredos de uma loira Miss, que se abaixara para suspender as meias.

“Dou”! respondi baixinho aos seus ouvidos.

Como unica resposta, ella apertou-me longamente a mão de encontro ao peito.

Apezar dos nossos relógios marcarem dez horas da noite, o sol, loiro e pagão, continuava a illuminar no infinito céo, o infinito mar.

O’ noites brancas da Fiolandia, noites perfumadas e divinas, com que saudades eu me lembro de vós!”

“Comam banana com crême” (*spis bananer med flóde*) gritavam a nosso lado dezenas de pregoes, ostentando nos seus largos taboleiros, geitosamente empilhados, magnificos exemplares da nossa musa paradisiaca.

Não eram, porém, nossas patricias. Lá estava em cartazes bem grandes, a desafiar a curiosidade e o apetite dos transeuntes:

“Jamaica bananer — 5 for 1 krone”, isto é, cinco por dois mil cruzados.

Sentimo-nos tristes e humilhados.

“E dizer-se que isso brota do nosso bemdito solo, sem que o homem tenha sequer o trabalho de plantar”, protestou Sylvia, pensando na inercia dos nossos exportadores. “E’ doloroso”!

“E’ mais do que doloroso, é revoltante, concluiu Fagundes”.

A poucos passos de nós, o famoso “Rivoli”, o maior parque de atrações de toda a Europa, incitava-nos ao folguedo. Entrámos. Fagundes despediu-se pouco depois, pretextando ter que ir á chancellaria escrever um officio urgente.

Entregues a nós mesmos, Sylvia e eu ainda perambulámos um pouco em derredor dos jardins iluminados e dispunhamo-nos a tomar um refresco no “Limbo”, o elegante restaurant, quando vimos lá dentro, a dansar com a lavadeira da Embaixada, a figura monocular e inconfundivel do Barão de Ramalho.

“O melhor é irmos para casa”, segredou-me Sylvia. “Já esqueceste a promessa que me fizeste hoje, em Longa Linha?”

Não respondi. Tomei-a delicadamente pelo braço e embarafustamo-nos no primeiro taxi que passava.

“E como pretendes chamal-o?” perguntei-lhe entre dois beijos.

“Procopio! meu amor, Procopio Fagundes”!

“E’ curioso”, disse Fagundes estendendo-me um papel amarello, “um telegramma em cifras alphabeticas!” E’ a primeira vez que vejo semelhante cousa”.

Com effeito, o tal despacho era invulgar. Dizia assim:

“Hvor skrevet sezmos laes pezmos”. —
Exteriores.

“Trata-se forçosamente de um engano”, continuou Fagundes, “de engano aliás indesculpavel, pois o nosso Ministerio devia saber, melhor do que ninguem, que o codigo telegraphico desta Embaixada é cifrado em numeros e não em letras”.

Não obstante, por desencargo de consciencia, mandou-me perguntar pelo telephone ao Secretario da Embaixada se existia por acaso algum outro codigo, antigo talvez, cujas cifras fossem alphabeticas.

“Não. Não ha. Póde dizer mesmo ao Embaixador que nunca houve”, foi a resposta que me deu de Souza -e- Castro.

A' vista do exposto, Fagundes redigiu o seguinte telegramma ao nosso Ministerio do Exterior:

“Telegramma cifrado Vossa Excellencia incomprehensivel visto não dispôr esta Embaixada senão codigo numerico. Aguardo esclarecimentos”.

Feito isto, rumamos para a chancellaria, no intuito de criticar com de Souza esse “injustificavel desleixo administrativo”, como dizia o Embaixador.

De passagem, para adeantar expediente, entregamos á Western o telegramma que Fagundes trazia no bolso, para ser expedido com a maior urgencia.

O Barão de Ramalho, com quem nos encontramos pouco depois, mostrou-se igualmente severo com relação ao desleixo ministerial e depois de examinar o telegramma em questão, opinou, como Fagundes e eu, que se tratava realmente de uma cifra desconhecida. “São uns relaxados”! resmungou, rebolando nas orbitas os seus olhos cansados. E lá se foi, de pé espalhado, a gesticular sozinho, atraz do seu ultimo “caso” que passava.

“O Sr. já soube da formidavel *gaffe* do nosso Ministerio?” interrogou Fagundes ao penetrar na chancellaria.

“Não”! de Souza nada sabia.

Contamos-lhe então, exagerando uns certos detalhes, a historia toda do telegramma cifrado

e da laconica mas expressiva resposta de Fagundes.

“Não é possível”! articulou de Souza.

“Tanto é”, retrucou Fagundes, radiante, “que aqui está a prova evidente do que affirmo”. E estendeu-lhe o telegramma.

De Souza abriu-o e poz-se a ler pausadamente:

“Onde se diz sezmos leia-se pezmos”.

“Mas isto que está ahi não é cifra?” perguntou Fagundes intrigado. “Absolutamente”, replicou de Souza, ás gargalhadas. “E’ fiolandez”.

“Que quer dizer então essa historia de sezmos e pezmos?”

“E’ a repartição dos telegraphos daqui que procura rectificar, aliás para peor, o telegramma que recebemos hontem, no qual o nosso Ministro agradecia os pezames que lhe haviamos enviado pelo fallecimento do Ministro da Defeza”.

Não escutámos mais nada. Atirámo-nos pela escada abaixo em desenfreada correria e só fomos parar junto ao *guichet* da Western. Tivemos sorte. A nossa resposta ainda não havia sido transmittida. Fagundes esquecera-se de mencionar o idioma em que a redigira.

“Bemdito lapso”! gritamos os dois, tremulos de emoção.

Meia hora depois, commentando o occorrido na *terrasse* do hotel da Inglaterra, deante de

duas laranjadas geladas, Fagundes saiu-se com esta phrase profundamente philosophica:

“Meu caro Amigo, o que pudermos fazer hoje, devemos deixar para amanhã. E’ a unica maneira de evitarmos dissabores”.

CHEGOU o estio. Sund, a risonha capital da Fiolandia, — o Paris do Norte, como dizem os seus habitantes — tornou-se ainda mais florida e linda do que na primavéra.

Não era mais uma cidade; era toda um jardim.

Entretanto, por uma dessas extravagancias que eu não saberia explicar, todas as pessoas abastadas e semi abastadas trocaram-na impiedosamente pelas praias e campos das cercanias.

Foi mais que uma retirada; foi quasi um exodo.

Na cidade, assim tão linda, ficaram apenas aquelles que não podiam ou não tinham recursos para deixal-a.

“A multidão é ignara”! asseverou Fagundes ao contemplar as alamedas floridas, mas vasias, do deserto Sund.

Todavia, era mistér seguir o exemplo da turba. Fagundes não era só Fagundes, era tambem o Embaixador de Santa Cruz e nessas condições sentia-se mais ou menos obrigado a seguir o exemplo da maioria.

Reminiscencias do seu tempo de parlamentar.

O facto é que, dias depois, nos hospedavamos todos, inclusive de Souza -e- Castro e Ramalho, no melhor hotel da Praia de Kornbek, a duas horas do centro da cidade.

A exemplo do que faziam os demais veranistas, Sylvia, Ramalho, de Souza e eu passavamos os dias de maior canicula em curtissimos trajes de banho, á beira da praia, exercitando-nos em jogos innocentes, ou dentro do salso elemento a nadar, qual novos delphins, atraz de uma sereia.

Nem mesmo á hora das refeições deixavamos os nossos levissimos *maillots*. Apenas Fagundes, cujo tempo era todo consagrado á elaboração de dois importantissimos trabalhos, vestia pesado roupão de banho, sarapintado de vermelho e preto.

Terminado que era o almoço e mesmo o jantar, Sylvia oscullava a testa reluzente do marido e corria para a praia. Nós seguimos-lhe as pegadas, ao passo que Fagundes, barbado e solemne, subia para o seu quarto, afim de transmittir á materialidade branca do papel as luzes multicores do seu talento inconfundivel.

“Emquanto vocês descem, eu subo”! costumava elle dizer, em tom de profundo mysterio.

De Souza -e- Castro, irreverente como sempre, affirmava em taes momentos que Fagundes estava escrevendo uma obra celebre: “o Manual do perfeito cretino”.

E' que lhe faltava uma certa dóse de conhecimentos philosophicos para admirar em toda a sua grandeza os thesouros de sabedoria humana que encerrava o nosso Embaixador.

Sylvia de roupa de banho e solta na praia era uma perfeita garota, uma linda e appetitosa garota.

O seu passatempo predilecto consistia em brincar horas seguidas disso que as creanças chamam vulgarmente de "trem de ferro".

Consta esse jogo em ficar uma pessôa atraz da outra, o mais junto possivel. O que vae atraz agarra-se ao que se lhe segue e assim successivamente, até chegar ao deanteiro, que não tendo em quem segurar, fica livre de fazer com as mãos o uso que mais lhe convier.

Feito isto, o deanteiro, que representa a locomotiva, dá um apito e inicia a marcha, ora lenta, ora apressada, segundo a vontade dos participantes.

Sylvia, por exemplo, pedia sempre marcha lenta, tão lenta, que levavamos ás vezes dez minutos para vencer cem metros. Era natural. Tinha medo de cahir.

Para não dar na vista, eu fazia invariavelmente a locomotiva, tendo logo atraz de mim ora Ramalho, ora de Souza -e- Castro. Sylvia é que se mettia sempre entre esses dois. "Sou o "wagon-

restaurant”, dizia ella mostrando alegremente a sua admiravel dentadura.

Aquella distracção devia ser altamente fatigante para os que vinham atraz de mim, porque, mal eu dava o signal de parar, Sylvia e os outros dois se atiravam por terra, de ventre para baixo, visivelmente extenuados.

Eu, no emtanto, continuava de pé, sem mostras de cansaço, o que provocava grande admiração dos meus companheiros.

Aos domingos, como Fagundes não trabalhasse, sahiamos em bando para visitar os castellos mais conceituados ou os recantos mais pittorescos da região.

Ramalho desempenhava amavelmente as funcções de *cicerone*, por isso que de Souza, nesse dia, costumava ir á Embaixada, em busca da correspondencia.

Numa dessas excursões fomos parar no famoso castello de Scromborg, que Ramalho, pondo o monoculo, assegurou ter sido theatro de grandes acontecimentos no passado.

“Nesta esplanada aqui”, explicava o Barão, “foi que o phantasma do Rei fulano de tal (já me não recorda o nome) appareceu altas horas ao seu filho Hansen, para dizer-lhe os nomes dos seus algozes e pedir-lhe vingança”.

“Aquella estatua alli, nas casamatas, é o celebre guerreiro Folger Transke, que, segundo a lenda corrente, sahirá do seu marmoreo torpor no dia em que a Fiolandia fôr invadida e, sozinho, expulsará os invasores do seu paiz”.

“Que bicho!” murmurou Fagundes.

“Foi neste rio aqui, de aguas barrentas, que a loira e divinal Astrid, louca de dôr, veio buscar a morte, ao saber que seu pae havia sido assassinado pelo seu namorado, o Principe Hansen”.

“Coitadinha!” fez Sylvia, penalizada.

“E Hansen, que foi feito delle?” inquiriu o Embaixador.

“Fez o que lhe ordenara o phantasma paterno: matou o Rei, seu tio, a Rainha, sua mãe e varios outros dignitarios da Côrte. Acabou morrendo tambem, victima de uma estocada envenenada do irmão de Astrid”.

Sahimos do castello. Do outro lado do mar, erguia-se sobre as espumas das ondas o casario cinzento de Smergoss, berço de outra gente encantadora e forte.

Fomos andando sem destino certo, e, quando demos por nós, estavamos deante de um monte de pedras, encimado por uma cruz roida pelo tempo. O nosso mirabolante Consul adeantou-se e pronunciou estas palavras latinas: “Hic jacet Hansen Principe Augustus antiquissima Fiolandia, enamoratus castissima Astrid, mortus venenorum propinatus inimicus suum”.

Sylvia ajoelhou-se piedosamente, enquanto nós tres, de cabeça baixa e chapéo na mão, guardámos silencio durante alguns minutos.

De volta desses passeios dominicaes, Fagundes recolhia-se aos seus aposentos, ao passo que Sylvia, Ramalho, eu e de Souza, já restituído ao nosso convívio, ficavamos no salão, dansando ao som do *jazz* do hotel.

Foi numa dessas occasiões que de Souza, o incorrigível de Souza, vendo Sylvia nos braços de Ramalho, este, muito alto, aquella, pequenina, perguntou-me se eu não achava a nossa Embaixatriz parecida com uma *feuille de vigne*.

Respondi que sim, sem comprehender, mas logo que ella voltou contei-lhe a phrase, que me ficara bailando no ouvido.

“E que quer dizer *feuille de vigne*?” indagou Sylvia ingenuamente.

“Pois não sabe?” retrucou de Souza, com malicia. “São essas folhas que se collocam em certas estatuas menos abrigadas...”

“Sem vergonha!” contestou a esposa de Fagundes, dando-lhe uma pancadinha com o leque e voltou a dansar com o Barão.

Certa manhã, quando, já de roupa de banho, nos dispunhamos a brincar na praia, recebe-

mos um recado de que o Embaixador desejava fallar-nos. Corremos ao seu quarto. Encontramol-o no banho, o dorso nú fóra dagua, a examinar umas tiras dactylographadas.

“Chamei-os para ouvirem os meus dois ultimos trabalhos, elaborados emquanto Vocês faziam piruetas na praia”.

E, sem mais commentarios, começou a lêr com voz pausada e grave as suas mirificas producções.

Eram realmente dois trabalhos de peso, dignos das prodigiosas circumvoluções de Fagundes.

Felicitamol-o calorosamente, tendo Ramalho levado o seu entusiasmo ao ponto de beijar as mãos de Fagundes e dizer que aquellas tiras constituíam o seu canto de cysne.

Só de Souza não compartilhou da nossa effusão.

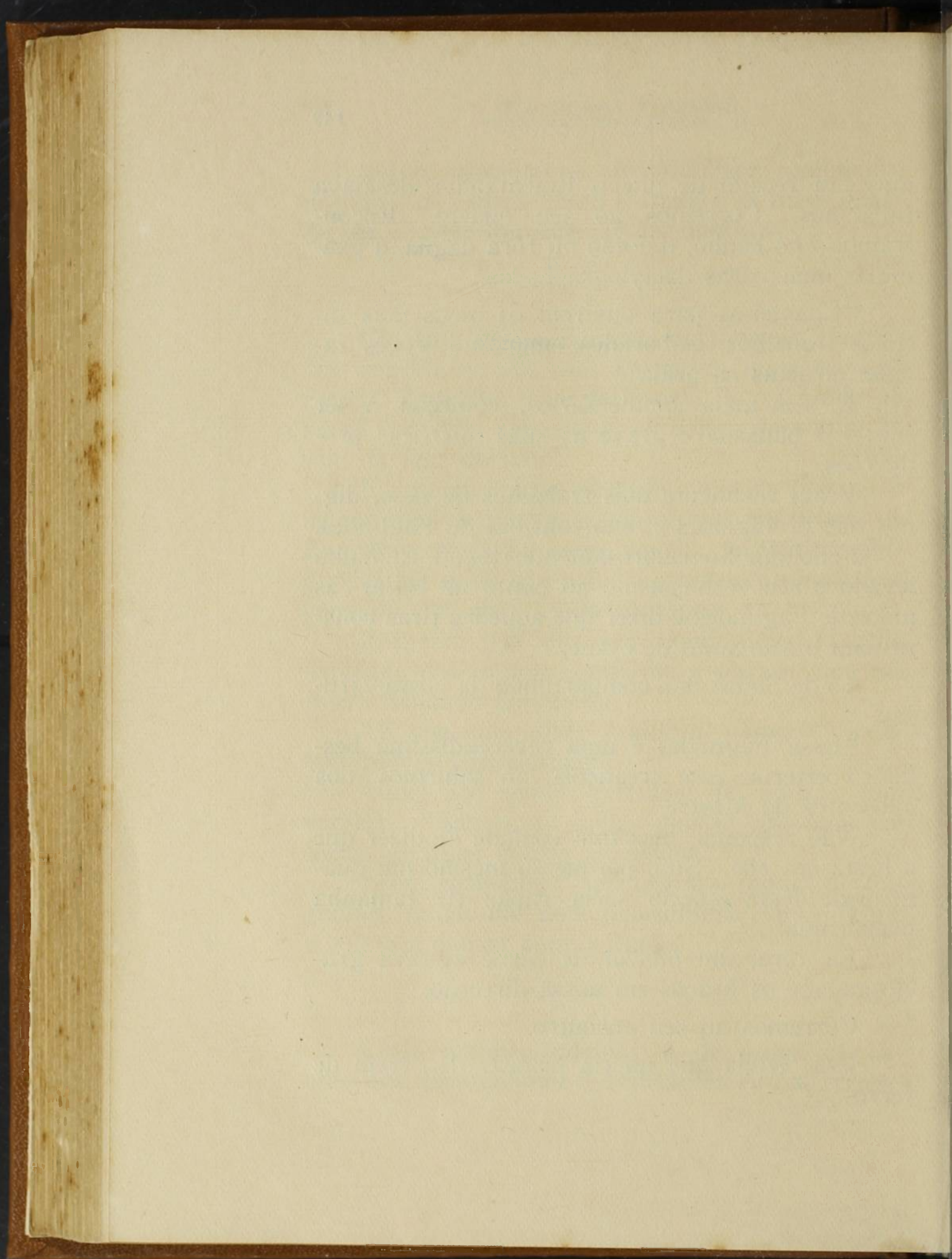
“Esse Fagundes é uma reverendissima besta”, vociferou esse creançola, ao sairmos dos aposentos do Mestre.

Não respondi, mas tive vontade de dizer que a besta era elle. Sim, porque só mesmo um quadrupede dessa especie seria capaz de tamanha blasphemia.

Lá fóra, um *bibelot* de carne agitava graciosamente os braços em nossa direcção.

Corremos ao seu encontro.

Era Sylvia que queria brincar de “trem de ferro...”



EMBORA receie alongar demasiadamente estas paginas de glorificação e de saudade, não posso furtar-me ao prazer de reproduzir em seguida esses dois monumentos de sabedoria humana, a que ha pouco me referi.

São poucas linhas, é certo, mas ha nellas tanta vibração, tanta clarividencia, tanto patriotismo, tanta illustração, tantos conhecimentos, que o grande Homero certamente não trepidaria em trocal-as por todos os seus volumosissimos poemas.

Admirae-as leitor e dizei depois se Fagundes não era realmente um genio.

Senhor Ministro,

Após longos mezes de acurado estudo e constantes observações, cheguei á conclusão de que o café, esse famoso rebento da prendada familia das chinchonaceas, é apreciadissimo em toda a Fiolandia. Não ha quem o desconheça nestas regiões.

Bebem-no pela manhã, bebem-no ao almoço, repetem-no ao jantar e não raro a deshoras, depois da ceia.

Entretanto, e é com verdadeiro pezar que o digo, todo esse café não vem da nossa gloriosa terra, mas de outras procedencias vagas e longinquas. Tratei de apurar a razão desse dispauterio e fui informado de que tal se dá porque o nosso café é de pessima qualidade, sem aroma, azedo, e constantemente misturado com areia, feijão e outros ingredientes estranhos ao paladar.

Ora, isto é uma refinadissima mentira, como tive occasião de fazer sentir ao meu informante. Mais ainda, é um insulto ao nosso pundonor, um agravo á nossa soberania. Cumpre revidal-o ao pé da letra.

No meu fraco entender, o melhor seria dizer-lhes francamente: ou Vocês bebem o nosso café e reconhecem a sua superioridade sobre os seus similares, ou nós não comeremos mais o vosso indigesto bacalhão, nem tampouco usaremos do vosso ordinarissimo cimento na construcção de nossas casas.

Todavia, se V. Ex. não concordar com esse processo, por aggressivo, proponho que mandemos aqui alguns dos nossos navios carregados da preciosa rubiacea, em saquinhos de 250 grammas, para serem fartamente distribuidos pela população. Aposto que, finda a experiencia, ninguem mais beberia outro café.

Identico processo devemos adoptar com relação a outros productos da nossa flora, taes como bananas, laranjas, abacaxys, etc. fructos estes

vendidos aqui por altos preços, embora de qualidade visivelmente inferior aos nossos.

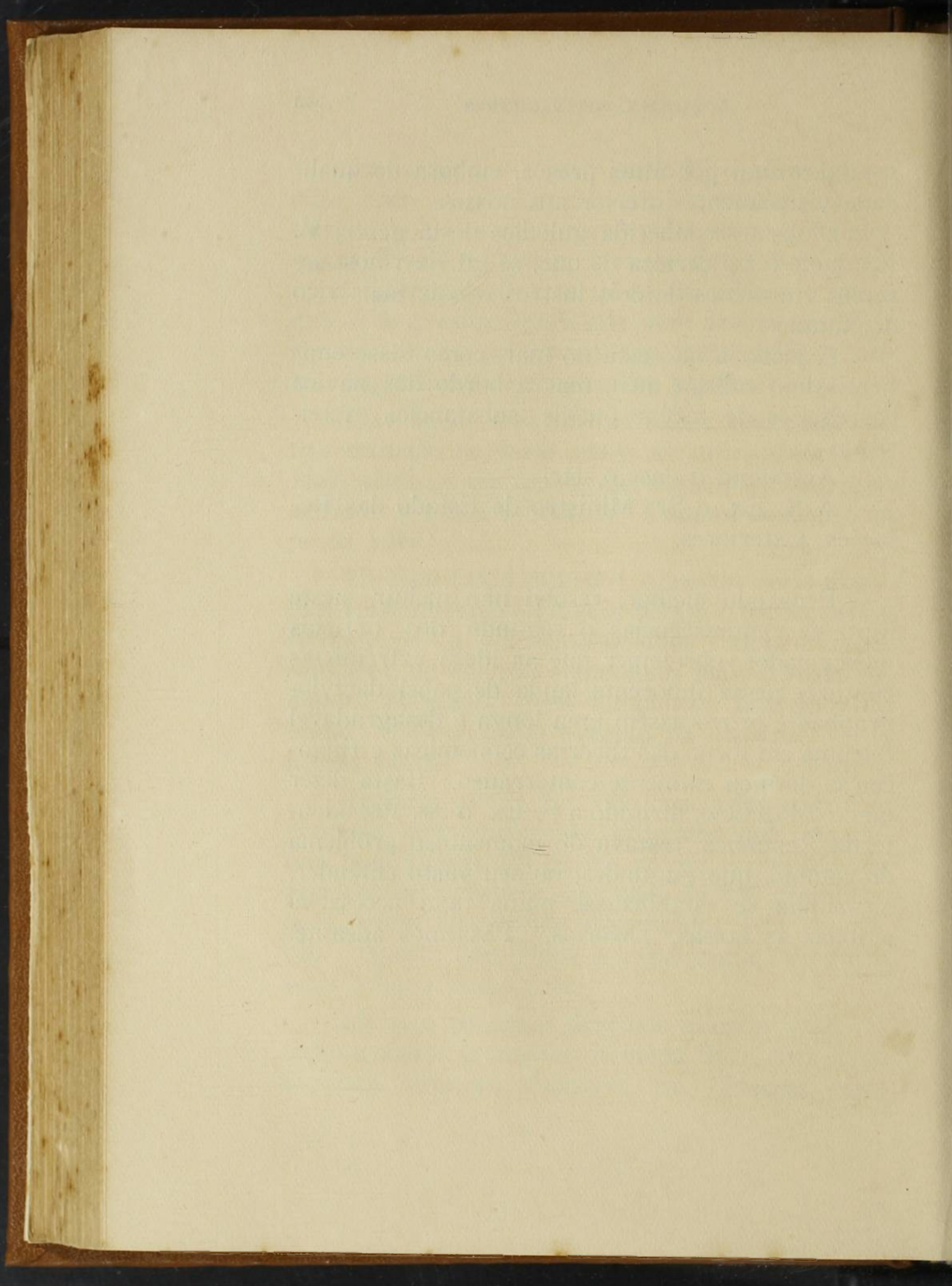
Dada a reconhecida gulodice desta gente, V. Ex. póde ter a certeza de que, se tal fizermos, seremos em menos de dois lustros o paiz mais rico do mundo.

A victoria não está no mar, como disse eminentissimo collega meu, mas a bordo dos navios carregados de café e outras substancias nutritivas.

Aproveito o ensejo, etc.

A S. Ex. o Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores.

Pensando melhor, resolvi não incluir neste livro de reminiscencias o segundo dos officios mencionados, por temer que as idéas extremistas contidas nessa innocente lauda de papel dactylographado, provocassem uma longa e desagradavel celeuma em torno das theorias economicas e financeiras do meu eminente conterraneo. Basta dizer que o tal officio, dirigido a S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, tratava do momentoso problema do cambio, que Fagundes, no seu vasto entender, propunha se estabilizasse numa taxa accessivel a todas as bolsas. Theorias. Passemos adiante.



AGOSTO começou a esfriar, tocado pelas brisas frescas que precedem o outomno. Era o verão que findava.

Fôra tão curta a sua duração — dois meses apenas — que ficamos desolados. Eu, menos do que os outros; Sylvia, mais do que todos.

Emmalamos os “maillots”, despedimo-nos num olhar tristonho da praia que nos vira brincar o “trem de ferro” e regressamos ao nosso tepido *bungalow* de Perlotenlund.

“Venham ver-nos com frequencia”, pediu Sylvia aos nossos companheiros. “Preciso distrahir-me; o outomno é tão triste”.

Ao contrario de nós, as arvores começavam a despir-se para receber os beijos de neve do inverno.

Nem mais uma flôr, nem mais um passarinho a cantar nos galhos resequidos.

O sol já se não perdia em orgias de luz, pela noite afóra; muito ao contrario, aquecia menos e recolhia-se mais cedo, como que a preparar a natureza para o consorcio das trevas. Sylvia tinha razão: “Como é triste o outomno!”

Lembrei-me então com dolorosa saudade da minha terra natal. Bemdita sejas tú, ó patria minha, querida, que tens a illuminar-te os Céos o mais ardente dos Sóes e a engalanar-te a natureza os mais frondosos bosques, eternamente verdes. Mil vezes bemdita!

Mas, eterno nesta vida, só o nosso amôr, dizia o poeta. E tinha razão. Assim é que, aos poucos, a nossa pena foi diminuindo suavemente, até tombar de todo no immenso naufragio das cousas desaparecidas, para usar da expressão de um diplomata nosso.

Mal janeiro gelou, dedicamo-nos todos, excepto Fagundes, aos desportos de inverno. Começamos pelo *ski*. Sylvia e eu não nos ageitamos com trazer aos pés esses longuissimos pedaços de madeira. Cahiamos a todo o instante, por qualquer motivo e mesmo sem motivo algum.

Decidimo-nos então pelo trenó, por mais seguro e divertido. Comø no "trem de ferro", eu ia sentado á frente e a esposa de Fagundes entre Ramalho e de Souza. Graças á habilidade deste ultimo, que manobrava com pericia uma grande vara, a guiza de leme, descemos as mais ingremes encostas, vertiginosamente, sem que jamais nos fosse dado lamentar o menor ~~incidente~~.

Duraram pouco essas traquinadas pela neve. Sylvia adoeceu repentinamente.

ac/

Assustado com os vomitos continuos da esposa, Fagundes chamou o Dr. Pang, medico da Côrte, que lhe receitou um calmante, dizendo que o mal era pequeno.

Dias depois, Fagundes e eu, cada um pelo seu lado, naturalmente, verificámos que o medico acertara. O mal de Sylvia era de facto "pequeno".

Ambos tinhamos cumprido a promessa feita em Longa Linha, naquella deliciosa tarde de primavera... Iamos ser Paes!

O periodo gestatorio correu felizmente sem a menor novidade. Todos nós faziamos o possivel para satisfazel-a nos seus minimos desejos.

Fagundes levava-lhe fructas, diariamente; de Souza, bonbons sortidos; Ramalho, doce de côco e puxa-puxa, feitos por elle mesmo, nos momentos de ocio do Consulado e eu, além de caricias, presenteava-a com roupinhas e sapatinhos de lã, para o futuro Procopio.

E assim, em diuturnas attenções, passámos o inverno.

Sylvia esperava a creança nos primeiros dias de primavera, de maneira que, ao florirem os lilazes do nosso jardim, corri a perguntar-lhe se o nosso Procopio já estava em caminho.

“Que Procopio?” fez ella de máo humor.

“Pois, então já te esqueceste de que foi esse o nome que escolhemos para o nosso filho?”

Sylvia percebeu a falta e procurou desculpar-se. Sim, lembrava-se e continuava achando o nome muito bonito e muito doce.

O diabo era o marido, que talvez visse nisso uma indicação de paternidade e, furioso, nos expulsasse de casa.

Procurei acalmal-a, mostrando-lhe a sem razão de taes receios. Contei-lhe factos identicos, passados com pessoas conhecidas, sem que os maridos se achassem no direito de desconfiar. Em vão. Sylvia não cedia.

“Tudo o que quizer, menos Procopio. Não é só por Fagundes; que diriam por exemplo de Souza e Ramalho ao saberem do nome da creança?”

“Não, senhor! Arranje outro, se quizer. Procopio é que não”! Vendo que era inutil insistir, agarrei em mim e sahi violentamente.

Para vingar-me, fui a um *cabaret* e só voltei á casa pela madrugada.

Ao chegar ao meu quarto, deparei com este bilhete, deliciosamente laconico:

“Perdôa, querido, perdôa em nome do nosso Procopinho! Tua S.”

Fiquei tonto de alegria. Corri ao seu quarto e tombei-lhe nos braços, banhado em pranto.

Correram mais dois mezes e a creança não appareceu. Em compensação, o ventre de Sylvia crescia assustadoramente.

“São dois gemeos”, diziam os intimos, digerindo os almoços dominicaes da Embaixada.

Os intimos, nessa época, eramos apenas de Souza, Ramalho e eu, pois que os dois unicos patricios que por lá havia, quando chegámos, já tinham reintegrado os patrios lares.

“Se tal se der”, retorquia Fagundes, será a primeira vez que terei uma obra em dois tomos”. E sorria satisfeito do chistoso dito.

Deante desses commentarios, que a mim se me afiguravam de accentuado máo gosto, eu permanecia silencioso e grave. Não obstante, a perspectiva dos gemeos enchia-me de prazer.

E' que a idéa de ter um filho de collaboração, mesmo com um homem da estatura intellectual de Fagundes, não me sorria grandemente.

Um filho é um filho, que diabo! não é nenhuma revista theatral, em que um faz o libretto e outro a partitura.

Deve ser obra exclusiva de um só, para sahir de accordo com os requisitos do autor. Do contrario, ninguem poderia saber a parte que lhe tocou na confecção do todo.

E, pensando assim, eu rezava baixinho para que nascessem dois gemeos.

Sylvia, a quem contei os meus receios, assegurou-me que o pae era eu e ninguem mais. Sem embargo, continuei a rezar. Dois era mais se-

guro. Além disso, parecia-me muito mais nobre e equitativo. Fagundes teria o seu e eu o meu. Ambos ficaríamos satisfeitos e nenhum de nós correria o risco de considerar como filho o rebento do outro.

Eu pelo menos suppunha-me a coberto desse equivoco.

Das rezas passei ás promessas e era tal o meu fervor, que em menos de um mez, com os successivos augmentos, já havia prometido cem libras de cera a nossa Senhora do Parto.

“Dois, minha Nossa Senhora, ~~faça~~ que nasçam dois e eu vos darei cem libras de cera”.

Chegou enfim o momento de Sylvia ser mãe pela primeira vez.

Junho em flôr perfumou-lhe a alcova e ouviu-lhe os dolorosos queixumes.

“Então, que tal?” perguntei medrosamente a Fagundes, que sahia dos aposentos de Sylvia.

“Admiravelmente! E’ uma menina forte e roliça”.

Sentei-me numa cadeira para não cair.

Nem ao menos um varão, um Procopio, mas uma menina e uma menina de collaboração!

Fiquei anniquillado.

E que nome iriam dar-lhe? Procopia? Certamente que não.

Era forte de mais para hombros tão fracos.
Que nome, então?

Assim de prompto, só me occurriam nomes sonoros e longos: Barbara, Theodora, Clo-doalda...

Tive impetos de entrar no quarto de Sylvia e decidir com ella, immediatamente, o nome da creança; mas as conveniencias se oppunham.

Resignei-me a esperar duas horas, duas longas e penosissimas horas, até que me fosse dado fallar com a mãe de minha filha.

“E’ o teu retrato”, disse-me Sylvia, logo que ficamos a sós.

Approximei-me do berço e levantei cuidadosamente as cobertas que abrigavam o pequenino ser.

Sylvia tinha razão. Era o meu retrato. Tanto bastou para que me reconcilhasse com os acontecimentos.

“E o nome? já escolheste o nome?”

“Já”, contestou Sylvia, mollemente, “mas só digo quando ficar melhor”.

“E por que?”

“Porque é muito longo”, concluiu Sylvia, presa ainda de cruciantes dores.

Não insisti e como a ama chegasse, retirei-me discretamente.

Foi Fagundes, na hora do almoço, que me deu a conhecer o nome de minha filha.

“Chama-se Maria Pulcheria da Graça Fagundes”, disse elle, com a bocca cheia de pirão de

ervilhas. E, antes que eu tivesse tempo de murmurar qualquer cousa, declarou-me que o sobrenome da Graça era uma homenagem á minha pessoa.

Agradei commovido e logo que me foi possível fui vêr a mãe de Maria Pulcheria.

Sylvia já estava melhor e contou-me as razões que a levaram a escolher semelhante nome.

“A principio”, disse-me ella, “pensei em chamal-a de Procopia”.

“Manéco, não gostou. Propuz então o de Graça, que elle achou curto de mais. A’ vista disso, desejando incluir parte do teu appellido no nome de nossa filhinha, lembrei-me de Maria Pulcheria da Graça, que foi afinal acceto”.

“Prestei assim, egualmente, uma homenagem a de Souza e Ramalho, em attenção ás multiplas gentilezas que me dispensaram na época justamente...”

“E em que consiste essa homenagem?” interrompi.

“Muito simples: de Souza chama-se Mario, dahi Maria. O Barão de Ramalho é Pulcherio, logo Pulcheria. Assim elles ficarão sabendo que me não esqueci dos obsequios recebidos”.

“Tu és genial, minha querida Sylvia”, fiz eu admirado de tanta subtileza. “Não podes negar que és a esposa de Fagundes e a mãe de minha primeira filha”. E beijei-lhe ambas as mãos carinhosamente.

O ultimo verão que passámos na Fiolandia póde dizer-se que não teve historia; quando muito uma chronica ligeira e superficial.

Para começar, não fomos a Kornbek, nem a outro logar qualquer; ficamos burguezmente na capital, á espera de varios compatriotas illustres, que deviam chegar brevemente para representarnos em varios Congressos internacionaes, então reunidos no Sund.

Sylvia ficou inconsolavel. Não podia conformar-se com a idéa de privar-se do seu desporto favorito, o “trem de ferro”, “por causa de uns homens que não conhecia”.

Fez mesmo varias tentativas para demover o marido de ficar na cidade. Fagundes foi inexoravel: “Não, senhora; antes de tudo o dever!” E esta phrase admiravel, dita com voz autoritaria e firme, foi o bastante para nos reconciliar com a vida monotona da cidade, em pleno estio.

O primeiro a chegar, dos nossos compatriotas, foi o illustre causidico, Dr. Jayme Carrazedo, delegado ao XX Congresso de Estradas de Rodagem.

Seguiram-no com pouca differença o meu querido amigo e eminente engenheiro de minas, Dr. Antonio de Araujo, incumbido pelo Estado de S. Pedro de estudar a legislação fiolandeza relativa á industria pastoril; o Major Coelho, José Maria Coelho, designado para representar-nos no Congresso de Plantas Forrageiras e, finalmente, o celebre cirurgião, Dr. Pedro da Mata, encarregado da dupla e honrosa missão de delegado ao Congresso Postal e de estudar *in-loco* os effeitos de um novo medicamento destinado a curar a tuberculose pulmonar.

Fagundes desdobrou-se em attenções e amabilidades para com os illustres compatriotas: mostrou-lhes a cidade, acompanhou-os aos museus, levou-os a Scromborg, ao tumulo de Hansen, etc. Para cumulo da cortezia, fez-se commensal diario dos seus hospedes, afim de evitar-lhes a maçada de irem almoçar ou jantar na Embaixada.

Como as rosas de Malherbes, que eminente senador affirmou viverem pouco, assim durou a visita da maioria dos nossos compatriotas ás sorridentes plagas fiolandezas.

O meu amigo Antonio de Araujo foi o primeiro a abandonar-nos: por intermedio de Souza, arranjou em dois dias todo o material necessario ao estudo da industria pastoril e embarcou logo para Paris, afim de preparar o seu relatório.

Vinte e quatro horas mais tarde, partiram com identico destino o Dr. Carrazedo e o Major Coelho, deixando a Ramalho o honroso encargo de votar de accôrdo com a maioria, nos Congressos de que eram membros.

Ficou-nos apenas, e, ai de nós, para sempre, o Dr. da Mata, cujas observações sobre os effeitos do remedio que estava estudando, lhe não permittiam, como desejava, seguir o exemplo dos seus companheiros de jornada.

Esse illustre scientista patricio era um condemnado a proximo desapparecimento. Minava-o traiçoeiramente a propria molestia cujo remedio estudava — a tuberculose. Dahi certamente a commissão que arranajara para ir á Fiolandia.

Foi infeliz, no emtanto: logo ás primeiras injecções do milagroso remedio, o Dr. da Mata entrou em coma, para morrer dias depois, no meio de horriveis convulsões.

“A sciencia está de luto; cubramo-nos de crepe”, suspirou Fagundes ao deitar a primeira pá de cal sobre o esquife desse eminente compatriota.

“*Requiescat in pacem, amicus mio*”! murmurou por sua vez o Barão de Ramalho.

Estava cumprido o nosso doloroso dever. Sahimos tristes da mansão dos mortos.

Não preciso dizer que expedimos á Carvalhosa longuissimo telegramma, dando conta de todos os detalhes do infausto acontecimento.

Com o desaparecimento do Dr. da Mata a nossa vida retomou o seu curso habitual e tranquillo.

Fagundes, no emtanto, já não ia á chancelaria com a frequencia de outros tempos. Limitava-se a fazel-o tres vezes por semana, das nove á meia noite.

Justificava essa transformação dizendo que algumas horas por noite, embora tres vezes por semana, valiam muito mais, no fim de contas, que todo um dia de trabalho extrenuo.

E, senão, que perguntassemos á sua dactylographa.

Devia ser assim mesmo. Fagundes tinha sempre razão.

Não se creia, por isso, que ficasse em casa o dia inteiro. Absolutamente. Mal davam as quatro horas, perfumava-se todo, vestia o seu terno mais vistoso e rumava para o chá do Inglaterra, onde se encontrava invariavelmente com o Barão de Ramalho.

Segundo elle mesmo me contou, ia alli para estudar *de visu* os costumes sociaes da mulher fiolandeza.

Terminado o chá, davam uma volta pela rua principal e acabavam a tarde no Consulado, onde os ultimos "casos" do heraldico amphytrião faziam amavelmente as honras da casa.

Dessa intima convivencia com o Barão, nasceu no democratico espirito de Fagundes um marcado pendor pelos titulos honorificos, pendor que

levou o Rei de Porto Santo a conferir-lhe o pomposo titulo de Visconde de S. Manoel.

Mais ainda do que o marido, Sylvia banhose em prazer quando soube que era Viscondessa. Mandou logo fazer cartões em que o seu nome viesse precedido do titulo, bordou ella mesma corôas vermelhas na sua roupa branca e, por insinuação de Ramalho, supponho, pediu ao marido que arranjasse quanto antes o escudo da casa de S. Manoel.

Fagundes já havia previsto esse detalhe e antes que a esposa voltasse a si da surpresa, enfiou-lhe no dedo um anel sinete com as armas de sua casa, constantes de uma aguia com as azas abertas, em attitude de vôo, tendo nas garras aduncas dois córnos graúdos, derramando ouro em profusão.

“São os córnos da abundancia”, explicou Fagundes com solemnidade.

Por baixo de tudo isso, lia-se este lemma, digno do nosso Embaixador: Patria, eu te amo!

Como era de prever, Ramalho tornou-se o mentor nobiliarchico dos Fagundes e commensal diario da Embaixada.

Nunca vi alguem comer com maior voracidade, nem fallar de nobreza com maior empáfia.

Tudo era pretexto para alardear a sua linhagem. Se lhe offereciam salada, servia-se iautamente, e com a bocca cheia explicava que era o prato preferido de seu augusto ancestral, Codo-

fredo de Bulhão. A carne assada constituia o manjar predilecto de seu primo, o Rei de Bizancio; as ostras, dos seus consanguineos Nero e Vitellius. E assim por deante.

Os dois Fagundes escutavam-no embevecidos. “Como deve ser bom saber a gente a historia dos seus maiores”! suspirou Sylvia, certa vez, invejando Ramalho.

“Pois eu vou arranjar a sua, ou por outra, a de seu marido”, offereceu o Barão, limpando o monoculo num vasto lenço de setim vermelho.

Effectivamente, dias depois o nobilissimo Ramalho, escudado em longas tiras manuscriptas, affirmava que Fagundes descendia, em linha recta, dos famosos Augustus, da cidade eterna.

“O seu nome, aliás, indica a sua origem”, disse elle a Fagundes.

“V. Ex. é Manoel Augusto, não é assim? Pois então?”

“Digo-lhe mais, o brazão de V. Ex. está incompleto. Faltam-lhe seis cornos retorcidos, symbolo da grandeza dos seus maiores”.

Sylvia e Fagundes abriam-se em sorrisos de felicidade.

“Descobri mais ainda”, asseverou o Barão, “descobri que somos parentes, embora remotamente. Sim, senhor, parentes”!

“Godofredo de Bulhão era casado com uma filha do terceiro Augusto!”

“Se assim é”, respondeu Fagundes, “venha de lá o osculo familiar”.

E ante os meus olhos laivados de ciume, os labios finos de Sylvia roçaram docemente pelas beiçolas famintas do Barão de Ramalho.

Dahi por deante, a pretexto de se enfronhar nos segredos da nobiliarchia, Sylvia não deixava a companhia do Barão. Recebia-o em toda parte, até nos seus aposentos particulares. Estou que não havia a menor malicia nesses encontros, mesmo porque Sylvia era uma senhora profundamente honesta. Entretanto, eu não via com bons olhos essa intimidade.

— “Uma mulher honesta não póde receber em seu quarto um cavalheiro que não seja seu marido ou seu amante”, disse-lhe eu certa vez.

“De accôrdo”, replicou, “mas um primo não é um estranho. O que não é permittido é que uma mulher de estirpe tenha intimidade com pessôas estranhas á sua linhagem. Crê que só mesmo o meu grande amôr por ti me faz dar esse passo contrario ás leis da fidalguia”.

Senti-me desarmado. No fundo do meu desespero, passei a detestar o Barão e a nobreza, os dois causadores da minha desdita. Mais ainda ao Barão do que á nobreza, porque esta ao menos era immaterial, ao passo que o outro se trancava de vez em quando, a sós, com a minha amada. E isso era intoleravel.

De uma feita, ao olhar pela fechadura do quarto de Sylvia, deparei com ella sentada ao collo de Ramalho!...

Fiquei fóra de mim. O meu primeiro impulso foi arrombar a porta e assassinal-os covardemente. O temor do escandalo fez-me tomar outra decisão. Vesti o meu sobretudo de pelle e bati-me para a chancellaria, disposto a relatar a Fagundes o que os meus olhos acabavam de presenciar.

Durante o percurso, que já me não lembro se fiz de bonde ou automovel, passaram-me pela mente as mais barbaras idéas de vingança. Por fim, decidi-me pela que me parecia mais de accôrdo com o ultraje e a minha situação diplomatica. Escreveria uma carta a Sylvia, repudiando-a e desafiaria o Barão para um duello, do qual um de nós teria que sahir sem vida.

“Morre bandido, que me tistaste a honra e me roubaste o amor!”

Era a phrase que eu tinha preparado para quando o visse estorcendo-se a meus pés.

Achei-a bonita e senti-me envaidecido por tel-a produzido tão depressa.

“Morre bandido, que me tistaste a honra e me roubaste o amôr!”

Repeti-a varias vezes até sabel-a de cór. Quando dei por mim, batia nervosamente ás portas da chancellaria. Gastei nessa operação cerca de quinze minutos.

Fagundes veio abril-a, finalmente. Estava congestionado e vestia um pyjama verde.

“Que é que ha?” interpellou-me á queima roupa. Não respondi. Sentei-me numa cadeira, preso de violenta commoção.

No quarto visinho, pareceu-me distinguir uma calça de mulher sobre o divan. Devia ser de Karen, a dactylographa, que se preparava para sahir.

“Mas que ha?” insistiu Fagundes, “Conta?”
Desembucha!”

Contei-lhe tudo então, tendo omittido unicamente o detalhe da fechadura, que converti em porta desmesuradamente aberta.

Fagundes soltou uma gostosa gargalhada. “Como você é ingenuo, Procopio!” “Bem se vê que lhe não corre nas veias o generoso sangue dos Augustus”. Do contrario, saberia que o simples facto de uma senhora nobre sentar-se sobre joelhos de um homem, tambem nobre, em hypothese alguma significa o que V. malevolamente suppõe. Trata-se, quando muito, de um gesto de amistosa camaradagem entre pessôas do mesmo sangue, gesto esse reconhecido e acceito pelo codigo da nobreza”.

“De mais a mais, é preciso não esquecer que Sylvia e Ramalho são primos, duplamente primos, não só pelo parentesco authenticico dos nossos ancestraes, como pelo facto de ambos serem fidalgos, e todos os fidalgos são primos entre si”.

Ante o inesperado dessa attitude, o calôr da vergonha subiu-me ás faces. Articulei algumas palavras de desculpa e sahi pela porta afóra, tonto de humilhação.

Os planos de vingança, architectados pouco antes, desvaneceram-se na bruma espessa que envolvia as minhas idéas.

Passei uma noite infame. Bailava no meu cerebro esta duvida cruel: Sylvia é ou não amante de Ramalho?

“E’,” dizia-me uma voz interior; “não é”, respondia-me o coração.

E, nessa alternativa discordante, a noite se escoou, sem que eu pudesse dormir.

No dia seguinte, antes mesmo do café com pão, fui á chancellaria. De Souza já estava a postos, redigindo em francez uma longa nota ao Ministerio de Estrangeiros.

Contei-lhe em poucas palavras a historia das minhas humilhações, do vacuo que se formara em torno de mim, depois que Fagundes se tornara Visconde.

“Já sei, V. tambem quer ter o seu braço”, interrompeu de Souza, sorrindo. /

“Não é propriamente isso, retruquei um pouco vexado”; “o braço é o menos. O que desejo é possuir um titulo de nobreza que me habilite a sentar á mesa de Fagundes, sem ter de corar da minha burguezia”.

“Pois é facilimo”, replicou o meu interlocutor, tirando de uma das gavetas de sua escrevaninha um folheto de capa esverdeada.

“Aqui está”, disse elle, “o amigo pode escolher á vontade”.

“Barão, custa 200 libras; Visconde, 300; Conde, 400; Marquez, 600 e Principe, mil. Qual desses titulos prefere?”

Estive a dizer que Principe. Era o titulo que me convinha. Principe da Graça, por exemplo. Infelizmente, eu não tinha mil libras disponiveis. Acabei optando pelo Condado.

“Quero ser Conde”, respondi com emphase,

De Souza approvou a minha escolha e prometteu telegraphar immediatamente ao 1.º Ministro de Porto Santo.

“Dentro de uma semana Você será Conde”, disse elle batendo-me nas costas, “mais nobre ainda do que Fagundes e Ramalho”.

“Antes disso, peço-lhe que não venha como o Embaixador, perguntar-me diariamente pela resposta...”

“Então o Fagundes tambem comprou?” fiz eu boquiaberto.

“Não seja indiscreto”, redarguiu sorrindo o amavel Secretario, e continuou a redigir a sua nota em francez.

Sahi dalli feliz e prazenteiro. A perspectiva do condado enchia-me o cerebro de sonhos impossiveis.

Cheguei a pensar em pedir a mão de uma das princezas da Fiolandia, só para ver o despeito inundar as faces de Sylvia e de seu cumplice.

Lembrei-me, porém, a tempo, de que ellas eram muito feias e resolvi não casar. Justamente; não casar era infinitamente melhor; sobretudo, eu não corria o risco de ver a Sra. Condessa — sim, porque minha mulher seria Condessa — sentada ao collo do primeiro fidalgo que apparecesse, fazendo valer os seus direitos de primo.

Pensei então que o melhor era ter amantes, loiras ou morenas, não importava, mas muitas, nobres e formosas.

Vendo o meu successo com as outras, Sylvia procuraria reconquistar-me e viria a mim, á minha casa, porque eu ia montar casa, e me pediria perdão, dizendo que me amava loucamente, furiosamente, e para confirmar a sua affirmação dar-me-ia dentadas, suaves, naturalmente, só para me reconquistar.

Eu teria então um gesto lindo de condal desprezo: apontar-lhe-ia a porta da rua: — “Minha Senhora, um Conde não póde amar Viscondessas; é contra o codigo da fidalguia”.

Durante o praso estipulado por de Souza, pouco parei em casa. Não queria dar ao meu espectacularo rival o prazer de espesinhar a minha burguezia.

Almoçava e jantava na rua, em qualquer restaurante, e no intervallo das refeições visitava de-

moradamente os museus, por serem os unicos logares gratuitos onde havia aquecimento.

A' noite, se não ia ao Cinema, trancava-me no quarto, folheando um livro de brazões, que me emprestára de Souza.

Depois de muito escolher, decidi-me pelo primeiro do livro: um gladiador romano, enfarpellado de aço, tendo aos pés e sob a sua durindana o cadaver de um formidavel leão com a bocca aberta. Por baixo escrevi o meu lemma, inspirado pela gravura: a força vence tudo. Relendo-o mais tarde, achei-o abstracto e impessoal. Troquei-o por este outro, infinitamente mais expressivo: Eu sou assim!

Resolvido esse detalhe, incumbi o joalheiro da Côte de gravar o meu anel symbolico.

Estava tudo em ordem; só faltava o titulo.

Na manhã do setimo dia, bati-me para a chancellaria.

Era cedo de mais; de Souza ainda não havia chegado. Estendi-me numa cadeira, abri uma revista e puz-me á espera.

Na sala visinha, os estalidos seccos da machina de escrever denotavam a presença de Karen, a linda dactylographa de Fagundes.

A idéa de fazer-lhe a côte passou-me rapidamente pela cabeça. A lembrança, porém, de que talvez já fosse conde, fez-me pensar no Codigo da

Fidalguia, citado por Sylvia, e repelli a idéa com segurança e enfado.

Afinal, chegou de Souza -e- Castro.

“Estou chegando tarde por sua causa”, disse-me ao entrar.

“O Ministro de Porto Santo não me queria entregar o seu titulo, sem receber o dinheiro. Foi uma trabalhadeira. Felizmente, consegui demovel-o, sob a promessa de que hoje mesmo V. saldaria o seu debito”.

Eu estava emocionado.

“Aqui tem os seus papeis. De hoje em deante V. não é mais Procopio, mas Conde da Graça, descendente em linha collateral da nobre casa de Tiberius”.

“Maior do que a de Augustus?”

“Mais larga, infinitamente mais larga”, respondeu sorrindo o meu joven compatriota.

Não me contive: esqueci que era nobre e abracei-o longamente, estrepitosamente, como se ambos fossemos da mesma estirpe de Tiberius.

Quando cheguei á Embaixada, Sylvia, Fagundes e Ramalho já estavam á mesa, atacando fidalgamente uma sopa de legumes.

“Ora viva, Procopio, por onde tem andado?” indagou Ramalho com o seu habitual tom de protecção.

Era o momento que eu ambicionava. “Perdão”! retruquei cheio de altivez, “Procopio, não! Conde da Graça, se me faz favor”!

Um raio que cahisse naquelle instante não teria produzido a mesma sensação.

“Sim, Conde da Graça”, continuei, “descendente da illustre casa de Tiberius, infinitamente mais larga que a de Augustus, meu primo”.

O espanto inicial converteu-se instantaneamente em profunda admiração.

Fagundes e Sylvia atiraram-se logo aos meus braços, felizes por abraçarem um Conde autentico, enquanto Ramalho, rubro de inveja, examinava attentiosamente o meu titulo, na ancia talvez de encontrar um detalhe qualquer que se prestasse a suspeição.

Nada havendo encontrado, veio a mim e felicitou-me.

Calei-me. Um Conde nunca diz nada a um Barão, quando entende de guardar silencio.

De accôrdo com o que prescreve a hierarchia, o meu logar na mesa voltou a ser á direita de Sylvia, sendo o Barão relegado para a direita de Fagundes.

Não me atrevo a descrever aqui as noites de amôr que a Viscondessa proporcionou aos meus fidalgos sentidos.

Taes revelações seriam contrarias á secular galanteria da minha casa.

Limitar-me-ei a dizer que a Viscondessa tratou-me com tanto amôr, com tanta dedicação,

com tanto carinho que eu, apesar de Conde e descendente collateral de Tiberius, esqueci os agravos passados e permitti que continuasse a viver no meu coração. Todavia, para não ferir a susceptibilidade da minha jerarchia, passei a chama-la, na intimidade, de Condessa, de minha Condessa, tratamento que a envaidecia sobremodo.

De Maria Pulcheria, sangue do meu sangue, carne da minha carne, direi que continuava a receber de todos os carinhos e atenções a que tinha direito pelo seu nascimento.

Já não era mais o vulto informe dos primeiros dias, mas uma creança linda e rosada, como sóem ser os filhos da nobreza. Dava-se com ella, no emtanto, um curioso phenomeno que eu não saberia explicar senão baseado nos principios scientificos do mimetismo.

Devido ao nome que lhe poz a mãe, formado, como já vimos, pela feminisação dos nomes do Secretario e do Consul, e pelos appellidos meu e de Fagundes, Maria Pulcheria, á proporção que crescia, ostentava no rostinho delicado e ingenuo os traços caracteristicos de cada um de nós.

Assim é que, de de Souza, ella possuia o narizinho arrebitado; de Ramalho, o olho direito mais aberto do que o esquerdo, devido ao uso do monoculo; de mim, a doçura do olhar e os sedosos cabellos, e de Fagundes, do immortal Fagundes, o ar grave e a intelligencia aguda.

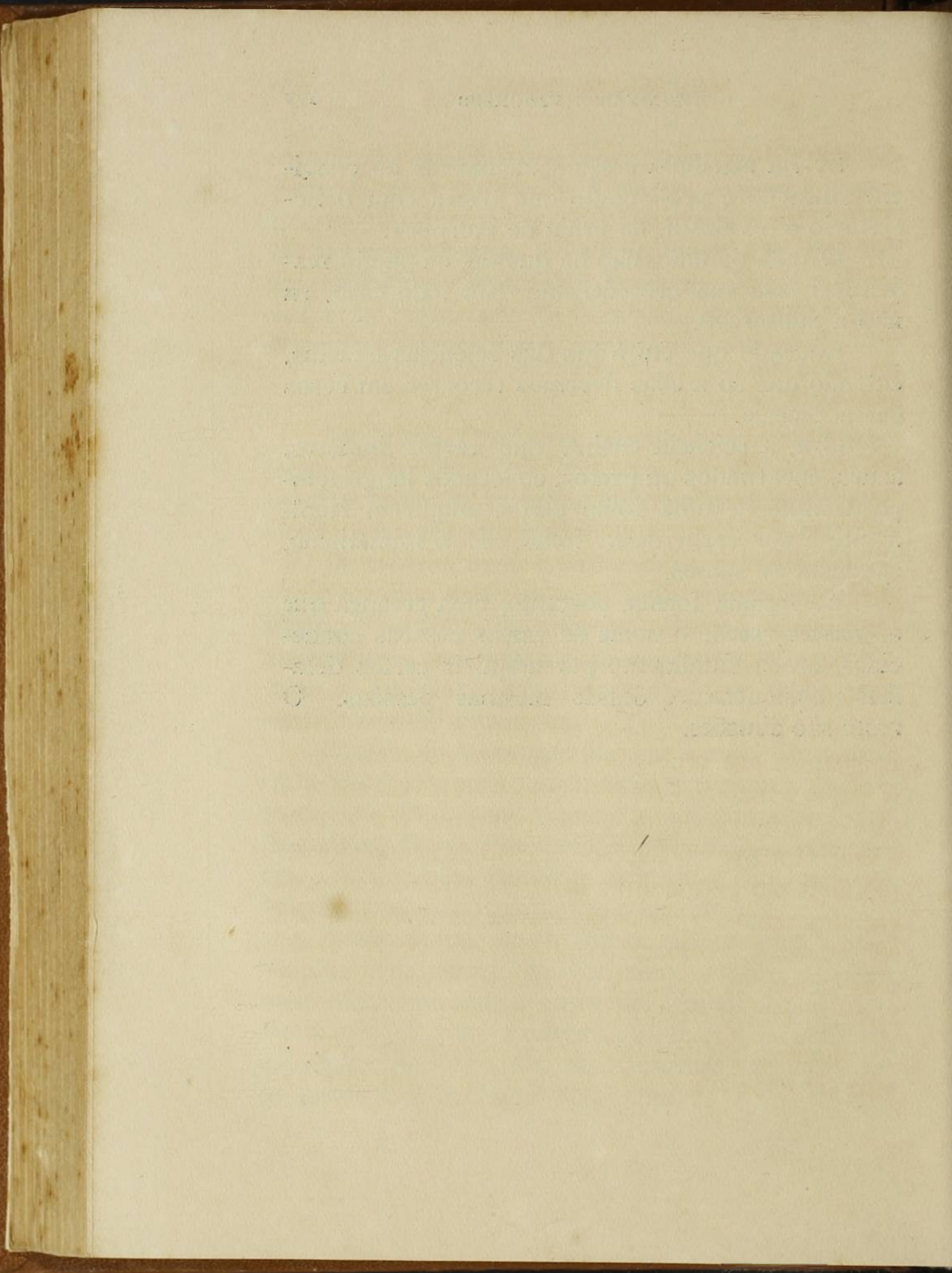
Sylvia attribuia essas semelhanças ao convívio diuturno e prolongado que tivera com o Secretario e o Consul, na praia de Kornbek.

E' uma opinião, não ha duvida, e opinião respeitavel pela sua procedencia. Em todo caso, eu não a subscrevo.

Educado que fui á luz das sciencias exactas, entendo que só a ellas devemos recorrer em casos dessa especie.

Ora, a sciencia ensina que certos insectos, azues, encarnados ou pretos, collocados longo tempo debaixo de uma folha verde, adquirem finalmente a côr verde dessa folha. E' o mimetismo, explicam os sabios.

Da mesma forma, portanto, uma creança que ao nascer recebe o nome de varias pessôas conhecidas, acaba fatalmente por adquirir certos detalhes physionomicos dessas mesmas pessôas. O resto são abusões.



RELENDO hoje os ultimos capitulos deste trabalho, notei com sincero pezar que mais fallei de mim e dos meus sentimentos, do que da inegualavel personalidade do meu biographado.

Em signal de humildade e arrependimento, golpeio-me no peito e digo como o Padre Tope, vigario de Sete Cruzes; *Dominus non sum dignus. Dominus non sum dignus.*

Não obstante, supponho semelhante falta passivel de explicação. E' que, para escrever esta vida de Fagundes, eu sou obrigado a recorrer com frequencia aos archivos da minha memoria, por isso que o material em meu poder é escasso e vago. Ora, a memoria de um velho, posto que nitida, não é precisamente um livro de registo de acontecimentos, mas um pergaminho lustroso, onde o lento roçar dos annos trunca ou destróe os melhores assentamentos. Intactas realmente só ficam algumas sensações fortes da mocidade, dessas que nos fizeram rir ou chorar amargamente.

Dahi a difficuldade em recompor por ella a vida de terceiros e dahi tambem as frequentes at-

lusões a determinados momentos de nossa vida, que reputo inevitáveis.

Não vades crer, posteridade, que as impressões do meu inolvidavel biographado são por isso vagas e fugidias.

Absolutamente. Se é certo, como disse ha pouco, que a memoria de um velho é um pergaminho truncado, não menos real é que os olhos da velhice decifram tudo, mesmo os enigmas de uma pelle comida pelo tempo.

Tomae, pois, como authenticos os factos que este livro encerra e eu vos prometto que daqui por diante não voltarei a tratar de mim, nem dos meus sentimentos, mas pura e exclusivamente daquelle que tanto lustre emprestou á Patria de nossos Paes, á nossa Patria.

Os ultimos mezes de Fagundes na Fiolandia foram consagrados quasi que exclusivamente á propaganda dos nossos principaes productos de exportação.

Para tal fim e com o auxilio de Ramalho, alugou dois commodos no sexto andar de um predio situado na principal arteria do Sund e nelles installou um completo mostruario de tudo ou quasi tudo que produzimos.

Na falta de amostras, que foi impossivel obter, Fagundes, a conselho de Ramalho, mandou pregar nas paredes uma infinidade de recórtes de revistas illustradas, reproduzindo em côres e não raro do tamanho natural os productos constitutivos da nossa prosperidade agricola.

Havia alli, pintado, desde o modesto caroço de feijão mulatinho, dentro e fóra da vagem, até os soberbos caixos de banana ouro, deliciosamente amarellos.

A borracha, o cacáo, a mandioca, o café, o babassú, o mamão, a laranja, os minerios, as pedras preciosas, nada faltava nessas gravuras, ar-

tisticamente penduradas ás oito paredes do apartamento alugado por Fagundes.

Deslumbrado pelo ambiente, Ramalho mudou para alli a séde do Centro dos Camaradas de Santa Cruz e multiplicou as suas conferencias de propaganda, que passaram a ser feitas uma vez por semana.

Desejoso de ser comprehendido por todo mundo, o Barão compunha as suas orações com palavras de varios idiomas estrangeiros. Assim, por exemplo “Le café, this famous bebida...” ou, então: “Den importante figlio degli family of the chinchonaceas”. Graças a essa intelligente mistura, estylo esperanto, força é reconhecer que ninguém sahia das suas conferencias sem ter ao menos comprehendido uma duzia de palavras. Quem já assistiu a esse genero de palestras commerciaes, realizadas em paiz de lingua inabordavel, não póde deixar de reconhecer o valôr dessa percentagem.

Apezar de fartamente annunciadas, taes conferencias eram ouvidas por escasso auditorio: O Embaixador, que as presidia, Karen, dois ou tres “casos” consulares e o autor destas linhas.

Fagundes e Ramalho não se preocupavam com este detalhe.

“Dois hoje, cinco amanhã e ao fim de algum tempo todo o Sund terá ouvido o nosso verbo”, asseguravam ambos.

Finda a reunião, o Embaixador e o Consul tiravam democraticamente o paletó, enfiavam um avental branco, com as armas da Republica e alli

mesmo, deante de todos, um com a chaleira e outro pegando no coador, ensinavam a melhor maneira de se fazer café.

Elaborado o nectar, elles mesmo o serviam aos circumstantes, que o saboreavam lentamente, dando estalidos gostosos com a ponta da lingua.

Quando não era dia de café — cada artigo nacional tinha o seu dia determinado — era o de matte, que Fagundes chamava “o chá dos pobres”, ou então de biscoitos de araruta, que Ramalho fazia na perfeição.

Não parava ahi a propaganda. Aos domingos e feriados, o Embaixador munia-se de pacotinhos de café, patrioticamente arrançados com as côres nacionaes, e atirava-os, do sexto andar, á multidão, que perambulava a seus pés.

Taes pacotinhos eram acompanhados de boletins em que se liam estas palavras amaveis:

“Se não souberdes preparal-o, vinde a mim que terei o maior prazer em vol-o ensinar. Fagundes”.

“Isto é que é propaganda! isto é que é diplomacia moderna!” dizia em baixo Ramalho, disputando á garotada das ruas os pacotinhos de café, para devovel-os a Fagundes.

Mercê desse milagroso expediente, cem pacotinhos apenas eram mais do que sufficientes para serem distribuidos sem interrupção das quatro ás seis da tarde.

Não sei se taes processos augmentaram as nossas exportações para a Fiolandia. Nunca me

dei ao trabalho de consultar as estatísticas. Uma cousa, porém, estou em condições de affirmar com toda a segurança, é que, se não foi satisfactorio o resultado, a culpa não a teve o meu biographado.

A distribuição de mandioca e outras raízes fariginosas foi iniciada sob os mesmos processos. Comtudo, não teve o seguimento que seria de almejar. A policia oppoz-se logo no começo, allegando que semelhante distribuição, feita da janella de um sexto andar, constituia uma grave ameaça á integridade dos transeuntes.

Fagundes ainda procurou argumentar com o exemplo do maná biblico, mas a policia não comprehendeu e manteve a prohibição.

A mim se me afigura que houve acerto na medida. Com effeito, logo á primeira distribuição, feita aliás com o maior cuidado, não foram poucas as pessoas de cabeça quebrada.

Explica-se. As mandiocas eram grandes e pesadas, ao passo que as cabeças fiolandezas, sobre serem macias, tinham apenas a protegel-as frageis gorros de pelle, enterrados até ás orelhas. Esse pequeno incidente desgostou o nosso Embaixador.

“Ah! não querem mandioca, pois não terão mais nada”! E fechou para sempre o mostruario de productos nacionaes de exportação.

Quem não gostou da historia foi o Barão de Ramalho, que se viu na contingencia de remover

a séde do Centro dos Camaradas de Santa Cruz para a mesmissima agua furtada onde se achava o Consulado.

Seria clamorosa injustiça suppôr-se que terminou ahi a propaganda dos nossos productos. Absolutamente. Apenas, em vez de ser feita de uma janella, como dantes, passou a ter logar nas columnas do "Santa Cruz", orgão mensal da sociedade recreativa que lhe deu o nome.

Fagundes tomou a si a direcção da parte commercial, emquanto Ramalho, a exemplo do que vinha fazendo de longa data, tratava da parte social, estampando em cada numero o retrato e a biographia de um politico eminente da nossa terra.

Karen, a loira, traduzia meticulosamente as coisas que ambos escreviam.

A parte de Fagundes era sem duvida a mais importante, não pelas idéas expendidas, que eram poucas ou nenhuma, mas pelas receitas que continha.

Fagundes achava, e nisto deu mais uma prova da sua larguissima visão, que a propaganda jornalística, para ser efficiente, deve ser de molde a interessar as donas de casa, e dahi as receitas culinarias, feitas em estylo singelo e adequado.

A primeira em ordem chronologica foi a da feijoada, cognominada pelo nosso Embaixador de prato "eminente e succulento".

Rezava assim esse pequeno poema alimenticio:

“Deite-se ao fogo uma panella cheia dagua e feijão preto de Santa Cruz. Addicione-se a isto um pouco de sal e um regular pedaço de toucinho, tambem de Santa Cruz. Noutra panella e concomitantemente ponha-se a cozer uma libra de carne secca, uma lingua do Riachão, meio kilo de linguiça e tudo o que a inventiva estomacal de cada um achar conveniente.

Quando tudo estiver bem cozido, retire-se a panella do fogo e sirva-se immediatamente a feijoadada. A dóse de farinha a pôr em cada prato fica ao sabor dos commensaes.

Este quitute, comido com fatias de laranja ou banana, é o mais eminente e succulento dos pratos tropicaes.

N. B. Todos os artigos citados encontram-se nos melhores armazens de Santa Cruz”.

Eu poderia citar ainda uma centena de outras receitas, que tal foi o numero alcançado pela superior inventiva de Fagundes. As relativas ao Perú com farofa, á gallinha de molho pardo, e ao camarão com abobora dagua, por exemplo, mereciam passar á posteridade.

Não as reproduzo aqui pelo receio de que es-

piritos malevolos alcunhem este livro de manual do cosinheiro.

Toda a prudencia é pouca com os zoilos da nossa terra.

Das receitas culinarias, passou o meu grande biographado á descripção das fructas nacionaes, desde a humilde pitanga á robusta e perfumada melancia.

Foi tal a actividade desenvolvida por Fagundes neste genero de litteratura, que ao cabo de poucos mezes já não havia mais de que escrever. Estava exgottado o assumpto.

E' inutil encarecer a relevancia deste serviço. Basta dizer que a edição do "Santa Cruz" constava de quinhentos exemplares, farta e gratuitamente distribuidos pelas mais conceituadas familias de toda a Fiolandia.

AO completar dois annos de missão na Fiolandia, Fagundes confiou-me que estava começando a ficar cansado do posto e que se lhe não dessem a Embaixada em Paris ou Roma, vagas no momento pela morte dos seus respectivos titulares, telegrapharia ao Ministerio pedindo a sua aposentação.

“O que havia por fazer aqui eu já fiz”, afirmava o Embaixador. “Pouco talvez, mas definitivo”.

“Quando cheguei, em que pése a opinião do nosso Consul, a Fiolandia nos desconhecia totalmente”. “Ignorava quem eramos, de onde vinhamos, para onde iamos”. “Hoje, é diferente”. “Não só está ao par da nossa vida, como até da lingua em que nos expressamos”.

“Entre nós dava-se a mesma cousa. Quem sabia, por exemplo, onde era a Fiolandia?”

“E’ verdade”, balbuciei, “nem mesmo o Consul da Fiolandia”.

“Justamente, nem mesmo o Consul da Fiolandia”. “Pois bem, graças aos meus relatorios e sobretudo aos meus innumerados telegrammas, todos

sabem o que isto é, o que consome, e o que não consome. Sabem tudo”.

“E’ justo, pois, que eu tenha um outro posto, de maiores horizontes, porque não estou disposto a passar a vida fazendo ou subscrevendo relatórios sobre o bacalhão, a manteiga e o gado leiteiro fiolandez”.

Eu ia dizer uma cousa qualquer, protestando a minha solidariedade, quando o porteiro da Embaixada entregou a Fagundes um “enveloppe” timbrado do Ministerio, chegado naquelle momento da nossa Politicopolis.

Era um officio do prendado José Cunha, perguntando ao Embaixador, em nome do Ministro, qual o posto que mais lhe convinha no momento.

Dizia assim o officio:

Gabinete do Ministro.

N. 543

Sr. Embaixador,

De ordem do Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores, rogo a V. Ex. a fineza de me informar qual o posto ou postos diplomaticos de sua predilecção no momento.

2. Esta consulta obedece ao criterio adoptado ultimamente pelo Governo de satisfazer nesse particular a vontade dos seus representantes no estrangeiro, certo de que agindo desta fórma mui-

to lucrarão os serviços em geral e a diplomacia em particular.

3. Trata-se, como V. Ex. vê, da applicação do velho proloquio de mechanica popular, de que a locomotiva que melhor trabalha é aquella cujo machinista tem prazer em conduzir.

4. Outrosim, rogo a V. Ex. a bondade de me dizer a razão ou razões que militam a favor da sua pretensão.

5. Todavia, se lhe não fôr dado o posto que V. Ex. escolher, peço-lhe desde já não levar a mal semelhante preterição dos desejos de V. Ex. E' que, nessa hypothese, occorreram circumstancias taes, que o Governo, embora a contragosto, se viu na desagradavel contingencia de attender aos interesses de outrem em detrimento dos sagrados interesses de V. Ex.

Aproveito a oportunidade, etc.”

“Que coincidencia”, notei, “justamente quando V. fallava de remoção!”

Fagundes discordou. Não era coincidencia, mas um caso vulgar de telepathia, e alargou-se em considerações psychicas.

Já não tenho presente o que elle expoz em tal momento e é pena, porque foram cousas profundas e brilhantes.

De resto, a phrase final, que ainda baila nos meus ouvidos, póde dar uma idéa perfeita da sua dissertação maravilhosa.

“Sim, meu caro Procopio, a telepathia é um factó insophismavel”.

Supponho que concordei, porque Fagundes silenciou e poz-se a redigir a resposta.

Não sei quanto tempo levou nessa operação; o factó é que mal rabiscava umas linhas, sacudia a cabeça e rasgava o papel em mil pedaços. Gastou nisso todo um bloco.

Seria estulticia inferir-se dahi que Fagundes não sabia redigir. Puro engano. Ninguem jámais escreveu com tanta elegancia e propriedade.

A razão dessa apparente difficuldade era o seu excessivo rigor pelo que lhe brotava da penna.

“Não sei o que tenho”, confessou-me elle uma vez, “mas tudo quanto escrevo me parece tão chato, tão vulgar, que sou obrigado a recommear varias vezes, até conseguir que a penna corresponda ao meu pensamento”.

Tal confissão, a meu vêr, é sufficiente para incluil-o entre os maiores escriptores de todos os tempos. Realmente, só um attico da linguagem, fallada ou escripta, seria capaz de tamanho esforço em prol do estylo.

Mas vamos ao feito.

Depois de encher a cesta de papeis e de tomar varias chicaras de café bem forte, Fagundes exhibiu-me esta prodigiosa maravilha:

Sr. Dr. José Cunha,
Chefe do Gabinete, etc.
Politicopolis.

Meu prezado patricio e amigo,

Em resposta á sua carta de outro dia, tão gentil quão generosa e bôa, sinto-me feliz em comunicar-lhe que os postos de minha predilecção, no momento, se reduzem a dois: Paris e Roma.

Relativamente ao primeiro, eu poderia dizer que as minhas razões são em tudo identicas ás que levaram V. S. a permanecer por lá durante quinze annos, sem acceitar outro posto ou promoção. Poderia dizer egualmente que Paris é Paris e este argumento seria mais do que sufficiente para justificar a minha pretensão. Mas descanse, eu não usarei desse processo. Direi tão somente que desejo esse posto por questões de esthetica e philosophia. Isto do lado particular, ou intimo.

Sob o ponto de vista publico, citarei apenas as minhas estreitas relações com os homens mais eminentes da patria dos vinhos capitosos.

Quanto ao outro posto, Roma, não gastarei tanto tempo em me explicar. Sou descendente em linha recta da nobre familia de Augustus e, portanto, aparentado com o que ha de melhor na nobreza romana. *Cosi e basta.*

Esperando que o notabilissimo varão que dirige os nossos destinos terá por valiosas as ra-

zões que encobrem os meus desejos, subscrevo-me, etc”.

O Barão de Ramalho, chamado ás pressas para ouvir essa peça magistral, não só concordou com as idéas expendidas, como declarou que o estylo em que se achavam vasadas lembrava superiormente as melhores paginas de Socrates e Archimédes.

Não me lembro se já disse algures que o sonho maximo de Fagundes era ser Presidente da Republica. Se ainda não, declaro-o agora sem reservas.

Fagundes não só ambicionava esse elevado posto, como esperava que o eleitorado de Santa Cruz, em chegado o momento, votasse no seu nome, palpitante de entusiasmo.

E tinha razão de assim pensar. Quem dentre nós reunia os meritos, os serviços e os magestosos dotes de espirito, intelligencia e coração do nosso para sempre illustre Embaixador na Fiolandia?

Accresce que Fagundes, ao deixar a sorridente Politicopolis, recebera as mais inequivocas demonstrações de affecto e confiança dos principaes chefes politicos da nossa terra. Houve um até, acaudalado fazendeiro e senador da Republica, que lhe disse gravemente: “Vá, vá descan-

sado; estude o que de bom houver lá pelas Euro-
pas e venha governar-nos depois”.

Fagundes interpretou esse “depois” como
dahi a tres annos, e candidatou-se mentalmente ás
proximas eleições presidenciaes. Foi, pois, com o
mais humano dos desapontamentos que leu nos
boletins da Carvalhosa a noticia de que a conven-
ção do partido situacionista havia acclamado para
Presidente e Vice-Presidente da Republica, no
quatriennio seguinte, os então Presidentes de São
Pedro e Ribeira, respectivamente.

“Ingratos, murmurou Fagundes, esqueceram-
se de que a Patria necessita das minhas luzes!” e
deixou-se cahir vencido num divan ao lado.

Ainda hoje, quando recordo essa phrase do
meu biographado, não posso conter um oh! de re-
trospectiva admiração.

“Ingratos, esqueceram-se de que a Patria ne-
cessita das minhas luzes!”

Nem mesmo um heróe de Carlyle a diria
com maior belleza e convicção.

Conservei-me durante algum tempo em res-
peitoso silencio, deante da magestade do seu pa-
triotico soffrimento.

Afinal, vendo que o meu grande amigo não
sahia do seu torpor, achei do meu dever consolal-o
e contei-lhe em verso a desdita de Jacob, narrada
pelo estro inegualavel do Immortal Poéta:

“Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel serrana e bella.....”

“Coragem, meu nobre amigo, siga o exemplo
de Jacob”!

“Impossivel”! retrucou Fagundes ainda abati-
do. “Jacob conformou-se porque sempre rece-
beu alguma cousa em troca dos seus esforços, e
eu, que foi que recebi?”

“E’ exacto, concordei, mas quem nos diz que
V. não vae receber? “Sim, quem nos diz que
neste momento em que conversamos, V. não é
Embaixador em Paris ou candidato de peito do
futuro Presidente para uma das pastas mais
importantes da sua administração?” “Em qual-
quer das hypotheses, V. seria o candidato natural
á futura Presidencia”.

Este argumento final, dito com voz pausada e
firme, teve o dom supremo de acalmal-o.

“Tem razão”! contestou, “o melhor é aguar-
dar a evolução dos acontecimentos”.

Reza a consagrada sabedoria popular que os
males nunca veem só, mas aos pelotões e aos regi-
mentos.

A affirmação é exacta, embora exaggerada
quanto ao numero de acompanhantes.

O que vou relatar confirma exuberantemente o rifão citado.

Fagundes estava ainda sob a acção entorpecente da sua preterição, quando novo boletim da Carvalhosa nos annunciou o preenchimento das Embaixadas em Paris e Roma por dois personagens inteiramente alheios á carreira diplomatica.

Dessa vez Fagundes bufou e fel-o com eloquencia verdadeiramente parlamentar.

Chamou nomes feios ao Presidente da Republica, ao Ministro do Exterior, e a propria Santa Cruz, por elle tão querida (Patria, eu te amo! dizia o seu brazão), não escapou nesse dia aos agravos por elle distribuidos com desusada liberalidade.

“E’ um covil de patifes; um antro de mameucos!”

Quem soffreu maiores insultos foi no emtanto o affavel José Cunha, cuja calva precoce e reluzente não teve a honra de amaveis referencias.

Debalde de Souza -e- Castro tentou a sua defeza, affirmando tratar-se de um dos homens mais finos que já produziu a diplomacia indigena.

“Qual nada”! rugia Fagundes, e os insultos cascadeavam por entre os seus dentes cerrados. O joven Trancoso, filho de velho e respeitabilissimo general do Imperio, tampouco escapou á colera do nosso Embaixador:

“E’ uma besta”! uma refinadissima besta, cujo unico merito consiste em fallar o chinez com o

mesmo sotaque cynico das messalinas de Shanghai. E assim por deante, até exgottar os ultimos pingos venenosos do seu figado exhuberante e engorgitado.

“E que pensa fazer agora?” aventurei timidamente.

“Aposentar-me e partir para o campo da lucta”. E, dando accção á palavra, sentou-se á escrevaninha e redigiu com desusada presteza este telegramma sibilino ao Ministerio do Exterior:

“Impossibilitado continuar servindo ordens governo desmoralizado corrupto requeiro immediata aposentação”.

Ficámos perplexos.

“Você vae mandar esse telegramma?” perguntei assustado.

“Hoje mesmo”, retrucou Fagundes, “e é a V., meu caro Procopio, que confio essa delicada missão”. Quero mostrar áquelles salafrarios que um Fagundes é um Fagundes, e não um movel qualquer que se colloca nos cantos”.

Guardei o papel no bolso, disposto a só expedil-o quando Fagundes estivesse mais calmo. Cumpria assim pela primeira vez certo conselho que me dera no alpendre do hotel da Inglaterra: o que pudermos fazer hoje, devemos deixar para amanhã.

Entrementes, de Souza pediu licença para lembrar que o Embaixador não podia requerer

aposentação, por ter apenas dois annos de exercicio, ao passo que as leis em vigor exigiam trinta.

“Ora, esta é muito boa”, replicou Fagundes, ainda irritado; “então o Sr. não conta os annos que servi como promotor, juiz, deputado, Presidente de Estado, etc. etc.? Só ahi estão mais de trinta, contados pelo dobro, é verdade, e nem de outra forma se pode contar, quando se tem atraz de si uma bagagem volumosa de relevantes serviços á nação”.

Um telephonema urgente do Ministerio de Estrangeiros livrou-nos da incommoda presença do Secretario da Embaixada. Ficamos sós, os dois. Fagundes, mais calmo, pediu-me que lhe devolvesse a minuta do telegramma.

“Não quero”, disse, “que me tomem por um despeitado”, e atirou o papel á estufa crepitante.

Levou duas horas a redigir um outro. E' que Fagundes, não querendo magoar os membros do governo, examinava detidamente cada palavra que lhe occorria, para só empregar aquellas cujo sentido não fosse passivel de malevolas interpretações.

“Para que offender os membros do governo”, discorria Fagundes, já reintegrado na sua bondade, “se elles são irresponsaveis como as arvores e os parallelepipedos?”

“E' isto mesmo: que culpa têm as pedras do caminho que eu, ao passar por ellas, distrahidamente, arrebente os pés numa topada violenta?”

“Nenhuma, está visto”!

“Dá-se o mesmo com a inconsciencia dinamica dos governantes”. Que culpa têm esses infusorios do poder que eu, ao subir no páo de sebo da opinião publica, escorregue por sobre os seus corpos gosmentos e caia redondamente ao pé do nada?”

“Tratemol-os, pois, com mansidão e bondade; elles não sabem o que fazem”.

Assim fallando, o meu querido amigo ia polindo e burilando o texto telegraphico do seu pedido de aposentação.

Ainda procurei dissuadil-o da idéa, affirmando que sempre era melhor ser Embaixador do que nada.

Fagundes respondeu que não. Nada, a seu ver, era infinitamente superior: tinha todas as inestimaveis vantagens do cahos, independencia e liberdade, e nenhum dos inconvenientes da diplomacia: desterro, nostalgia e esquecimento.

“Nada é nada”! concluiu philosophicamente o divino autor dos poemas culinarios, “e por isso mesmo tem todos os requisitos para ser tudo um dia”.

Terminada essa divagação, deu-me a ler o texto do telegramma que ia expedir ao Ministerio.

Eis os seus dizeres na eloquencia muda da palavra escripta:

“Achando-me gravemente enfermo exgotamento nervoso adquirido diuturno mourejar exhaustivo trabalho nossa Embaixada Fiolandia rogo encarecidamente V. Ex. conceder-me aposentação elevado posto occupo, esperando meu longo acervo serviços publicos mereça especial mercê conspicuo governo do qual V. Ex. é parte illustre. Confiando deferimento peço V. Ex. receber transmittir honrado Presidente Republica meus protestos viva gratidão constantes immerecidas gentilezas sempre me honraram desempenho cargo”.

Ao chegarmos á Western, Fagundes verificou que estavamos em pleno dia de anniversario da proclamação da Republica e expediu tambem este outro telegrapha :

Exteriores

Politicopolis

Viva Santa Cruz.

Fagundes.

Ao contrario do que estavamos habituados, a resposta veio em vinte e quatro horas, de um lacnismo desconcertante :

Embaixador Fagundes.

Cruzemb. Sund.

Deferido.

Exteriores.

Fagundes ficou atordoado. Apesar de tudo, elle esperava que o governo tivesse ao menos umas vagas palavras de recusa, como dictava a polidez, ou no minimo lhe agradecesse os bons serviços prestados á Patria e á Republica no desempenho do seu elevado cargo.

Aquelle “deferido”, puro e simples, offendeu profundamente o seu nobre orgulho de estadista indispensavel á causa da civilisação. Entretanto, nem uma só palavra lhe sahiu dos labios, que denotasse colera ou despeito.

Nessa hora de occaso, Fagundes, Embaixador aposentado, esteve á altura de Fagundes, estadista e homem de letras.

“Eu bem sei”, disse elle esforçando-se por sorrir, “eu bem sei porque me tratam desta forma”. “Pensam que me incompatibilizei com os altos postos da Republica por ter recebido um titulo nobiliarchico”. “Enganam-se”. “Hei de mostrar-lhes que o Viscondado, longe de ser um tropeço, é mais um titulo de gloria a luzir nos bastidores da politica nacional. E se outros recursos me não sobrarem dos saudosos tempos

que lá vão, hei de zurrar tão fortemente os meus direitos, que acabarei vencendo”.

“Conte commigo”, gritei entusiasmado, “zurraremos juntos”.

Fagundes agradeceu-me cordialmente e perguntou-me se já tinha pedido a minha aposentadoria ao Ministerio. Respondi que não e que não cogitava disso, pois, como Addido honorario que era, nada perdia mandando ás favas a diplomacia.

Creio que essa é a unica vantagem dos cargos honorarios.

Nessa mesma noite, decidimos que partiriamos para a nossa Politicopolis no primeiro vapôr que deixasse o Sund, com destino á terra de Santa Cruz.

Sylvia propoz que fossemos a Paris, que desconheciamos, enquanto o vapôr não sahia; mas Fagundes respondeu que o momento não era de distracções e sim de preocupações; e deixámo-nos ficar no Sund, á espera do vapor.

De conformidade com os dispositivds regulamentares, de Souza -e- Castro assumiu incontinenti a direcção da Embaixada, no character de Encarregado de Negocios. Pela primeira vez, durante annos, não lhe notei sorriso algum á flor dos labios. Creio, porém, que nunca o vi tão satisfeito.

O Barão de Ramalho, ao contrario, mostrou-se nessa conjunctura um amigo fiel e dedicado. Telegraphou ao Ministerio, pedindo licença de um anno para tratar da saúde, passou a direcção do Consulado ao pae de um dos seus "casos" mais recentes, um velho negociante de vinhos, e rogou permissão a Fagundes para acompanhal-o na viagem de regresso á Patria ingrata.

"Nada valho, Excellencia", declarou modestamente esse maduro rebento do velho tronco dos Bulhões, "nada valho, bem sei, mas ainda tenho forças bastantes para despertar a consciencia nacional, gritando-lhe aos ouvidos os grandes meritos que adornam a figura central de V. Ex."

O Embaixador abraçou-o agradecido. Era mais um a zurrar.

Os nossos ultimos dias de Fiolandia foram inteiramente consagrados ás visitas protocollares, ou por outra, a escrever em centenas de cartões destinados a serem distribuidos pelo corpo diplomatico e mundo official, estas letras cabalisticas, indicadas por de Souza — p. p. c.

Toda essa trabalhadeira foi devido á recusa de Fagundes em despedir-se pessoalmente dos collegas e conhecidos.

"Para que, se não conheço ninguem?"

De Souza ainda insistiu, dizendo que se tratava de uma praxe internacional, e que, não a se-

guir, daria pretexto a severas criticas dos collegas.

Fagundes declarou que as não temia, e ficou por isso mesmo.

Só o Rei teve a honra de receber os adeuses pessoaes do meu inconfundivel biographado e isso porque de Souza assegurou que do contrario lhe não dariam a Grã Cruz da Ordem da Raposa Branca, a que tinha incontestavel direito.

“Vou a laço”! disse Fagundes, partindo para o palacio.

Contou-me elle, de volta, que a recepção fôra cordealissima, tendo o Rei, a Rainha e todos os Ministros manifestado profundo pezar pela sua partida.

DEIXÁMOS a encantadora capital da Fiolandia por uma fria e nevoenta manhã de Fevereiro.

No cães, para despedir-nos, só havia de Souza -e- Castro, com uma linda cesta de flores para Sylvia e alguns brinquedos para Maria Pulcheria. Mais ninguém.

Ramalho, cujos “casos”, no seu dizer, montavam a quatrocentos e tantos, attribuiu esse vacuo ao incognito em que viajava, para evitar as lancinantes e compromettedoras scenas de despedida.

Não tendo pezar algum a doer-me no coração, debrucei-me na amurada do navio, disposto a divertir-me com os adeuses e as lagrimas da multidão, que enchia o cães e abarrotava o tombadilho.

Fui logrado. A fiolandeza gente não tem como nós a lagrima facil e abundante; creio mesmo que a desconhece totalmente. Tal foi a minha impressão ao ver-lhes as caras sorridentes, tanto dos que partiam como dos que ficavam.

Dos labios, de vez em quando, saiam-lhe apenas estes sons agudos — farvél! tak! tak! tak!

farvél! farvél! tak! que Ramalho, a meu lado, traduzia como “bôa viagem; bôa viagem”!

Quando a azafama dos adeuses ia mais intensa, um longo apito de sereia abafou todas as vozes. O navio ia largar.

De Souza -e- Castro abraçou-nos demoradamente, amistosamente, enquanto Fagundes lhe promettia promovê-lo assim que chegasse a Politópolis.

Sylvia, até então calada e triste, cahiu-lhe nos braços, chorando convulsamente.

“Como a pobre é sensível”, dizia Fagundes contemplando os nossos esforços, meus e de Ramalho, para desgrudá-la de Souza, contrafeito com essa inesperada expansão.

“Que querem”, soluçava a minha pobre amiga, “tenho tanta pena do Mario! Elle vae ficar tão só!”

Ramalho procurou consolá-la, dizendo que ia mandar um radiô ás suas innumeradas amigas para lhe povoarem a solidão.

“Não é a mesma cousa”, retorquiu, desmanchada, a carinhosa Sylvia, “ellas são tão frias, as fiolandezas!” e isto dizendo recomeçou a chorar copiosamente.

Foi preciso que o cáes, de Souza e o casario todo desaparecessem de nossas vistas, para que os seus olhos cansados parassem de chorar.

Meiga e querida Sylvia, como eras maternal e bôa!

A' medida que o navio avançava, sua marcha tornava-se mais lenta e difficil, devido á congelação das aguas que o cercavam. Não fôra o auxilio prestado por um navio quebra-gelo, que nos veio em soccorro, e teriamos ficado alli, isolados da terra, até que os lilazes de Longa Linha nos trouxessem a primavéra.

Quando, afinal, vencidos todos os obstaculos, o transatlantico se dispunha a transpôr a barra, uma lancha a gazolina, espumando velocidade, fez signal para que parassemos.

“Que será? Que não será?” indagavam inquietos os passageiros, debruçando-se á balastrada do tombadilho.

Parámos. A lancha encostou e o mysterio desvendou-se.

Era o porteiro da Embaixada que trazia um telegramma, para Fagundes, chegado minutos antes da nossa terra.

Serenaram-se os animos e o vapôr reencetou a sua marcha interrompida.

“Aposto que é um telegramma do governo re-considerando o seu despacho sobre a minha aposentação”! gritou Fagundes, abrindo devagar o envolucro que o continha.

Não era; tratava-se apenas da resposta a um telegramma enviado dois annos antes pelo nosso Embaixador, pedindo augmento da verba da casa para installar condignamente a nossa Embaixada na Fiolandia.

Eis o seu theôr:

“Devido estouro verba 15 seu pedido augmento aluguel Embaixada só poderá ser attendido proximo orçamento. Exteriores”.

O resto da viagem correu suavemente. O mar manteve-se calmo todo o tempo, de maneira a não haver enjôos, nem aborrecimentos.

Sylvia, Ramalho e eu dedicámo-nos aos prazeres da dança, que, na opinião de minha amiga, constituia um passatempo ainda mais agradável do que o “trem de ferro” de Kornbek.

Fagundes e Karen — a loira dactylographa do Embaixador aproveitou-se da nossa companhia para voltar a Santa Cruz, em visita a seus Paes — esses trancavam-se de manhã á noite no meu camarote, preparando o formidavel manifesto que Fagundes ia atirar á cara da nação, mal desembarcasse.

Viamol-os pouco, nas horas das refeições, ambos olheirosos e taciturnos. Consequencias do es-

forço mental desenvolvido na redacção do manifesto.

Chegámos, enfim, ao termo de nossa jornada pelo Atlantico.

Ao passarmos pelo Pão de Lot, atalaya gigante da nossa terra, os nossos olhos, já esquecidos de tanta maravilha, estasiaram-se longo tempo na muda contemplação da incomparavel bahia.

Junto a nós, os demais passageiros, de bino-culo em punho, soltavam continuos oh! oh! de admiração.

“Que lindo paiz! deviam elles dizer nas suas complicadas linguas.

Foi essa a primeira vez na minha vida, e, ai de mim, a ultima, que me senti orgulhoso de ter nascido em Santa Cruz.

E' verdade que nunca mais voltei a entrar a barra, nem tampouco a sahir, e isso talvez explique em parte o desencanto em que vivi pelas cousas da minha terra.

E' que os paizes novos, em plena formação politica e ethnica, exigem o prestigio da distancia para serem admirados na sua plenitude.

Fagundes, a meu lado, contava que pretendia verberar energicamente o procedimento do Ministerio do Exterior e dos seus correligionarios, que nunca, depois que se ausentou, tiveram a gentileza de responder ás suas constantes missivas.

A' nossa espera, no molhe, havia apenas o sogro de Fagundes e uns tres ou quatro amigos intimos.

Explica-se. O futuro Presidente havia sido eleito naquelles dias e o pae de Sylvia, alquebrado pelos annos, não militava mais na sã politica.

“Quem sabe se a Carvalhosa não communi- cou a minha chegada?” exclamou Fagundes, na ancia de encontrar uma explicação para o vacuo que se lhe formara em torno.

O sogro tirou-lhe esta illusão mostrando-lhe a secção “Partidas e Chegadas”, do “Jornal dos Mercantes”, na qual se lia:

“A bordo do Lunatic, chega hoje da Fiolandia, acompanhado de sua Exma. Senhora, o Embaixador aposentado Dr. Manoel Augusto Ribeiro Fagundes”.

Era tudo.

Pelas faces do meu nobre amigo duas lagrimas discretas e envergonhadas rolaram dõcemente, enquanto os seus labios se abriam para murmurar estas palayras dolorosas:

“Dois annos de diplomacia fazem de um politico eminente uma visãõ do passado”.

Ficámos revoltados. Era assim então que a Patria recebia o mais conspicuo e sabio de seus filhos?

Que ingratiidãõ, meu Deus do Céõ!

A poucos passos dalli, os guardas aduaneiros, depois de um milhão de inuteis formalidades, acabaram de nos tirar os restos de prazer que ainda sentiamos pelo regresso ao berço que nos viu nascer.

Sahimos enojados.

Lá fóra, na rua, uma multidão de caras esverdeadas deu-nos a impressão de que entravamos num lindo e magestoso hospital.

Quando Ramalho e eu nos iamos despedir, cada qual em busca de um hotel, Fagundes, até então entregue ao mais pythagorico dos silencios, convidou-nos a fazer-lhe companhia no seu luxuoso palacete da Praia de Fóra.

Acceitámos jubilosos, tanto mais quanto a idéa da separação nos cerrava a garganta, dolorosamente.

Ramalho ainda procurou impôr condições, dizendo que só acceitava se a "vacca" fosse permittida.

Fagundes não comprehendeu, mas pensando que se tratava de uma allusão á historia de José no Egypto, respondeu que sim, que estava de accôrdo.

Partimos, pois, para a Praia de Fóra, inclusive Karen, cujos paes, domiciliados em S. Pedro, lhe escreveram, — assim nol-o affirmou — pedindo que não fosse vel-os, porque a estrada de

ferro de Santa Cruz, unico meio de conducção para as suas terras, estava em tão más condições que, servir-se dos seus trens, era arriscar prosaicamente a pelle e a vida. Elles mesmos, por causa disso, já estavam em tratos para alugar duas mulas e um guia, e dentro de algumas semanas esperavam abraçal-a na capital da Republica.

Está claro que essa historia me não pareceu das mais verazes; Karen, porém, era tão linda, tão util aos trabalhos de Fagundes, que todos nós, inclusive Sylvia, nos rejubilámos que assim fosse, só para tel-a algum tempo mais em nossa companhia.

Ou porque o dia fosse muito quente e o seu organismo já estivesse habituado á temperatura glacial da Fiolandia, ou porque os ultimos acontecimentos, eivados de imprevistos desconcertantes, o tivessem abalado profundamente, o facto é que Fagundes se sentiu mal, minutos depois de chegar ao seu palacete.

“E’ maleita”! diagnosticou Ramalho, e, sem nos dar tempo de chamar um medico, deitou-o á cama e deu-lhe a engulir quatro comprimidos de aspirina.

O proprio Fagundes não deu attenção á enfermidade.

“E’ uma cousa de nada; cansaço, talvez; não precisa chamar medico”, dizia elle a cada instante.

Infelizmente, a manhã seguinte incumbiu-se de provar que a doença do meu grande amigo era infinitamente mais grave do que suppunhamos.

Fagundes ardia em febre de quarenta grãos.

“Cubram-me; descubram-me”, pedia elle a cada instante, dominado por alternados accessos de frio e de calôr.

O delirio, por sua vez, tomara conta do seu formoso espirito. Não era um delirio vulgar, de palavras soltas e desconexas, mas raciocinado e claro, se assim me posso exprimir, em que as phrases lhe sahiam perfectas e sensatas.

De falso, propriamente, só havia a idéa central, que o fazia discorrer como se fosse o Chefe Supremo da Nação.

“Sr. Ministro”, dizia elle a miude, “a Patria está salva; divirtamos o povo”; ou então, “o cambio está subindo; amarre o cambio”, ou ainda, “o imposto sobre a renda é uma cafagestagem do Estado; supprima-o”.

Como se vê, eram phrases curtas e incisivas.

O Barão, a meu lado, sussurrou-me ao ouvido que se tratava de um delirio politico-administrativo.

Concordei facilmente, mesmo porque, a menor discussão poderia aggravar o estado de meu amigo.

Qualquer, porém, que fosse a nossa opinião sobre a qualidade do delirio, o facto é que estávamos altamente alarmados.

Deliberámos, pois, chamar um medico a toda a pressa.

A escolha recahiu no Dr. Moraes, recomendado pelo sogro de Fagundes. Era um mulato meão de idade, de cara bexiguenta e apalermada.

“Que é que o Sr. sente?” indagou o facultativo tomando-lhe o pulso.

Fagundes não entendeu e perguntou pelo seu lado:

“O Sr. é poeta?”

“Não, senhor”.

“Está bem. Procopio, lavre o decreto deste cavalheiro para Ministro das Finanças”.

O medico esboçou um sorriso, mas deu com os nossos olhos angustiados e ficou sério.

Fagundes passou então a discorrer sobre o flagello das seccas e o problema do nordeste.

O facultativo aproveitou-se dessa digressão para auscultar-lhe o peito e o coração.

“O que o Sr. tem é uma inflammação da pleura. Vou receitar-lhe uma poção que o restabelecerá em sete dias”.

“Canalise os rios, Sr. Ministro, canalise os rios e a secca desapparecerá”, retorquiu Fagundes, delirando.

Quando o medico ia sahindo, Sylvia foi-lhe ao encalço e perguntou-lhe se de facto o estado do marido não inspirava cuidado.

“Não. Nenhum”, insistiu Galeno. Tratava-se apenas de um caso de pleuriz, muito commum na sua clinica. A poção que receitára pol-o-ia bom em poucos dias. A questão era não esquecer de ministrá-la a tempo e a hora. No mais, chá com torradas, sem manteiga, e caldo de gallinha.

“Mas o delirio, que significa esse delirio?” perguntei angustiado. Tambem não era nada. “Consequencia da febre; phenomeno secundario”, concluiu o medico, despedindo-se.

A’ vista disso, a tranquillidade voltou a sentar-se em nossa mesa e a dormir em nossos leitos.

Ao cabo de dois dias, Fagundes continuava na mesma, senão peor. Já não delirava com tanta frequencia, é certo, mas quando o fazia era de pé, na cama, gesticulando como um louco. Impressionante e burlesco.

O Dr. Moraes tranquillisava-nos, assegurando que aquillo era a marcha da molestia, e que no fim da semana o nosso amigo estaria radicalmente curado.

“Continuem com a poção, continuem com a poção”, repetia invariavelmente. E nós obedecíamos, esperançados.

Entretanto, Fagundes definhava e delirava: “A Patria está salva! divirtamos o povo”!

A manhã do setimo dia, longe de trazer-lhe a cura, ainda mais aggravou os seus padecimentos.

Karen, a quem tocara o plantão da noite, contou-nos que elle a passara agitadissimo, levantando-se a cada instante para receber personalidades imaginarias.

“Tenha a bondade de entrar, Sr. Embaixador..... A guerra é inevitavel..... segure o cambio..... segure o cambio..... as eleições são um mytho.....”

Depois desses accessos, que se repetiam com frequencia, o pulso enfraquecia e a respiração tornava-se difficil e estertorosa.

No quarto ao lado, Maria Pulcheria, na dôce inconsciencia dos seus verdes annos, ria e brincava, puxando as barbas brancas do seu respeitavel avô.

Tudo mais, em derredor, era tristeza e desolação.

A um signal de Sylvia, fomos para o salão, deliberar sobre as providencias que a gravidade do caso exigia.

Ramalho propoz que se chamasse um outro medico, por não lhe inspirar confiança a sciencia do Dr. Moraes. O pae de Sylvia discordou. O

melhor, a seu ver, era chamal-o ainda uma vez, para ver o que dizia; e, se de facto ficasse demonstrado que o seu diagnostico era falso, então sim... Nada impedia, porém, que se chamasse um padre, para ungil-o...

Ao ouvir estas palavras, Sylvia foi presa de forte crise nervosa, que só acalmou quando lhe explicámos que a vinda de um padre não queria dizer que Fagundes estivesse desenganado.

Longe disso, era até para apressar a cura, e contamos-lhe uma serie de casos, passados com amigos e parentes nossos, já moribundos, que se tinham salvo com a intervenção dos pastores de Deus.

Resolvido esse ponto, expedimos immediatamente dois famulos, um para a casa do medico e outro para a do vigario da freguezia.

O Padre foi o primeiro a chegar.

Recebemol-o commovidos e com esse vago pavôr do além, tão commum nessas occasiões.

Fagundes mal o avistou sentou-se na cama, arquejante e pediu "ao Nuncio que o desculpasse por acolhel-o daquella forma, mas não queria retardar a entrega das suas credenciaes".

O Padre desculpou-o docemente e perguntou se tinha algum peccado a confessar. Fagundes respondeu que não e pediu noticias do Papa.

Deante disso, o velho reverendo abriu um livrinho que trazia e começou a rezar.

Fagundes fechou os olhos, parecendo dormir, mas, quando sentiu nas faces uns pingos de agua benta, despertou sobresaltado e pediu a Ramalho para ler o seu discurso de resposta.

O medico chegou pouco depois. Ficou muito admirado de encontral-o naquelle estado, mas continuou a dizer que não era nada e que perseverassem na poção.

Era demais.

Por deliberação unanime do conselho de familia, chamamos outro medico, ao acaso da lista telephonica.

O novo facultativo, cujo cartão dizia ter longa pratica de hospitaes do velho mundo, chamava-se Dr. Portella. Era moço ainda e conversado. Puzemol-o em pouco ao corrente da vida do nosso amigo, do abalo que soffrera com as ultimas eleições presidenciaes e do rumo assustador que ia tomando a sua molestia.

Fagundes recebeu-o com o costumado estribilho: “ a patria está salva! divirtamos o povo”!

O Dr. Portella, já prevenido, não lhe deu importancia. Examinou-o detidamente, minuciosamente e alli mesmo, deante do enfermo, declarou-se em desaccôrdo com o seu collega. Não era pleuriz, mas um caso typico de traumatismo politico.

Comtudo, por via das duvidas, pediu licença para chamar um collega seu, especialista de molestias mentaes, afim de, com as suas luzes, esclarecer definitivamente o diagnostico.

Dentro em pouco, os dois clinicos fecharam-se no quarto de Fagundes, tendo apenas Karen por testemunha

Ignoro o que se passou entre elles durante o largo espaço de duas horas, que tanto durou a conferencia.

O facto é que, ao sahirem, o estado de Fagundes continuava o mesmo; mudara apenas o diagnostico, que, de traumatismo politico, passou a chamar-se — exgottamento nervoso proveniente de excessos venereos.

Que disparate! Excessos venereos! Fagundes que só possuia uma venera, a raposa branca da Fiolandia!

Não obstante, seguimos cuidadosamente o tratamento indicado, que consistia numas injeccões curiosas, cujo nome se determinava por tres numeros seguidos, em forma de centena.

Entrementes, recebemos a visita do Presidente eleito da Republica, que, sabendo enfermo o seu dilecto amigo e correligionario, quizera testemunhar-lhe o seu apreço visitando-o pessoalmente (sic)

Levamol-o com todas as honras ao quarto do enfermo. Este, porém, tomou-o por um dos seus auxiliares e ordenou-lhe que declarasse guerra ás Philipinas.

“Pobre amigo”, murmurou o Presidente eleito, “e eu que pensava convidal-o para collaborar na minha administração!”

Tanto bastou para que a imprensa do paiz voltasse a occupar-se de Fagundes, como nos aureos tempos em que a luz da sua intelligencia illuminava Santa Cruz.

Eram columnas e mais columnas laudatorias, e no meio da pagina, em lettras garrafaes, estampava-se invariavelmente o boletim relativo aos menores detalhes da sua vida de enfermo.

“O Embaixador Fagundes continúa em estado gravissimo; entretanto, os seus medicos assistentes ainda não perderam a esperanza de salvall-o”.

“O Embaixador Fagundes passou relativamente bem o dia de hontem, tendo se alimentado com frequencia de chá e caldo de cereaes. O seu estado, porém, continúa a inspirar sérios cuidados”.

De vasia e triste que era, a nossa casa passou a ser frequentada por tudo o que de mais selecto e fino havia na sociedade, nas lettras e na politica do paiz.

Eram Ministros, senadores, deputados, funcionarios, homens de negocio, cuja presença, de manhã á noite, enchia as salas e os corredores de vozes, pontas de charuto, escarros e fumaça. Todos queriam saber como ia passando “o grande homem” e faziam questão de deixar os seus cartões nas salas que, para tal fim, collocámos ao longo do vestibulo.

O numero de telegrammas recebidos elevava-se a milhares.

Desde logo e insensivelmente, Ramalho passou a desempenhar as funcções de introductor e informante dos admiradores de Fagundes.

Era de vel-o, solenne e impertigado, percorrendo os grupos, a dizer com estudada singeleza: S. Ex. vae melhor; está tomando o seu chásinho; ou então, de modo mais intimo: o nosso homem acaba de tomar uma lavagem.

Si se tratava, porém, de um politico em evidencia, elle não deixava de accrescentar que S. Ex. havia mandado lembranças...

Foi num desses dias de casa cheia que o velho sogro de Fagundes me disse ao ouvido, philosophicamente, que a maior belleza do regimen republicano era a rotatividade dos centros da sympathy e do affecto.

Sylvia não sabia mais o que fazer das flôres que recebia. Os seus aposentos particulares já

não tinham um só palmo disponível. Até sobre o guarda vestidos e dentro da banheira havia “corbeilles” em profusão.

Somente Fagundes, a causa e o fim dessas manifestações, continuava indiferente ao meio que o cercava, occupando-se apenas do governo imaginario que lhe povoava o cerebro agitado pela febre.

Foram-se mais quinze dias, que, para nós, exhaustos, pareceram uma eternidade.

Finalmente, na manhã de 22 de Março de 19...., quando todos, á sua cabeceira, pediamos a Deus pelo seu restabelecimento, Fagundes, muito calmo, agarrou as mãos de Karen e pronunciou estas palavras do seu brazão: Patria, eu te amo! Em seguida, um profundo gemido sahiu-lhe do peito cavernoso e os seus olhos, outróra cheios de vida, fecharam-se para sempre.

Fagundes transpuzera o portico da Immortalidade.

Os funeraes de Fagundes tiveram a imponencia que merecia o seu acendrado affecto á patria que illustrara.

Não foi um enterramento, foi uma apotheose posthuma.

O governo decretou luto nacional; o commercio e as escolas fecharam as suas portas, e o povo inteiro da gloriosa Politicopolis tributou ao illustre morto a mais sincera e commovente das homenagens, — a homenagem das lagrimas.

Entre os dizeres das centenas de corôas que cobriam o seu dourado coche, havia estes, que denotam o apreço em que era tido o mais genial dos estadistas contemporaneos:

“Ao immortal Fagundes, a Patria agradecida”; “Ao preclaro concidadão e Amigo, o Presidente da Republica”; “Ao inolvidavel estadista e companheiro, o Presidente eleito”; “Ao filho eminentissimo, a maternal saudade de Ribeira” e muitissimos outros.

De ordem privada citarei apenas o distico de Sylvia: “Ao Manéco idolatrado, o coração partido de sua fiel e amada companheira”, e este de Ramalho: “Mestre illustre, as vossas licções serão seguidas. Oremus”.

O cortejo funebre chegou ao cemiterio na indecisão do crepusculo. Uma multidão calculada em cem mil pessoas enchia-o completamente.

Foi preciso que uma vintena de cavallarianos, de espada em riste, abrisse caminho para a passagem da urna funeraria, seguida do Presidente da Republica, da familia e demais pessoas gradas.

Innumeros e commoventes foram os discursos proferidos á beira do tumulo; nenhum, porém, mais eloquente e verdadeiro do que o pronunciado pelo velho deputado ribeirense, Dr. Joaquim Pereira.

A simples reproducção da parte final, corrobora a minha affirmação.

“Não, tu não morreste, Fagundes. Quem desapareceu foi a parte material que resguardava do vento e do frio os thesouros inexauriveis de tua intelligencia sem par.

O teu espirito, porém, vive e viverá sempre, eternamente, emquanto na Patria houver um cidadão e no mundo pairar a recordação dos teus feitos impereciveis.

Tu não morreste, ó nobre amigo; descansas apenas.

Até á vista”!

O inimitavel poeta Venturoso Garcia, alto funcionario do Ministerio das Obras Publicas, concorreu igualmente para a glorificação do meu inolvidavel amigo, publicando no “Jornal dos Mercantes”, sob a epigrapha: “Ode Maiuscula e Pathetica”, uma longa e formosa nenia em versos brancos.

Na impossibilidade de reproduzir todo esse bellissimo poema, que figura hoje em dia entre

as mais tocantes paginas de "Musa Verde e Amarella", o melhor livro do Poeta, contento-me com transcrever alguns dos seus versos, apanhados ao acaso:

Era noite já. A lua nova lá em cima
Parecia um pedaço de queijo comido pelos ratos,
E o céu, loiro de estrellas, fazia pensar constantemente
No ultimo emprestimo de cem milhões de dollars,
Ao typo 85. Eu, no emtanto, que ironia do destino,
Só tinha no bolso dez tostões pro bonde.
Fiquei furioso e não olhei mais para cima.

Na minha frente, puxada por seis cavalheiros de
cartola,
Seguia a carreta com o corpo de um amigo meu
de infancia,
A carreta chiava. Não sei se era por falta de graxa,
Ou devido ao peso do morto e do caixão.

Rá, rá, rá, trá rá. Rá, rá, rá, trá rá.

Podia ser tambem que fosse
Uma simples illusão auricular.
Fui andando para a frente.
Accenderam-se tochas para illuminar o caminho.
As cigarras vendo isso e cuidando que era o Sol,

Começaram a cantar:

Xi, xi, xi, xi. Xi, xi, xi, xi. Xi, xi, xi, xi.

Outras mais robustas respondiam

R r ó ó ó ó ó ó ó R r ó ó ó ó ó ó ó R r ó ó ó ó ó ó

Na tristeza do cemiterio esses cantares
Pareciam a marcha funebre de Chopin.
A meu lado, um sujeito de preto, com lagrimas
nos olhos,

Perguntou quem era o morto. Não respondi.
Fui andando, andando, andando, andando, andando
Até que todos pararam. Então parei tambem,
Do contrario não teria parado.

A noite era tão fresca. O caminho tão bom!
Começaram os discursos.

Durante uma hora inteira os meus ouvidos
Encheram-se de elogios ao finado:

“Grande homem; vulto illustre; genio immarces-
[sivel;

Gloria da humanidade; Embaixador fecundo;
Conspicuo cidadão; idolatrado mestre;
Intelligencia de escól; estadista assombroso”.

Tudo isto eu ouvi fumando o meu cigarro.

Afinal, cessou o fallatorio.

Quatro homens possantes baixaram o caixão á se-
[pultura.

Lagrimas, gritos, vertigens, chiliques,

E a pá de cal correu de mão em mão,

Até que veio parar nas minhas mãos.

Fiz como os outros: atirei a cal sobre o caixão

E abracei a familia do finado.

Condolencias, condolencias, condolencias,

Condolencias, lencias, lencias.

Fui me embora.

A campana do cemiterio badalava agudamente

Dlem, dlem dlem, dlem, dlem, dlem, dlem,

Tomei o primeiro bonde que passava.

Em caminho lembrei-me que ainda não jantara.

Desci no ponto de cem reis.

Tomei uma media com provence torrado.

Paguei novecentos com a gorgeta.

Já não tinha mais dinheiro para o bonde.

Fui andando a pé pra casa.

Tlaco, tatlaco, tlaco, tatlaco, tlaco, tatlaco,

Chovia quando entrei em casa.

Ave Poéta, em nome da familia enlutada eu
agradeço o teu carpir!

E' tempo de terminar estas paginas de amor e de saudade.

Não me deterei, portanto, a contar os innumeros incidentes occorridos durante a execução do inventario, aos quaes não foi estranha a desmedida ambição dos medicos que trataram de Fagundes. Limitar-me-ei, neste particular, a dizer que a fortuna do meu sempre chorado amigo e mestre, constante de predios, titulos e terrenos elevava-se a oito mil historias da nossa moéda, ganhadas honradamente no exercicio dos innumeros e importantissimos cargos publicos que occupara em vida.

Só como Embaixador na Fiolandia, durante o curto espaço de dois annos, elle conseguiu juntar para mais de 300 historias, sem prejuizo, como já vimos, da salutar propaganda dos nossos productos na terra glacial das noites brancas.

Sylvia e Maria Pulcheria, mulher e filha que eram de um homem internacionalmente cele-

bre, tornaram-se herdeiras universaes. Karen, a loira e bondosa Karen, recebeu, de accordo com o codicillo, um cheque de cem historias, “como penhor de imorredoura gratidão”.

Voltou pouco depois para a Fiolandia, em companhia de seus velhos paes.

Quanto a mim e Ramalho, ficámos morando ainda algum tempo com a meiga Sylvia, no seu rico palacete da praia de Fóra, até que se deslindaram as ultimas tramas do inventario.

Eram passados doze mezes depois que ouvimos pela derradeira vez a idolatrada voz do inesquecível Fagundes.

Sylvia era então um delicioso fructo na encantadora sazão dos seus trinta e tres annos.

A tristeza dos dias passados não deixara vestigios no marmore do seu corpo, nem nos lagos profundos dos seus dois olhos castanhos.

Dentro em pouco era a viuva mais fallada e requestada de toda a Politicopolis. Entretanto, não queria ouvir fallar de casamento.

Respeitei-lhe os escrupulos e fui a Ribeira receber uma pequena herança, deixada por uma velha tia.

Estive por lá dois mezes e meio. Quando voltei, a viuva de Fagundes era a legitima esposa do Barão de Ramalho.

Devido a esse acto irreflectido daquella que outróra me jurara amor eterno, Maria Pulcheria, já então Pulcheria apenas, filha de Fagundes e minha filha, victima do mimetismo ambiente, tor-

nou-se o retrato do usurpador do leito de seus maiores. Não descrevo a dôr que de mim se apossou ao vêr por terra, miseravelmente desfeito, o castello feudal dos meus antigos amôres.

Cheguei a pensar em liquidar com a vida. Sim, para que sobreviver á ruina da minha felicidade? Para que?

O que me salvou, nesse doloroso transe, foi a difficuldade em descobrir uma morte inédita e condigna. Levei tanto tempo nesse mistér que, ao decidir-me, a dôr arrefecera e a alegria de viver voltara a circular nas minhas veias. Não me matei. E hoje, passado tanto tempo, é com verdadeiro reconhecimento que levanto os olhos para o Céu e dou graças ao Creador por ter mudado então o meu pensar.

Do contrario, este livro não seria escripto, nem o tumulo do meu genial amigo. feito por subscrição popular, ostentaria aos olhos pasmados da posteridade este epitaphio digno do seu deslumbrante e formidavel talento: Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos ossos do Immortal Fagundes.

FIM

The first part of the history of the
 world is the history of the
 creation of the world and the
 life of the first man, Adam.
 The second part is the history of
 the world from the time of
 Noah to the time of the
 birth of Jesus Christ.
 The third part is the history of
 the world from the time of
 the birth of Jesus Christ to
 the present time.

X uz. -

370.000,-

p/ Dr. Josef Hündlin (exame)

alc Stefan - SP

17114

